

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES
Programa de Pós-Graduação em Artes

Simone Torres de Lima Bernardino

TECENDO:

Narrativas de vida como potencia para fazer Arte no contexto escolar

Belo Horizonte

2023

Simone Torres de Lima Bernardino

TECENDO:

Narrativas de vida como potencia para fazer Arte no contexto escolar

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Artes.

Orientadora: Prof^a. Dra. Rosvita Kolb Bernardes

Área de concentração: Ensino-aprendizagem em Arte



Belo Horizonte

2023

Ficha catalográfica
(Biblioteca da Escola de Belas Artes da UFMG)

| | |
|----------------------|--|
| 707 B523t 2023 | <p>Bernardino, Simone Torres de Lima, 1985- Tecendo [recurso eletrônico] : narrativas de vida como potencia para fazer arte no contexto escolar / Simone Torres de Lima Bernardino. – 2023. 1 recurso online.</p> <p>Orientadora: Rosvita Kolb Bernardes.</p> <p>Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes. Inclui bibliografia.</p> <p>1. Arte – Estudo e ensino – Teses. 2. Educação do adolescente – Teses. 3. Bordado – Teses. 4. Escolas públicas – Minas Gerais – Teses. 5. Arte – Metodologia. I. Bernardes, Rosvita Kolb. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III. Título.</p> |
|----------------------|--|



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES
COLEGIADO DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES

FOLHA DE APROVAÇÃO

Assinatura da Banca Examinadora na Defesa de Dissertação da aluna **SIMONE TORRES DE LIMA BERNARDINO** - Número de Registro - **2021699557**.

Título: **“Tecendo: narrativas de vida como potencia para fazer Arte no contexto escolar”**

Profa. Dra. Rosvita Kolb Bernardes – Orientadora – EBA/UFMG
Profa. Dra. Ana Cristina Carvalho Pereira – Titular – EBA/UFMG
Profa. Dra. Claudia Starling Bosco – Titular – UFMG

Belo Horizonte, 28 de novembro de 2023.



Documento assinado eletronicamente por **Rosvita Kolb Bernardes, Servidor(a)**, em 29/11/2023, às 12:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Claudia Starling Bosco, Professor(a)**, em 29/11/2023, às 13:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ana Cristina Carvalho Pereira, Professora do Magistério Superior**, em 29/11/2023, às 17:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Mariana de Lima e Muniz, Coordenador(a) de orçamento**, em 30/11/2023, às 11:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2851726** e o código CRC **73C1C482**.



Dedico essa escrita a mim. Que aprendi com os tropeços que sou uma boneca de espiga de milho maior do que imaginei por anos. Dedico a mim, menina roceira, mulher, mãe, artista, professora e pesquisadora. Dedico a mim e a tudo e todos que me fizeram ser quem sou e a quem ainda posso ser.

AGRADECIMENTOS

Ao paralisar o que vejo por meio das fotografias e dar cor a elas com as linhas, percebo que muitas vezes eu fui, mas também fiquei. Feito córrego, que se vai e volta, que encontra e se encontra e traz.

Muitas vezes, descobri quem eu era depois que o instante já havia passado. E outras vezes, sujeitos me descobriram.

Agradecimentos afetuosos a esses sujeitos: às minhas queridas professoras Rosvita Kolb Bernardes e Ana Cristina Pereira que me deram apoio e coragem nesse projeto. A outros professores que ficaram pelo caminho: Cecília Cezar, Conceição, Pará, Geraldo Loyola e Juliana Gouthier.

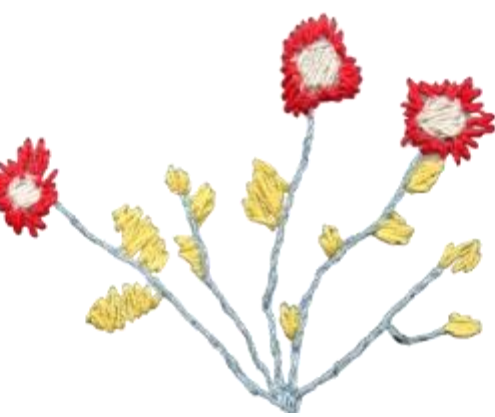
Aos de casa: meu companheiro Carlos, filho Benício, Mãe Izani, Pai Getúlio, irmão Vagner, irmã Shirley, amiga Márcia e avó Sebastiana, que me possibilitou chegar na costura.

Aos amigos e crianças que encontrei pelo caminho e dentro dos muros da escola. À Escola Municipal Lívio Múcio Conrado Silva – Sr. Tito e ao Paulo Cardinali que me levou às águas novamente.

E aqueles que mesmo na pressa e medo do dia a dia, me deram um empurrãozinho quando pensei em não ir: Fanny e Luiz.

E por fim e de mais importância, o Criador que me permite viver todos os dias.





“Ser original não é fazer nada diferente, ser original está ligado às suas origens, quando você vai nas suas origens e fala e expressa o que você está sentindo, aí é a verdadeira arte, aí é ser original”. (Adel Souki)

RESUMO

Esta pesquisa decorre da minha prática e lugar enquanto artista/professora/pesquisadora, quando trago minhas experiências e produções visuais, tendo o bordado como materialidade para estabelecer conexão do ser-artista com o ser-professora-pesquisadora. Trazendo aspectos teóricos e apresentando a poética que surge pelo meu caminho e de estudantes de escola da rede pública de ensino, pretendo elucidar como se dá o ensino de arte nesse lugar e como levei o bordado para a sala de aula e, respectivamente, como foi esse processo de bordar por estudantes e adolescentes. Passando por referências contemporâneas no bordado, como Rosana Paulino, Arthur Bispo do Rosário, Edith Derdyk e Rodrigo Mogiz, busco dialogar com minha prática artística as imagens que foram surgindo pelo caminho e que de alguma forma, fizeram parte da narrativa e produção desses estudantes. Eu, enquanto sujeito, estou em uma investigação que é impregnada pela minha prática, onde o que eu pesquiso se dá no lugar artista-professora-pesquisadora. Os estudantes nos deixam pistas de como ainda é urgente um olhar para o ensino de arte dentro das escolas e, com elas, caminho por esse texto utilizando o método de pesquisa a/r/tográfico, uma “metodologia de pesquisa educacional baseada em arte”, de Irwin (2003); sigo também pelo caminho da pesquisa (auto)biográfica de Delory-Momberger (2016). A partir dessas referências, busco investigar o ensino/aprendizagem em arte que parte da minha produção numa perspectiva contemporânea, a partir de experiências e vivências de alunos, tendo o bordado como fio de conexão. Faço uma escolha de utilizar a metáfora da água e da linha, pois foi a partir de um córrego, num lugar de infância, que cheguei ao bordado.

Palavras-chave: ensino-aprendizagem em arte; bordado; a/r/tografia; autobiografia; escola pública.

ABSTRACT

This research stems from my practice and position as an artist/teacher/researcher, when I bring my experiences and visual productions, using embroidery as a material to establish a connection between the artist-self and the teacher-researcher-self. By incorporating theoretical aspects and presenting the poetry that emerges through my path and the children in public schools, I aim to elucidate how art education takes place in this setting and how I brought embroidery into the classroom, as well as how the process of embroidery unfolded for children and teenagers. Drawing on contemporary references in embroidery, such as Rosana Paulino, Arthur Bispo do Rosário, Edith Derdyk, and that, in some way, became part of the narrative and production of these children. As a subject, I am engaged in an investigation that is imbued with my practice, where my research takes place within the realm of the artist-teacher-researcher. The children give us clues about how urgent it still is to look at art education within schools, and with them, I navigate through this next using the a/r/tographic research method, an “educational research methodology based on art”, by Irwin (2003); I also follow the path of (auto)biographical research by Delory-Momberger (2016). Drawing on these references, I seek to investigate art teaching/learning that starts from my production, in a contemporary perspective, based on the experiences and lives of students, using embroidery as a thread of connection. I in a place of childhood that I arrived at embroidery.

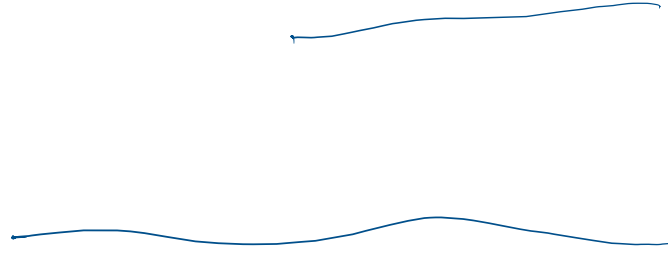
Keywords: teaching-learning in art, embroidery, a/r/tography, public school.

LISTA DE IMAGENS

| | |
|--|----|
| Imagem 1. Carta H.K. | 11 |
| Imagem 2. Carta Maria Eduarda | 12 |
| Imagem 3. Professora | 17 |
| Imagem 4. Folha bordada | 21 |
| Imagem 5. Qual cor estou hoje? | 24 |
| Imagem 6. I love you | 27 |
| Imagem 7. Série: Estágio e bordado | 28 |
| Imagem 8. Eu tenho um sonho | 39 |
| Imagem 9. Fogão à lenha | 40 |
| Imagem 10. Fragmentos | 40 |
| Imagem 11. Esconder | 41 |
| Imagem 12. O que realmente importa? | 41 |
| Imagem 13. Bastiana | 42 |
| Imagem 14. Tecido costurado | 43 |
| Imagem 15. Pássaro bordado | 44 |
| Imagem 16. Esboços | 47 |
| Imagem 17. Já se vestiu de esperança hoje? | 48 |
| Imagem 18. Cartografia da família | 50 |
| Imagem 19. Família, o que é isso? | 51 |
| Imagem 20. Apresentação sobre projeto Belas Artes/UFMG | 52 |
| Imagem 21. Exposição das obras em Togo (África) | 52 |
| Imagem 22. Obras Série: Caminhos | 54 |
| Imagem 23. Lagoa | 57 |
| Imagem 24. Autorretrato | 58 |
| Imagem 25. Exposição Autorretratos | 58 |
| Imagem 26. Bordado prédios | 59 |
| Imagem 27. Exposição bordados | 59 |
| Imagem 28. Esboços I | 62 |
| Imagem 29. Série: Quem sou eu? Azul | 64 |
| Imagem 30. Série Quem sou eu? Roxo | 65 |
| Imagem 31. Série: Quem sou eu? Vermelho | 66 |
| Imagem 32. Série: Quem sou eu? Máscara | 67 |

| | |
|---|-----|
| Imagem 33. Série: Quem sou eu? Rosa | 67 |
| Imagem 34. Obras Série: Postais para o futuro | 70 |
| Imagem 35. Lua do Roger | 73 |
| Imagem 36. Série: Postais para o futuro, Cartas | 74 |
| Imagem 37. Série: Mostra de Arte Togo, Narrativa | 75 |
| Imagem 38. Série: Mostra de Arte Togo, Desenhos | 76 |
| Imagem 39. Série: O pintor que virou peixe | 78 |
| Imagem 40. Série: Postais para o futuro, Mar | 79 |
| Imagem 41. Série: Postais para o futuro, Saudade | 80 |
| Imagem 42. Série: Postais para o futuro, The ocean..... | 80 |
| Imagem 43. Série: Postais para o futuro, Sertão | 81 |
| Imagem 44. Série: Postais para o futuro, Fundo do mar..... | 81 |
| Imagem 45. Série Postais para o futuro, Sou água | 82 |
| Imagem 46. Série: Postais para o futuro, Lua | 82 |
| Imagem 47. Série: O pintor que virou peixe, Rebeca. | 86 |
| Imagem 48. Série O pintor que virou peixe, Brandt..... | 87 |
| Imagem 49. Menino Brandt. | 88 |
| Imagem 50. Série Lugares navegados, Barco | 89 |
| Imagem 51. Série Lugares navegados, Peixe. | 89 |
| Imagem 52. Série Lugares navegados, Paisagem Lagoa Santa..... | 90 |
| Imagem 53. Série O pintor que virou peixe, Fundo do mar..... | 91 |
| Imagem 54. Série O pintor que virou peixe, Colorido..... | 91 |
| Imagem 55. Série O pintor que virou peixe, Pescador..... | 92 |
| Imagem 56. Série O pintor que virou peixe, Calça amarela..... | 92 |
| Imagem 57. III Mostra de Arte..... | 94 |
| Imagem 58. Jornal III Mostra de Arte | 95 |
| Imagem 59. Bordando em sala de aula. | 103 |
| Imagem 60. Obras Série: Que lugar sou eu? Detalhes tecido bordado..... | 106 |
| Imagem 61. Parede de Memória, detalhe exposição..... | 108 |
| Imagem 62. Parede de Memória, Patuás | 109 |
| Imagem 63. Obras Série: Quem sou eu? Diário de memórias | 110 |
| Imagem 64. Série: Diário de memórias, Só não quero matar o dragão | 113 |
| Imagem 65. Série: Bichos, O vazio da minha mente | 115 |
| Imagem 66. Série: Bichos, Patricinha | 116 |

| | |
|--|-----|
| Imagem 67. Série: Bichos, O escândalo da pistola | 116 |
| Imagem 68. Série: Bichos, Samara | 116 |
| Imagem 69. Série: Bichos, Tocha Gato | 116 |
| Imagem 70. Professora I | 118 |
| Imagem 71. Linha | 124 |



SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| INTRODUÇÃO: início de conversa | 14 |
| 1 CÓRREGO DO BOMFIM: O QUE FAÇO COM O QUE ISSO ME FEZ? | 21 |
| 1.1 Artista, pesquisadora e professora: ponto de partida | 25 |
| 2 A/R/TOGRAFIA: BUSCANDO FORMAS DE SER, ESTAR E FAZER NO MUNDO | 28 |
| 3 EU NA PRIMEIRA PESSOA | 31 |
| 3.1 Eu professora: partindo do nó | 45 |
| 3.2 Eu professora-artista: ponto caos | 48 |
| 4 ARTE E ESCOLA | 52 |
| 4.1 #fiqueemcasa: o que vejo quando me vejo? | 63 |
| 4.2 #fiqueemcasa: postais para o futuro | 71 |
| 4.2.1 Desdobramentos: De Lagoa Santa até Uganda | 78 |
| 4.3 Sobre o que nos move: O bordado no contexto escolar | 86 |
| 4.4 Tem artista em Lagoa Santa: Peter Andreas Brandt | 88 |
| 5 BORDADO: UM POUCO SOBRE NÓS | 99 |
| 5.1 Arthur Bispo do Rosário, Rodrigo Mogiz, Rosana Paulino e Edith Derdyk | 102 |
| 5.2 Ateliê de arte e criação compartilhada | 104 |
| 5.3 Costura da memória: gostei de costurar, acredita? | 106 |
| 5.4 Diário de memórias | 113 |
| 6 CONSIDERAÇÕES APRENDIDAS | 122 |
| REFERÊNCIAS | 128 |

INTRODUÇÃO: início de conversa

Imagem 1 - Carta H.K.

Para Simone! ♥

A senhora acredita que foi minha melhor professora de artes? Pois é, sou sentir tanta falta da senhora, pois esse ano foi o melhor nessa escola, com companhia ótimos, com uma professora perfeita como a senhora é.

Muitos alunos fazem quase o que quer na aula da senhora, pois da forma que a senhora nos trata (com amor, carinho e muita alegria)...

Professores como a senhora é difícil de se encontrar, orgulho eu sinto das aulas da senhora.

Algumas aulas da senhora eu não entendo (pois sou leiga), mas gosto muito das aulas, gosto muito da senhora.

Podem confiar mais é a aula que eu mais gosto de fazer. Com as aulas da senhora me sinto tão feliz, tão satisfeita e tão feliz.

Mais é isso o ano está acabando só mais uma aula com a senhora, terei só boas lembranças.

Obrigada por tudo.

Fonte: Dado da pesquisa, 2022.

Imagem 2- Carta Maria Eduarda

Simone

Eu Maria Eduarda te escrevo esta carta Profe. Simone para te homenagear no dia dos Professores eu queria dizer que a Senhora é a melhor Profe. de Artes que o Sr. Tito poderia ter e a melhor Profe. que eu poderia ter na minha vida eu fui de escola para escola mas nunca vi uma professora tão boa como a Senhora e olha que eu já tive muitas Profe. de Artes na minha vida mas não uma tão boa igual a Senhora obrigado por ser esta ótima Profe. de Artes.

Fonte: Dado da pesquisa, 2022.

As duas cartas que abrem essa pesquisa foram escritas por duas alunas, no ano de 2022, uma do 8º ano e outra do 9º ano, do Ensino Fundamental II. Eu decidi abrir esse projeto com estas palavras. Paulo Freire (2001) diz “ninguém escreve se não escrever, assim como ninguém nada se não nadar” (p.267). Assim, a partir daí digo que ninguém ensina se não aprender, ninguém aprende sem ensinar.

Como é possível ensinar/ aprender arte usando o bordado no contexto escolar, no ambiente da escola da rede pública de ensino? Este foi meu ponto de partida para pensar e buscar respostas sobre a investigação do uso do bordado em sala de aula e como o ensino/aprendizagem que parte da minha produção numa perspectiva contemporânea, indo de encontro com as experiências e vivências de alunos, me constitui como professora-artista-pesquisadora.

Como cheguei no lugar onde estou hoje? É outra pergunta que me mobiliza profundamente e que me faz repensar como fui me apropriando da minha história, descobrindo a arte por meio das experiências estéticas. À medida que eu ia de encontro de mim mesma, buscava encontrar obras de outros artistas que dialogassem com as minhas obras e que fossem referência para meu ato de criação. E assim, chego aos trabalhos dos artistas Rosana Paulino, Arthur Bispo do Rosário, Edith Derdyk e Rodrigo Mogiz.

Minhas experiências estéticas e artísticas foram sendo percebidas à medida em que eu criava, por meio do desenho com as linhas em fotografias, em imagens que eu resgatava da minha história. Toda minha experiência estética e artística foi importante para o desenvolvimento da minha capacidade de percepção e conhecimento no campo da arte, pois conforme eu criava, eu ia de encontro a mim mesma e buscando encontrar outras obras, de outros artistas que dialogassem com as minhas e que me fossem referência para o meu ato de criação.

Trago aqui um desejo de mudança para o ensino de arte na escola e o que busquei fazer, os lugares que caminhei para que essas crianças pudessem ter o máximo de acesso à experiência artística. O que eu percebo é que tanto se fala em arte na escola, mas pouco se sabe sobre ela. Para isso, me conecto com minhas experiências artísticas na infância e na fase adulta, com os espaços da própria escola, o ateliê de arte, com referências e trabalhos de artistas visuais contemporâneos e com a experiência individual de cada criança.

Vou tecendo essa trama com trabalhos dos artistas Rosana Paulino, Arthur Bispo do Rosário, Edith Derdyk e Rodrigo Mogiz. Me apoio em obras desses artistas e suas experiências ao usar a imagem e o bordado como materialidade para expressão e narrativa de si e de vida, do que pensam e sentem. Essa narrativa feita com as imagens e linhas são vistas em trabalhos dos artistas: Rosana Paulino, Arthur Bispo do Rosário, Edith Derdyck e Rodrigo Mogiz. Tais artistas trazem consigo histórias, marcas, raízes, resistência e poesia e por meio da arte que entendemos sua história.

Para Pereira e Trinchão (2019):

Realizar a leitura de uma imagem não implica somente em usufruir da capacidade espontânea de ver e descrever o que é visto ou o que meramente achamos que vemos. Exige, especialmente, um vocabulário visual alicerçado na coexistência de conhecimentos teóricos e práticos que nos coloquem disponíveis a acessar o que uma produção visual pode comunicar (PEREIRA; TRINCHÃO, 2019, p.2).

Nesta dissertação, me ancoro no método de pesquisa *a/r/tográfico*, uma “metodologia de pesquisa educacional baseada em arte”, onde eu posso ser eu mesma enquanto artista, professora e pesquisadora.

Compõem também essa jornada os conceitos da (auto)biografia, narrativas de si, trazidos por Delory-Momberger (2012), Passeggi (2010) e Bachelard (1988). Assim como os conceitos de arte e experiência, trazidos por Barbosa (1998) e Larrosa (2016). Escolho seguir pela *A/r/tografia* que se apresenta como uma possibilidade de pesquisa. A partir dessas referências, dos artistas e da abordagem metodológica tanto da *A/r/tografia* e (auto)biografia, busco investigar como o ensino/aprendizagem em arte, pode acontecer (ou não), dentro de uma escola pública, sendo o bordado como fio condutor no processo de criação desses estudantes.

A pesquisa biográfica se diferencia de outras correntes de pesquisa por ela introduzir a dimensão do tempo, e mais especificamente a temporalidade biográfica em sua abordagem dos processos de construção individual. O ser humano faz a experiência de si mesmo e do mundo em um tempo que ele relaciona com sua própria existência. A temporalidade biográfica é uma dimensão constitutiva da experiência humana, por meio da qual os homens dão forma ao que vivem (DELORY-MOMBERGER, 2016, p.136).

Eu, enquanto sujeito, estou em uma investigação que é impregnada pela minha prática, onde o que eu pesquiso se dá na minha prática enquanto artista e professora.

Acreditando que a arte é um elemento essencial para a vida em sociedade, não há como não apoiar sua inserção no desenvolvimento das pesquisas. Daí a proposta do aprofundamento na *a/r/tografia* que é uma metodologia que busca entender os processos educativos de forma complexa e profunda, contempla a possibilidade de um mesmo sujeito absorver/somar características e processos próprios do ser educador (professor/aluno), ser pesquisador (investigador) e ser artista (músico, poeta, pintor, bailarino...) simultaneamente (ALVES, 2015, p.14).

Sigo também pelo caminho da pesquisa (auto)biográfica de Delory-Momberger (2016) que nos permite compreender a materialidade investigada e sua relação com cada sujeito.

A partir dessas referências, busco investigar o ensino/aprendizagem em arte, tendo o bordado como fio de conexão com o processo de criar dos estudantes, dentro do contexto escolar, no ambiente da escola da rede pública de ensino. Faço uma escolha de utilizar a metáfora da água e da linha, pois como ainda irei apresentar, foi a partir de um córrego, num lugar de infância, que cheguei ao bordado. Faço uma escolha, também, de trazer essa escrita em formato de diário, que tem uma relação com minhas memórias.

Começo a dissertação falando das minhas experiências com arte, mais precisamente com o bordado e como ele vai aos poucos chegando na sala de aula. Esse processo de pesquisa é um encontro da artista-professora-pesquisadora com as crianças-alunos dessa escola. Conforme Alves (2021), “investigando a experiência como caminho para se conectar com a arte e em tal vivência como elemento de construção de conhecimento, encontramos processos artísticos e didáticos que testemunham o contexto relacional entre arte, experiência e educação” (ALVES, 2021, p.218).

Para Larrosa (2016) pensar a educação a partir do par “experiência/sentido”, me leva a pensar e dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. Faço então, a opção da investigação baseada nas artes. Não aquela que serve para ilustrar o que aqui escrevo, mas para construir um caminho, um modo como essas imagens se inserem na pesquisa.

O termo *a/r/tografia* para Charréu (2019) “abarca a investigação que é levada a cabo por um investigador que, ao mesmo tempo, exerce também, na própria investigação, a função de professor e artista (...), com produção artística pessoal explícita na própria tese ou relatório de investigação” (CHARRÉU, 2019, p.96).

Escolhi trazer meu processo artístico como ponto de partida para investigar como pode ou não acontecer o bordado no ensino de arte dentro da escola. Ao buscar refletir e escrever sobre as experiências que acontecem na escola, não encontro outra forma a não ser retomar às minhas experiências, para repensar outras formas de ver, pensar, ensinar, consumir e produzir arte.

Assim como um bordado, essa escrita tem o ponto que se inicia e o que se encerra. Assim como uma costura, nem sempre o nó para encerrar é o fim. Às vezes, o nó é só o respiro para se iniciar outro movimento. E assim, se deu meu caminho e essa minha pesquisa.

Dividi a pesquisa em três momentos: no primeiro momento *O Córrego do Bomfim: o que faço com o que isso me fez?* é onde começa a minha história no interior de Minas Gerais e que se desdobra em várias outras histórias. Faço um mergulho profundo nas águas do Córrego do Bomfim, de onde vim, onde cresci entre as costuras simples da avó Sebastiana para chegar ao curso de Artes Visuais, à docência e à arte. Foi a minha avó Sebastiana que morava no Córrego do Bomfim que me ensinou a bordar e guardar fotos. Foi a partir de uma costura sua que decidi comprar linhas e agulhas e iniciei meus bordados no que eu mais tinha em meus arquivos pessoais: minhas fotografias.

Falo sobre meu amor pelas fotografias antigas que minha avó guardava em sua sacola e das narrativas que aquelas imagens despertavam em mim. E que me levaram ao lugar de professora. Parto das minhas memórias e imagens, do lugar onde vivi minha infância, incluindo minha primeira casa e as lembranças que tenho dela. Depois trago o lugar aonde cheguei e estou hoje, na escola pública, como professora na Rede de Ensino de Lagoa Santa (MG). Estendo minhas inquietações, dúvidas, certeza para dentro e fora dos muros da escola. É pelo viés das histórias pessoais, que componho as aulas de arte na escola, para dar sentido as vozes dos discentes que se misturam com as obras de Arte escolhidas.

INVINHA

O Córrego do Bomfim que segue o seu fluxo, me conduz novamente para a graduação de Artes Visuais, na Escola de Belas Artes na UFMG, durante as aulas dos professores Rosvita Kolb, Juliana Gouthier e Geraldo Loyola. Durante a disciplina de Estágio Supervisionado outras perguntas surgiram como: O que eu levo para a docência do processo de aprendizagem na universidade? O que vejo quando me vejo?

O segundo momento: *A escola e seus desdobramentos*. Aqui trago minhas experiências no ambiente escolar e é quando surge a pergunta orientadora para essa pesquisa: como as crianças usam (ou não) o bordado como potência para construção de proposta de Arte no contexto da escola? Para buscar resposta a essa pergunta orientadora conversei com Arthur Bispo do Rosário, Rodrigo Mogiz, Rosana Paulino e Edith Derdyk, levando as suas obras para dentro da sala de aula. São quatro artistas brasileiros que refletem sobre memória, ancestralidade, gênero, produzindo imagens poderosas que povoam o tempo de agora. Conhecer e aproximar artistas da cidade de Lagoa Santa também é um desdobramento vivenciado por nós na escola.

O terceiro momento: *Bordado, A/r/tografia e Considerações finais*, trago algumas experiências em sala de aula, onde busco entender como se dá o processo de criação com um ateliê de arte na escola e sua importância nesse espaço, além de como esses estudantes recebem o bordado como materialidade propulsora de criação. A arte não está separada da vida. Aqui trago experiências dos estudantes explorando a vida e seu meio.

Imagem 3 - Professora



Fonte: Dado da pesquisa, 2021.

1 CÓRREGO DO BOMFIM: O QUE FAÇO COM O QUE ISSO ME FEZ?

“O que faço com o que isso me fez?” Ouvi essa fala em uma roda de conversa com a professora pesquisadora Maria da Conceição Passeggi e esta pergunta ficou em mim e me persegue nos meus registros fotográficos sobre as minhas aulas de arte na escola.

O que fazer com todo o acervo de imagens fotográficas que já juntei ao longo das minhas aulas? O que fazer com desenhos, pinturas, costuras de alunos que ficaram comigo? Guardar para que e para quem? Trabalhar com a fotografia dentro do contexto escolar, ou como parte do meu processo de criação pode ser um caminho? Fiquei com esta angústia até que um dia qualquer, numa aula na universidade, um professor da Escola de Belas Artes, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) disse em aula que “não importa o meio que você usa, importa a sua poética, o que você está dizendo ou pretende dizer”. A partir daí, aceitei a fotografia como parte do meu processo de artista.

E a partir de agora? Para onde vou? Como fazer algo diferente com uma tecnologia tão acessível para todos e onde a cada clique na internet você vê milhares de imagens e fotografias de lugares, detalhes iguais? Escolhi seguir pela pintura e colagem. Busquei na colagem e na pintura conversar com minhas fotos, em busca de uma poética pessoal com a poesia, beleza e aconchego do lugar onde tiro essas fotos. Porém, a dificuldade em conseguir materiais como a tinta, telas e papel, apagou o meu entusiasmo. Foi então que, ao conseguir minha primeira câmera fotográfica, iniciei registros fotográficos.

A memória é escrita num tempo, um tempo que permite deslocamento sobre as experiências. Tempo e memória que possibilitam conexões com as lembranças e os esquecimentos de si, os lugares, das pessoas e das dimensões existenciais do sujeito narrador. É evidente que a memória inscreve-se como uma construção social e coletiva e vincula-se às aprendizagens e representações advindas da inserção do sujeito em seus diferentes grupos sociais (SOUZA, 2007, p.4).

Conforme coloca Souza (2007), o “não-dito vincula-se às recordações e não significa, necessariamente, o esquecimento de um conteúdo ou de uma experiência.” (SOUZA, 2007, p.4). Quais experiências estéticas trago desde minha infância? Que sentido dou a essas minhas experiências? Como transformo as cenas que presenciei em arte? Como retirar uma poética da vida? Mesmo as cenas da vida não sendo poéticas, o meu olhar pode mudá-las à medida em que



podemos criar novas formas de ser, de estar e fazer no mundo; novas formas de reviver cada experiência.

O que faço com o que isso me fez? Foi exatamente em uma primeira aula da disciplina de Fundamentos do Ensino da Arte I, da Escola de Belas Artes na UFMG, com a professora novata – na época – Rosvita Kolb-Bernardes, que conheci a narrativa de si como lugar para criar. Não somente a narrativa escrita, mas a narrativa visual, aquela que me permitiu respirar sem precisar ficar explicando por que eu não escolhi a formação de pintura, ou desenho...

A escrita da minha vida poderia ser fonte de criação. Minha infância foi marcada por desenhos prontos e mimeografados. A professora Conceição provavelmente fazia o que aprendeu: dar uma aula de Arte, com alunos sentados em fileiras. Minha memória é da fila que fazíamos para ir para a sala e eu era sempre a primeira, mas meu lugar na sala era bem no canto, perto da parede. Conceição sempre com batom vermelho e tamancos de salto. “Toc, toc, toc, toc.” Era Conceição se aproximando da minha mesa e me entregando um desenho pronto para colorir de ursinho. Não me lembro nem se ela me dizia algo. Tenho a lembrança apenas do desenho sobre a mesa. Eu amava aquele cheiro do papel. Cheiro de escola. Amava olhar pela janela e ver o céu. Eu não tinha lápis de cor, então não me lembro se eu chegava a colorir o desenho.

Vou correndo feito água nessas minhas memórias, pois minha escrita e produção plástica são marcadas pela minha experiência enquanto menina que não teve acesso a um ensino de arte que fizesse sentido para mim, e enquanto mulher, professora, insistindo na educação e em tentando maneiras de trazer um ensino de arte que faça sentido para as crianças.

Conceição Evaristo (2020), escritora, diz que “nasceu rodeada de palavras”. Eu digo que nasci rodeada de imagens. Mas não me dei conta disso na minha infância, apenas hoje posso (re)viver o que vi. Como possibilitar que as crianças “nasçam” todos os dias rodeadas de imagens? Como propor um ensino de arte que seja libertador? E aqui a palavra libertador vem exatamente do conceito que Paulo Freire (1986) diz sobre pessoas serem agentes que operam e transformam o mundo.

Conceição Evaristo é uma mistura de Manoel de Barros, quando diz que cresceu rodeadas de palavras inventadas ou aumentadas, com Paulo Freire, quando ela diz que busca tornar narrativas mais suportáveis acolhendo e dando voz a quem as conta. Para Evaristo (2020), o

gesto da criação nasce de uma experiência particular. E daí ela traz as “escrevivências” que, para a autora:

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também (EVARISTO, 2020, p.30).

Não é a história de um sujeito, não é somente o processo criativo desse sujeito, mas como eu faço parte do mundo e de uma coletividade. Não é sobre colorir desenho mimeografado somente, mas que autoria eu tinha ali e o que eu estava trazendo que era meu? Nem lápis de cor eu tinha... o que eu ia “escrever” ali se nem material eu tinha?

E o que seria escrever nesse mundo? O que escrever, como escrever, para que e para quem escrever? Escrevivência, antes de qualquer domínio, é interrogação. É uma busca por se inserir no mundo com as nossas histórias, com as nossas vidas, que o mundo desconsidera. Escrevivência não está para a abstração do mundo, e sim para a existência, para o mundo-vida. Um mundo que busco apreender, para que eu possa, nele, me autoinscrever, mas, com a justa compreensão de que a letra não é só minha. (EVARISTO, 2020, p.36).

Fazendo uma costura com o pensamento de Evaristo, me pergunto o que leva uma mulher e mãe, desempregada, nascida e criada na roça, em um ambiente com poucos estímulos para estudar, com quase nenhum recurso financeiro, buscar na arte trazer sua história de vida? Achei a resposta quando conheci pela primeira vez as imagens das obras de Rosana Paulino e Artur Bispo do Rosário. O ato criador desses artistas é uma forma de apreensão do mundo, de ultrapassar os limites do que achamos que sabemos e nos leva a uma outra percepção da vida, das coisas, dos sujeitos, das histórias. Eu trazer minha própria história a partir de fotografias e bordado, essa imagem não se esgota em si e ali, mas (a)profunda minha história e a de outras mulheres, mães, desempregadas e caipiras que não desejam ser “pintoras ou desenhistas” e nem por isso são “menos artistas”.



De que lugar uma imagem nasce?

Em que lugar ela fica?

Imagem 4 – Folha bordada



1.1 Artista, pesquisadora e professora: ponto de partida

Assumo aqui que trago como dado meus próprios trabalhos enquanto professora e artista. Assumo, também, que a partir desses dados, que o que foi feito/ensinado/aprendido/ em sala de aula, durante o tempo de quatro anos de experiência, trago as práticas artísticas dos estudantes que foram assumindo a centralidade dessa investigação. Charréu (2019) diz que “em suma, uma investigação para ser artográfica, tem que ter evidências dos três papéis (artista-investigador-professor) assumidos sequencialmente ou de forma integrada na estratégia investigativa escolhida” (CHARRÉU, 2019, p.96). Assim, essa investigação considera a arte como elemento básico no desenvolvimento das investigações, onde busco encontrá-la nas criações estéticas feitas dentro e fora de uma sala de aula, por estudantes, em uma escola do ensino público, de caráter cívico militar.

A Pesquisa Baseada em Arte surgiu nas últimas décadas do século XX, a partir de desejos de pesquisadores, nos contextos acadêmico e escolar, de produção, aprofundamento e legitimação de formas de pesquisa que, por utilizarem linguagens artísticas e abordagens estéticas, permitem tecer e mostrar olhares, relações e potencialidades que permaneceriam invisibilizadas em outras formas de investigação. As práticas de PBA pressupõem o uso de linguagens poéticas – como as visuais, performáticas, literárias ou musicais –, nos processos investigativos, nas reflexões, na forma das escrituras, das apresentações e dos relatos. Estas metodologias artísticas de pesquisa propiciam modos ampliados de conceber, pensar e significar a pesquisa, criando relações e movimentos imprevisíveis, oportunizando visadas diversas, versos e reversos que poetizam o processo investigativo. Suas práticas, tanto empíricas quanto teóricas, visitam e recriam, através do ato artístico, as dimensões do humano e do inumano, do conhecido e do desconhecido, acolhendo a incompletude e a incerteza (DIEDERICHSEN, 2019, p.67).

Para Diederichsen (2019), a perspectiva poética pode nos ajudar a ver e sentir de outras maneiras, onde podemos criar novas formas de ser, de estar e fazer no mundo. Para a autora essa política se faz do nosso “questionamento do que somos para que possamos ir a ser de outros modos, em nossas formas de pesquisar e de educar” (DIEDERICHSEN, 2019, p.67). Essa perspectiva poética tem relação com nossa forma de ver o mundo e de também atuar nele, de como criamos espaços-tempos que apresentem como o vemos, através de um olhar artístico. É com a arte que podemos “disciplinar” ou “antidisciplinar” tudo que nos é colocado, todos os dias, em todos os ambientes, inclusive dentro dos muros das escolas.

Nas metodologias artísticas de investigação, em particular nas de índole visual, as imagens, mais do que ilustrar ou representar o texto, dialogam com

o que é escrito, tensionam essa escrita, por vezes estabelecendo ou assumindo-se como uma espécie de mapa e, enquanto imagens artísticas, não apenas documentais, devem ter essa capacidade peculiar de estabelecer ressonâncias com o leitor (CHARRÉU, 2019, p.91).

Minha experiência com a arte me trouxe até minha pesquisa. Minha pesquisa me trouxe até a escola. A escola me trouxe de novo a mim e, hoje, trago tudo junto: artista/pesquisadora/professora de arte. No entanto, vamos por partes. O que me trouxe mesmo foi um lugar chamado Córrego do Bomfim e ele é metáfora para minha escrita, minhas produções artísticas e minhas propostas em sala de aula.

Atuando em sala de aula na condição de professora de Arte não me sinto como a pessoa que tem o controle da sala de aula, como determina regras nas escolas. Vale trazer que sou professora ingressante e que minhas experiências estão sendo construídas a cada dia. Chego em sala na tentativa de aprender algo naquele dia, por mais que seja mais um dia comum e corriqueiro para muitos. Não me acostumei com os corpos sentados e com as mentes das crianças respondendo e atendendo aos conteúdos que são ensinados e exigidos todos os dias pelos planejamentos. Vou para sala de aula sempre ao encontro, buscando olhar para a escola pelo que é possível inventar e criar naquele dia. Busco trazer à potência a visibilidade do mínimo através do olhar do aluno ao a(colher) uma imagem carregada ou até mesmo ausente de narrativa.

Cada aluno tem seu modo de habitar a escola e a arte é uma aliada para esse processo de construção. A escola é um espaço de “desaprendizagem” das formas e lugar, de perceber outras coisas, lugar onde crianças e adolescentes podem dar forma às suas experiências e sentidos por meio da arte, construindo uma consciência histórica de si e de suas aprendizagens nesse território.

Em uma Pesquisa Baseada em Arte, diferentemente, é o teor artístico que estrutura e conduz toda a pesquisa. A linguagem artística na PBA não é utilizada como ornamento de um trabalho produzido cientificamente, mas é a forma da construção do trabalho e vai determinar o que e como ele comunica e o modo como afeta a recepção da obra (DIEDERICHSEN, 2019, p.68).

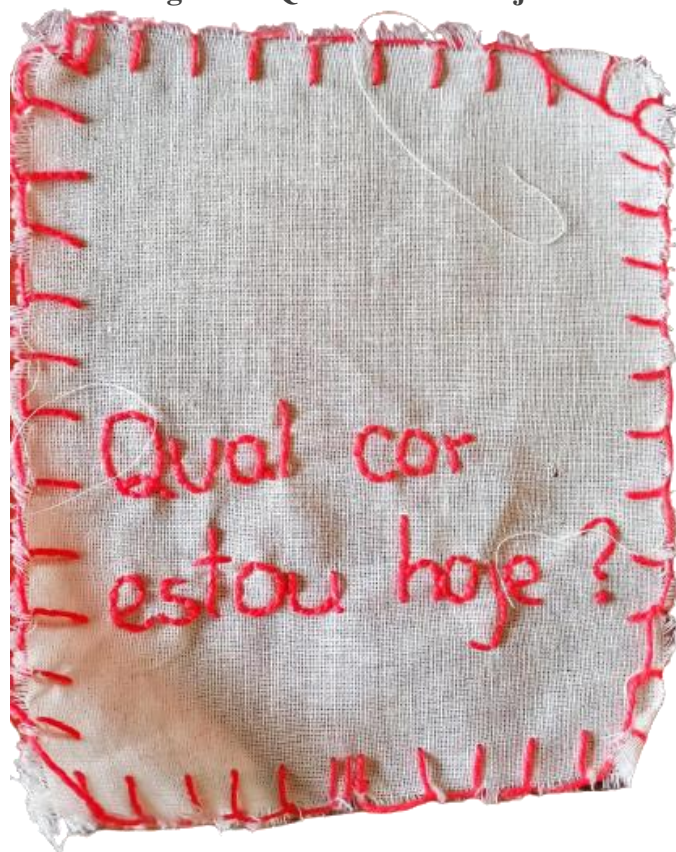
Para Charréu (2019), “mais do que ‘representar’, a arte ‘presenta’, isto é, torna presente, de forma original, única e singular, determinadas dimensões da vida humana que não podem ser expressas ou veiculadas pelos outros dispositivos culturais e simbólicos que tem à sua

disposição” (CHARRÉU, 2019, p.91). E o autor continua: “Paul Gauguin exprimiu romanticamente há mais de um século, traduzido nos célebres questionamentos: De onde viemos? O que somos? Para onde vamos?” (CHARRÉU, 2019, p.91).

Na artografia, saber, fazer e realizar, fundem-se, criando uma linguagem mestiça e híbrida que, na maioria das propostas, tem como propósito entender como se poderá dialogar, por meio da investigação, entre o fazer artístico, a compreensão do que se fez, e a produção da profissionalidade do docente (-artista), numa área de conhecimento tão peculiar. É neste diálogo que se desenvolvem e interagem, numa só pessoa, os três papéis distintos: o do artista, o do investigador e o do professor de arte/educador. Colocados num plano horizontal, a investigação artográfica será tanto mais equilibrada, quanto mais equitativamente distribuído for o desempenho desses papéis (CHARRÉU, 2019, p.97-98).

A Arte, em suas diversas expressões, é um potente fio que liga o sujeito ao seu meio. É através dela que o sujeito tem a oportunidade de transformar-se e transformar o mundo em que habita, por meio da manifestação dos sentidos, direcionando-os para construção estética. Ao olhar para minha trajetória construída na graduação entre desenho, linhas, bordados, em conexão com a fotografia, com a minha história, e o meu caminho como professora de Artes Visuais, vislumbro um caminho de pesquisa. Um caminho que dialoga com diferentes artistas, no qual a história de vida de cada sujeito, a imagem e o bordado passam a ser a linha de conexão para o pensamento artístico, com a pergunta orientadora: como as crianças usam (ou não) o bordado como potência para construção de proposta de Arte no contexto da escola?

Imagem 5 - Qual cor estou hoje?



2 A/R/TOGRAFIA: BUSCANDO FORMAS DE SER, ESTAR E FAZER NO MUNDO

(...) investigações impregnadas de práticas não são apenas agregadas à vida de alguém, mas são a própria vida deste, de modo que “quem se é torna-se completamente emaranhado naquilo que se sabe e faz (...)” (SUMARA; CARSON *apud* IRWIN, 2013, p.28).

Entendi que a pesquisa em arte que se baseia no método a/r/tográfico é aquele tipo de pesquisa em que nossa própria vida está envolvida nela e que a partir da vivência individual o método de pesquisa vai se construindo e, de alguma forma, nos entrelaçando. Ao citar Springgay, Irwin (2013) traz a a/r/tografia como “Pesquisa Viva”, onde o sujeito e a sua forma de investigação estão em um estado constante de tornar-se. Os problemas de pesquisa estão imersos na prática do artista e sua prática vai se fazendo junto com esses problemas. Ainda segundo Irwin (2013), “a/r/tógrafos concentram seus esforços em melhorar a prática, compreender a prática de uma perspectiva diferente, e/ou usar suas práticas para influenciar as experiências dos outros.” (IRWIN, 2013, p.29).

Quais produtos artísticos podem ser criados por meio de um processo de investigação do uso do bordado na sala de aula?

Irwin (2013, p.30) afirma que o trabalho do a/r/tógrafo é reflexivo, recursivo, refletivo e responsável. Reflexivo para pensar o que aconteceu antes e o que está por vir, repensando e revendo todo o processo. Recursivo permitindo que suas práticas possam ser recurso para novas ideias e conhecimento. Refletivo já que questiona sua posição, seus preconceitos, suposições e crenças e responsável para agir eticamente (IRWIN *apud* ALVES, 2015, p.15).

Dentro dos muros da escola, numa aula de arte o professor deve estar atento à vida e às ligações que podem ser exploradas ali. A/r/tógrafos podem seguir por esse caminho da pesquisa qualitativa de coleta de dados, e mesmo assim podem se interessar pelas histórias de vida e as memórias como fonte de pesquisa. É possível ele usar teoria numa sala de aula, alinhada à prática e a essas histórias de vida. Um a/r/tógrafo está sempre fazendo conexões, ele não segue uma linha reta nas suas pesquisas, mas costuma desviar da linha reta para acolher detalhes que se perdem nas curvas. Esse caminho tem dois sentidos: o que traz para dentro, ou seja, o que eu aprendo e vejo eu absorvo e o que leva para fora, eu o que eu absorvo eu devolvo ao mundo, da minha maneira, através da experiência e da troca dessa experiência com o outro.

A metodologia da Pesquisa Educacional Baseada em Arte (PEBA), tem como foco o método da a/r/tografia, onde os processos e as questões educacionais evidenciam e respeitam as subjetividades e a experiência de cada sujeito. Para Neitzel; Steil; Frances (2022):

Esse método, ao colocar em evidência os processos — sendo considerados como meios para compreender questões educacionais que respeitam as subjetividades e a experiência —, quer sinalizar que a não neutralidade do pesquisador enriquece a pesquisa, pois estabelece uma interlocução constante entre o pesquisar e os sujeitos da experiência, sem evitar segregar sentimentos e desejos que circundam a vida humana (NEITZEL; STEIL; FRANCES, 2022, p.3).

Aqui, A PEBA é uma metodologia voltada à educação com foco nas artes e considera os sentidos e a criatividade durante seu processo de pesquisa. A sua origem está na Pesquisa Baseada nas Artes (PBA) ou *Investigación Baseada en las Artes (IBA)*, conforme descrito por Neitzel; Steil; Frances (2022). Para os autores, a PBA “se apresenta como uma metodologia que faz uso de procedimentos artísticos como forma de considerar as experiências dos sujeitos envolvidos, assim como suas interpretações” (NEITZEL; STEIL; FRANCES, 2022, p.5).

Ainda segundo Neitzel; Steil; Frances (2022), a Pesquisa Baseada nas Artes é diferente das metodologias tradicionais, já que utiliza conceitos e métodos que vai além das formas mais convencionais de pesquisa. Para os autores “Ela conduz então essa metodologia para a área da Educação, “[...] assim, a intenção de influenciar assuntos educacionais apresenta-se como diferença considerável entre a PEBA e outras formas de PBA/IBA” (CARVALHO; IMMIAOVSKY, *apud* NEITZEL; STEIL; FRANCES, 2022, p.5).

Busquei por vezes cruzar meus processos artísticos com os desses estudantes. O fazer artístico é como se fosse uma trama de tecidos e linhas que vão buscando de alguma forma fazer parte dali. As coisas, situações, memórias passam por mim e algo delas fica e aí é com a arte que busco costurar e trazer de novo, dar vida novamente ao que vivi, por meio do meu processo criativo.

E como estar aberto às formas de ser, dentro de um ambiente escolar? Costurando essa ideia com Freire (1996), busco respostas nas palavras do autor:

Aceitar e respeitar a diferença é uma dessas virtudes sem o que a escuta não se pode dar. Se discrimino o menino ou menina pobre, a menina ou o menino

negro, o menino índio, a menina rica; se discrimino a mulher, a camponesa, a operária, não posso evidentemente escutá-las e se não as escuto, não posso falar com eles, mas a eles, de *cima para baixo*. Sobretudo, me proíbo entendê-los. Se me sinto superior ao diferente, não importa quem seja, recuso-me *escutá-lo* ou *escutá-la*. O diferente não é o *outro* a merecer respeito é um *isto* ou *aquilo*, destratável ou desprezível (FREIRE, 1996, p.62).

Sugerir mais perguntas do que trazer mais respostas. Escutar mais que falar. Fazer sem pedir explicação.

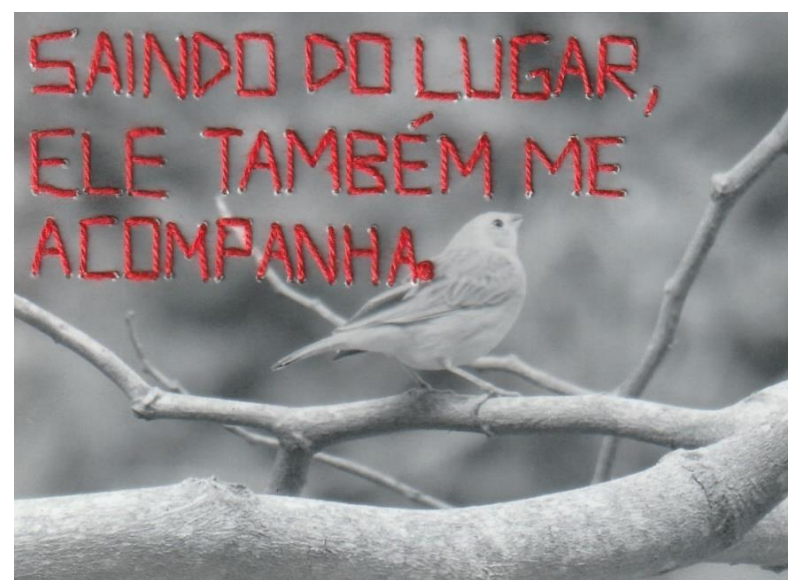
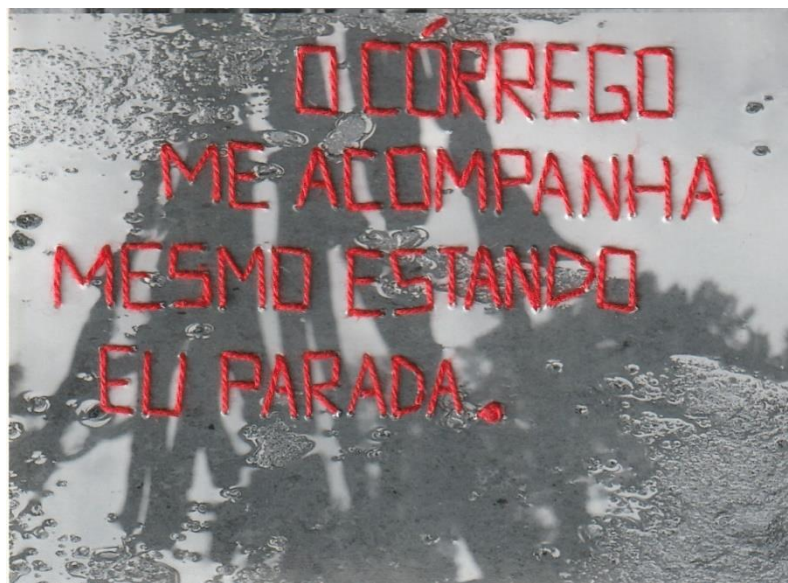
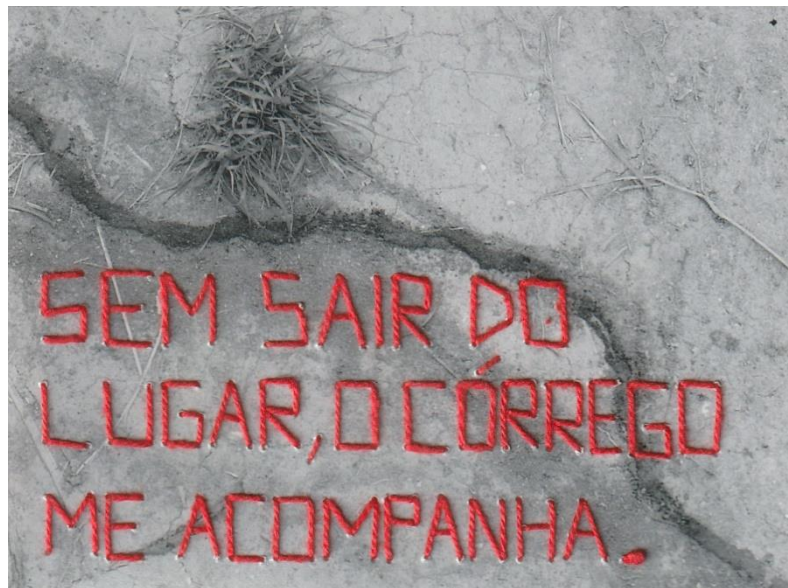
Imagem 6 - I love you

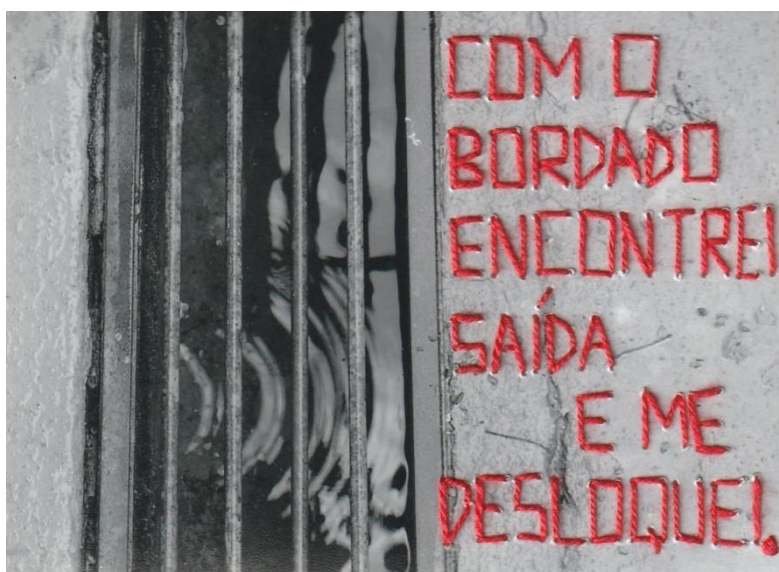
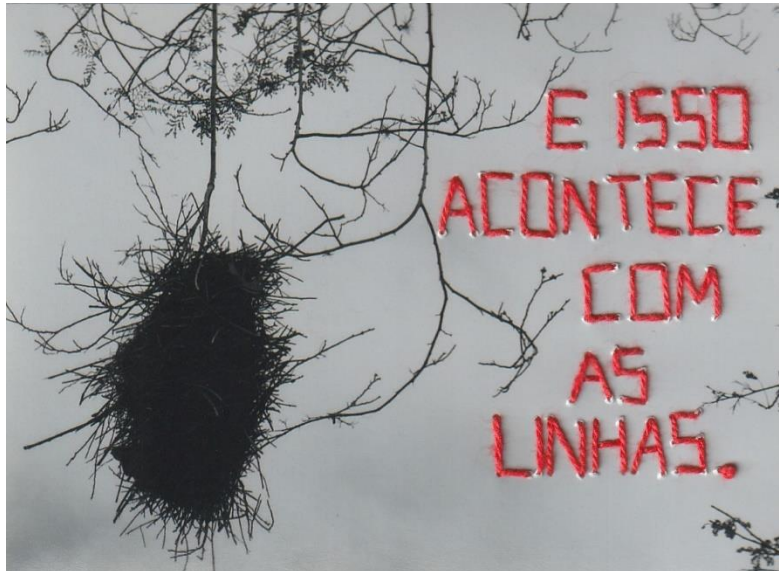


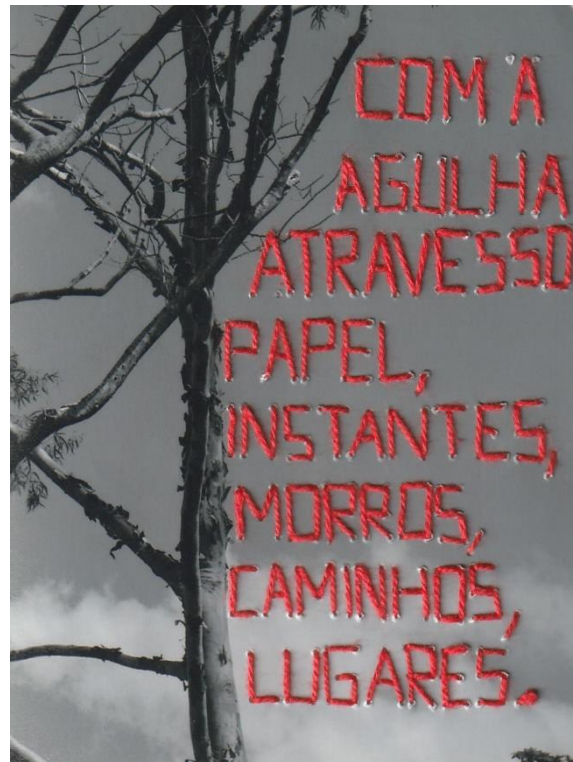
Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

3 EU NA PRIMEIRA PESSOA

Imagem 7 - Série: Estágio e bordado







AGULHA LEVA A LINHA,
QUE DESENHA,
QUE ME TRAZ DESEJOS,
COM CORES, TEXTURAS
E RAMAS QUE SE
FAZEM.

A LINHA ME LEVA.
AGULHA TRAZ A LINHA
E VEJO O QUE ALI NÃO
VIA. A LINHA QUE ME
LEVA TAMBÉM ME TRAZ.


ME TRAZ AS MEMÓRIAS
DA INFÂNCIA, A ESCOLA
E SEU CAMINHO, AS
CASAS E O TERREIRO.

ME TRAZ A
EXPERIÊNCIA DE
ESTAR ADULTA E
BUSCAR PELO QUE
VIVI.

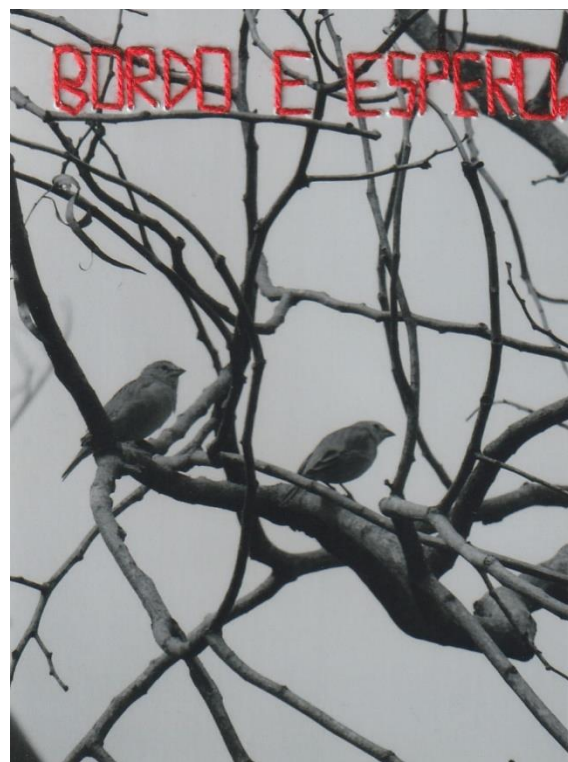
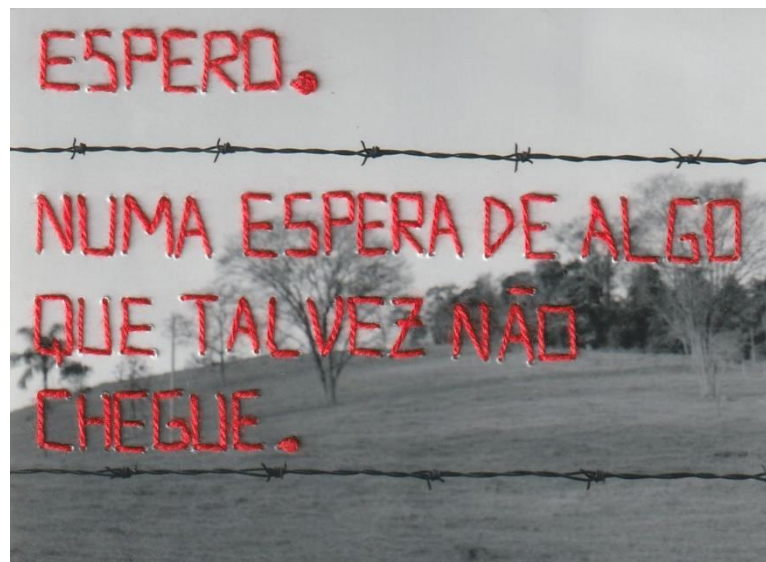
BORDO COM
A REPETIÇÃO
E AO MESMO
TEMPO COM
A CRIAÇÃO.

O MOVIMENTO
É IGUAL AO
ANTERIOR,
MAS DIFERENTE
DO QUE SE
SEGUE.

ANTES E
DEPOIS.



COSTURANDO
TENHO O TEMPO
VIVIDO, PARALIZADO
E VIVO.



Minhas memórias são trazidas pelas minhas imagens e bordados, que mostram quem fui e contam quem sou. Bordo, pois não caibo mais em mim. Quem sou eu? Sem memória e sem registro eu me perco. Voltando de onde não saí e agarrada às palavras do poeta Manoel de Barros, “tem mais presença em mim o que me falta” (BARROS *apud* LEITE, 2014).

Antes de falar do lugar onde estou, preciso dizer do lugar que vim. Assim como Manoel, que tinha um rio que fazia volta atrás da casa, também tive um córrego que fazia volta atrás da minha casa. Essa casa era um paiol. Experiencio do lugar que estou hoje, com outro olhar. Vez ou outra, faço um mergulho profundo nos córregos da minha vida, mais precisamente no córrego onde pisei, e mergulho aos poucos e lentamente nas minhas memórias. As imagens operam como lugar de memória, pois são registros do que estive vivo. Para Bachelard (1988) “[...] a uma imagem podemos dar o nosso ser de leitor: ela é doadora do ser. A imagem, obra pura da imaginação absoluta, é um fenômeno do ser, um dos fenômenos específicos do ser falante.” (BACHELARD, 1988, p.245). Bachelard (1988) me trouxe uma nova forma de ver a beleza da intimidade da casa e lugares que habitei.

Assim, a casa não vive somente o dia-a-dia, no fio de uma história, na narrativa de nossa história. Pelos sonhos, as diversas moradas de nossa vida se interpenetram e guardam os tesouros dos dias antigos. Quando, na nova casa, voltam as lembranças das antigas moradias, viajamos até o país da Infância Imóvel, como o Imemorial. Vivemos fixações, fixações de felicidade. Reconfortamo-nos revivendo lembranças de proteção. (...) As lembranças do mundo exterior nunca terão a mesma tonalidade das lembranças da casa. Evocando as lembranças da casa, acrescentamos valores de sonho; nunca somos verdadeiros historiadores, somos sempre um pouco poetas e nossa emoção traduz apenas, quem sabe, a poesia perdida (BACHELARD, 1988, p.201).

Mas porque trago minha casa? Minha memória da casa e minhas experiências ali, me trouxeram vários tipos de saberes a partir daquele espaço, várias possibilidades de inventar, imaginar e das minhas primeiras experiências estéticas: brincar numa terra cheia de mato, plantar milho e café, capinar e fingir que capinava para observar as formigas, fazer escultura nos barrancos, esperar a chuva, passar barro branco nas paredes e no fogão à lenha, estrume de vaca no chão; esperar a noite para ver a casa sendo iluminada por lamparinas a querosene. Localizar minhas lembranças no tempo, me leva às imagens, cheiros, texturas e sabores de cada uma dessa experiência. Lugares por onde passei, muitos detalhes percebidos e que hoje sei que contribuíram para minha formação estética. Delory-Momberger (2012) coloca:

[...] o indivíduo humano vive cada instante de sua vida como o momento de uma história: história de um instante, história de uma hora, de um dia, de uma vida. Algo começa, se desenrola, chega a seu termo numa sucessão, superposição, empilhamento indefinido de episódios e peripécias, de provações e experiências [...] (DELORY-MOMBERGER, 2012, p.525).

Os acontecimentos estarão presentes, mesmo que já tenham se passado e a *atividade autobiográfica*, conforme coloca Delory-Momberger (2012) não fica restrita apenas ao discurso, onde as ideias e histórias são repetidas, mas:

Ela se reporta, em primeiro lugar, a uma atitude mental e comportamental, a uma forma de compreensão e de estruturação da experiência e da ação, exercendo-se de forma constante na relação do homem com sua vivência e com o mundo que o rodeia (DELORY-MOMBERGER, 2012, p.525).

Falo do lugar onde estou, retomo alguns aspectos de minha trajetória enquanto discente e docente em Artes Visuais, que me levaram à proposição deste estudo.

Depois de algumas andanças, cheguei na graduação de Artes Visuais e ali eu me perguntava todos os dias: qual é essa tal de poética que todo mundo fala? Gosto de fotografar, mas percebi que quem desenha e pinta é considerado de imediato um artista. E fiquei com essa angústia por um tempo. Tive aula de Fundamentos, Laboratório, Estágio e então me dei conta de que cada experiência é importante para um processo de criação. Em um vídeo de Adel Souki (2013), da série Professores Artistas, sob a direção de Geraldo Loyola, da Universidade Federal de Minas Gerais, a artista plástica e ceramista mineira diz: “Ser original não é fazer nada diferente, ser original está ligado às suas origens, quando você vai nas suas origens e fala e expressa o que você está sentindo, aí é a verdadeira arte, aí é ser original”.

Precisava dessa frase para voltar meu olhar para a fotografia. E logo depois disso começou meu processo de bordar sobre fotografia. Sempre me alimentando dos referenciais que os professores traziam: Rosana Paulino, Arthur Bispo do Rosário, Edith Derdyk e dos que encontrei pelo caminho, como Rodrigo Mogiz. A partir de então, inspirada nestes artistas, comecei a tecer um caminho que seguia pela fotografia, pelas linhas, sulcadas na profundidade do tecido e papel. Embalada por esses artistas que fui construindo e costurando ora no papel e ora no tecido, fui me apropriando das fotografias ao perceber que as imagens carregam em si um potencial de memórias afetivas.

Em cada experiência vivida no meu processo de criação, percebi que o ato de experienciar é um importante fio condutor de investigação para se chegar à arte. Como criar uma experiência completa, que faça sentido para uma criança, cheia de conhecimento? Voltando às minhas aulas lá no “prézinho”, com a professora Conceição: colorir desenhos mimeografados de ursinho, ou Mickey, ou princesas... que autoria eu tinha ali enquanto criança e o que eu estava trazendo que era meu? No momento, nada. Com certeza não são os desenhos mimeografados que proporcionam experiências criativas e autorais.

Ana Mae Barbosa (1998) ao trazer a arte como área de conhecimento defende que:

Aqueles que defendem a arte na escola meramente para libertar a emoção devem lembrar que podemos aprender muito pouco sobre nossas emoções se não formos capazes de refletir sobre elas. Na educação, o subjetivo, a vida interior e a vida emocional devem progredir, mas não ao acaso. Se a arte não é tratada como um conhecimento, mas somente como um “grito da alma”, não estamos oferecendo nem educação cognitiva, nem educação emocional. (...) (BARBOSA, 1998, p.20).

A arte é parte da nossa cultura e tudo que representa nossa identidade pode ser arte. Ela nos faz pensar e projetar nossa realidade e sendo parte da nossa cultura nos faz interagir com nosso meio e história. Essa interação do sujeito com o ambiente é que o impulsiona, o coloca em movimento. Aprender pensando sobre a própria vida. Aprender arte pensando sobre a própria vida e sobre a arte. Passeggi; Nascimento e Rodrigues (2018) dizem que o homem se compreende e se interpreta ao narrar. “(...) A pessoa que narra, ao se tomar como objeto de reflexão, desdobra-se em personagem, narrador e autor da narrativa” (PASSEGGI; NASCIMENTO; RODRIGUES, 2018, p.97). Então, digo o que me virou do avesso: fazer diferente, proporcionar experiências significativas para os estudantes em sala de aula. Experiência é o que se passa com cada pessoa, para eu ter a experiência eu preciso atuar.

Novamente cito Barbosa (1998) quando destaca que conhecer significa ter uma experiência e não apenas experiência. Ela segue colocando que:

Conhecer significa ter uma experiência e não apenas experiência. Uma experiência completa é tão íntegra que sua conclusão é consumação e não uma cessação. Consumação é a conclusão significativa impregnada pela apreciação pervasiva que penetra o todo da experiência. A experiência, seja qual for o seu material (ciência, arte, filosofia e matemática), para ser uma experiência, precisa ter qualidade estética. É a qualidade estética que unifica a experiência enquanto reflexão e emoção. Qualidade estética resulta da consumação apreciada e difere da qualidade artística, que é específica, de materiais

específicos, enquanto a qualidade estética é conatural a todos os materiais que cercam os ritmos constantes da vida. Qualidade estética (...) é uma condição receptiva interna, que é a válvula propulsora de futuras experiências. A qualidade estética de uma experiência de qualquer natureza é a culminação de um processo (BARBOSA, 1998, p.22).

Hoje, sou professora de Arte em duas escolas na Rede Municipal de Educação de Lagoa Santa, para crianças e adolescentes de 11 a 16 anos, sendo uma delas de caráter cívico militar, que é a que vou me apegar para essa escrita. À medida que fui tomando conta do meu lugar como professora de Arte na escola e na sala de aula, percebi a falta de clareza do corpo docente e discente sobre o que seja Arte. Até então não entendiam a arte como uma área conhecimento, apenas como suporte para decorar e enfeitar a escola.

Foi neste movimento, de buscar por experiências significativas para os alunos com a arte, que sigo pelo viés das histórias pessoais, pensando um ensino que se inspira nas histórias de vida, nas experiências como possibilidades de dar sentido as memórias vividas, onde as vozes dos discentes se misturam com as obras de Arte escolhidas para compor as aulas de Arte.

Iniciei o meu mestrado com alguns questionamentos que hoje fizeram-se outros, mas ainda sem respostas:

Como e o que faz a gente garantir um processo de criação com os alunos em sala de aula? Como é possível organizar numa escola pública que a arte seja um elemento fundamental na formação desses estudantes? Para garantir um processo de criação na escola eu preciso ter um espaço de ateliê? Como dou autoria para essa produção de trabalho? Nesse contexto escolar, de “disciplinas, regras, exigências” existe um lugar para a criação e/ou uma criação compartilhada?

Para Delory-Momberger (2017):

A criação compartilhada não defende a ideia de que todos os talentos se valem, que a questão da originalidade do artista não existe. Ela reside antes na representação de que a criação se reveste de diferentes formas segundo os momentos e os lugares em que se desdobra e ela é fonte de aberturas identitárias. (...) A criação compartilhada vai, portanto, tomar formas que se construirão, se elaborarão conforme o lugar em que é realizada e o projeto que ela almeja. Ela também é uma colocação em espaço, dos corpos e das vozes, uma territorialização efêmera dos lugares em um gesto artístico comum (DELORY-MOMBERGER, 2017, p.174-175).

Sonho com uma escola como um espaço, onde os corpos se mobilizam, se encontram dentro e fora dela. Para Momberger (2017), quando o outro está ali na nossa frente, algo se desdobra, se descobre e se abre. “As emoções circulam, se chocam, se transformam, elas são vivas, contraditórias, perturbadoras, apaziguadoras (..)” (MOMBERGER, 2017, p.175). E é nesse lugar que a criação artística encontra sua amarração, toma todos esses movimentos juntos para fazer acontecer a obra comum.

Ando por este caminho, quando busco enquanto professora de Arte, trazer minhas experiências, conectadas a uma concepção de ensino aprendizagem contemporâneo que tem uma escuta ativa e onde o ouvir pressupõe uma relação dialógica entre as crianças, que na sua maioria, são invisibilizadas e oprimidas dentro do muro da escola. Ao entrelaçar minhas histórias com as dos alunos, busco como objeto de pesquisa, de investigação e reflexão, indícios de como se constitui o ensino-aprendizagem em arte, numa escola da rede municipal de ensino, tendo o bordado como fio de conexão. Parto, assim, da minha produção, numa perspectiva contemporânea, a partir das experiências e vivência dos alunos.

Para Delory-Momberger (2017) “aprender é aqui entendido como um acúmulo de saberes curriculares, um processo aditivo de conhecimentos, mas como um processo contínuo de experiências, de compreensão, de abertura ao outro e ao mundo, de criação de si.” (DELORY-MOMBERGER, 2017, p.182). É aprendendo, trocando e confrontando ideias e opiniões que o sujeito tem esse lugar para compartilhar sua vida.

(...) O conhecimento de fato leva à sabedoria? Ele abre nossos olhos e ouvidos para a verdade daquilo que há no mundo? Ou, pelo contrário, ele nos mantém reféns dentro de um compêndio feito por nós mesmos, como uma casa de espelhos que nos cega para tudo o que esteja além? Nós veríamos mais, experimentaríamos mais, e compreenderíamos mais, se conhecêssemos menos? E seria porque sabemos demais que parecemos tão incapazes de lidar com o que acontece em torno de nós, e de responder com cuidado, bom senso e sensibilidade? Quem é mais sábio: o ornitólogo ou o poeta – quem sabe o nome de cada pássaro, mas já os têm pré-classificados na mente; ou quem não conhece nenhum nome, mas olha encantado, admirado e perplexo para tudo o que vê? (...) (INGOLD, 2015, p.22).

E qual a posição do professor de arte em tudo isso?

Imagem 8 - Eu tenho um sonho



Fonte: autoria própria, 2019.

Imagem 9 - Fogão à lenha



Fonte: autoria própria, 2018.

Imagem 10 - Fragmentos



Fonte: autoria própria, 2019.

Imagem 11 - Esconder



Fonte: autoria própria, 2017.

Imagem 12 - O que realmente importa?



Fonte: autoria própria, 2023.

3.1 Eu professora: partindo do nó

Imagem 13- Bastiana



Fonte: autoria própria, 2019.

Sigo e volto novamente ao início da minha história ao lembrar do Córrego do Bomfim, lugar onde morei durante toda minha infância. Lugar de córregos, fogão a lenha, estradas e casas. Delory-Momberger (2016) fala em uma biograficidade singular, isto é, de uma capacidade de construir vestígios, construir experiências, de fazer sentido em nossa existência. E é assim envolvida com o pensamento de Delory-Momberger, que recebo um presente da minha mãe: uma fronha de travesseiro que foi da minha avó materna, Sebastiana. Minha avó, minha primeira mestre. Nesse tecido, havia uma costura, feita à mão, por ela. Como ela não enxergava muito bem, era uma costura única e bela, onde cada ida e vinda da linha com a agulha, os tecidos iam se juntando. O tecido remendado era de estampa e texturas diferentes do original; a cor da linha não era a mesma da cor do tecido, mas para mim havia uma harmonia ali. Aquele tecido e aquela costura traziam a marca da expressão individual de quem o criou, traziam a marca da minha avó.

COM EFEITO

A partir daí fiquei pensando sobre esse processo de costurar/ bordar e que não é necessário um conhecimento prévio, ter feito aulas de bordado, pois uma pessoa tão simples como minha avó fez um bordado tão belo e longe de julgamentos críticos se é arte ou não. Decidi então, comprar linhas e agulhas e iniciei meus bordados no que eu mais tinha em meus arquivos pessoais: minhas fotografias. A cada foto que bordo, tenho uma sensação que não sei se sei descrever, mas me sinto em paz e sendo eu mesma, colocando por meio daquelas cores e texturas o meu desejo de estar perto de novo da minha avó, de estar no Córrego do Bomfim, no meio daquela paisagem e junto aos meus, que fizeram parte da minha infância.

Imagem 14 - Tecido costurado

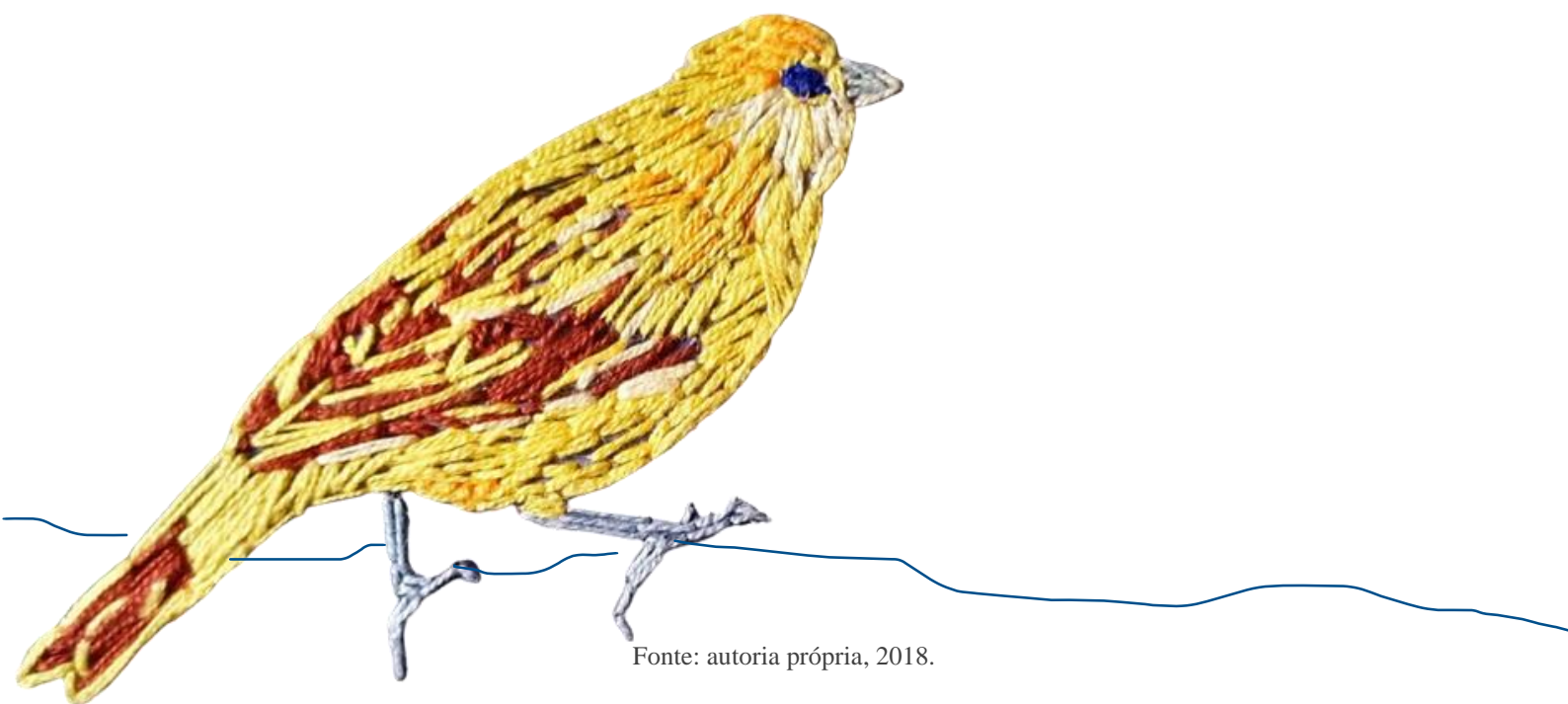


Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

Minha avó tinha uma sacola de arroz vazia, com todas as suas fotos e da família dentro. Essa sacola era o seu diário. Nela continha fotos do seu casamento, convites de casamento, fotos em monóculo. Fotos soltas, fragmentadas, cada uma, uma história, mas juntas contavam a história da minha avó. Era um acontecimento quando ela tirava a sacola para mostrar as fotos e contar as histórias de cada uma. Essa cultura da imagem, das narrativas das imagens, que muitas vezes mudava ao ser contada e recontada, talvez venha daí meu gosto pela fotografia. Essa sacola de arroz, ou melhor, esse seu diário ficava dentro de um baú de madeira, que servia de assento, bem na cozinha. Como se fosse um segredo dentro de um outro segredo: um diário dentro de um baú. Nunca consegui juntar todas aquelas histórias. Muitos tios, tia avó, madrinha de casamento do Zé, prima de segundo grau da Neide, filha de consideração da Maria Pita, João Paulo irmão do Pedro Nicolino e muitas outras pessoas, cabendo dentro de uma sacola. A cada vez que eu ouvia as histórias, mais eu me fragmentava e não em encontrava nelas, mas me aproximava de uma paixão por aqueles pedaços de papel.

Costurando fotografias e memórias, guado hoje meus bordados em um pequeno baú de madeira e parte em uma sacola de pano, o que me carrega até minha avó. Todo esse panorama me convidou a pensar sobre meu ponto de partida. Minha avó guardava registros. Esses registros estão hoje com um tio que não deixa ninguém pegar nessas fotos, para não perder nenhuma memória. Eu decidi interferir nas imagens que fiz e trago comigo, para mudá-las, imprimir um pouco de mim em cada uma.

Imagem 15 - Pássaro bordado



Fonte: autoria própria, 2018.

3.2 Eu professora-artista: ponto caos

Retomo agora alguns aspectos de minha trajetória enquanto discente que me levaram até as minhas imagens e docência em Artes Visuais, que me levaram à proposição deste estudo.

Quis ser professora desde criança. Como muitas crianças, brinquei de ser professora e esse desejo sempre me acompanhou. Já adulta, após muitas tentativas frustrantes em outras áreas de formação, minha busca foi em ser professora de Artes Visuais. Com um bacharelado em Comunicação Social em 2008, consegui autorização para dar aulas de Arte para turmas de Ensino Fundamental e Médio da Educação de Jovens e Adultos (EJA) na rede estadual. Esses sujeitos também foram responsáveis pela construção do meu desejo em ser artista e professora, de ter uma postura de escuta do outro ao perceber que nas aulas de Arte o fazer artístico vinha como uma maneira de contarem suas histórias para si e para o coletivo.

Baudouque

Mesmo assombrada pelo medo de abandonar o emprego e me dedicar a outra graduação, assim eu fiz, no ano de 2015, e imergi em busca da realização desse desejo. Quero lembrar aqui que tive apoio de uma professora de arte que me ajudou muito a chegar nesse lugar, professora Cecília César. Enquanto graduanda em Artes Visuais, minha vontade em ser professora e estar em sala de aula sempre foi muito grande e pude experimentar um pouco das rotinas em escolas ao acompanhar e participar de aulas com os professores Rosvita Kolb, Juliana Gouthier e Geraldo Loyola, que me abriram muitas portas compartilhando em sala tudo que sabem e sentem desse lugar de ser professora e abrindo espaço para eu trazer minha narrativa de vida através das minhas imagens.

Me formei em Licenciatura em Artes Visuais no ano de 2018 e em 2019 tive experiência na condição de docente com crianças do segundo ao quinto ano, Ensino Fundamental I, na rede particular de ensino e em 2020 fui nomeada na Rede Municipal de Educação, na cidade de Lagoa Santa, Minas Gerais, onde leciono em duas escolas para crianças e adolescentes do sexto ao nono ano, do Ensino Fundamental II. Ao ter experiências em sala de aula com esses alunos, muitos questionamentos, muitas dúvidas e angústias me vieram no tempo que pude estar em sala de aula presencialmente e no período de isolamento, devido à pandemia do Covid-19 que vivemos. “Por que o aluno não pode andar pela escola e explorar os lugares? Por que tem que se sentar em carteiras enfileiradas? Como a arte pode ser usada para articular entre a emoção e a criação? Como dar aula de Artes sem um ateliê para fruição e compartilhamento dos

trabalhos? Como estimular a criação em Arte? Como a arte visual e meus bordados podem ser passíveis de investigação e apresentar caminhos que me ajudem a responder minhas inquietações?”

Cheguei, então, em 2020, na sala de aula. No contexto da sala de aula, incluir na vida dos alunos a experiência em Arte é importante para que esses eles encontrem maneiras de narrar sobre si e trazer sua história. E essa experiência só é válida se fizer sentido. Mas como fazer isso? Larrosa (2016) diz que devemos pensar a educação a partir do par “experiência/sentido”. Devemos dar sentido ao que somos e ao que nos acontece pois, a todo momento, somos afetados por estímulos e devemos estar atentos a essa velocidade e o que ela nos causa. O silêncio e a memória são fundamentais para que ocorra uma aprendizagem significativa. Essa possibilidade de experienciar o momento de maneira individual e subjetiva, para Larrosa (2016), requer um gesto de interrupção desses tempos tão corridos. Larrosa (2016) diz:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LARROSA, 2016, p.24).

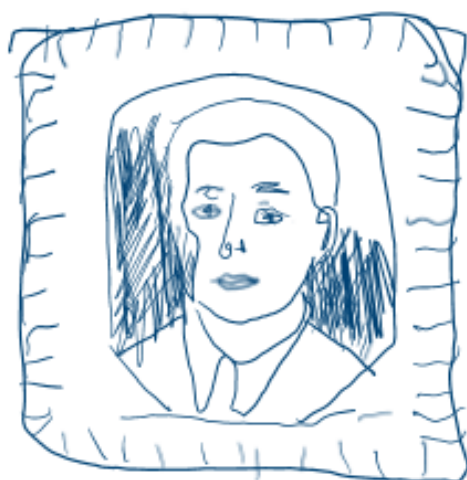
Minha experiência artística me fez refletir sobre a importância do fazer estar ligado com o fazer artístico, no processo da construção de conhecimento e na exploração dos materiais para a construção plástica. Ao trazer meus bordados sobre fotografia, meu interesse está no ato criador, do que ele é constituído e do que posso construir, no momento em que pego a agulha e a linha e me envolvo com esses materiais e comigo mesma, com minhas lembranças e histórias. Mais do que a narrativa (auto)biográfica o fazer artístico é compreendido como o alicerce do nosso crescimento, o que constrói nosso repertório e amplia nossa possibilidade de comunicação conosco e com o meio em que vivemos. Para Derdyk (1989):

Não há mais dúvidas de que todas as pessoas são inatamente criadoras, independentemente de sua formação cultural, de sua atividade, de sua origem racial ou geográfica. O que nos impede de exercer o nosso desejo criativo? A concepção de nós mesmos, como um ser acabado e estável, agarrado a uma ideia de eu, tal como a tábua de salvação no meio do mar, é um empecilho para nos lançarmos. A vivência pode significar um caminho aberto para o desconhecido, ampliando a nossa consciência (DERDYK, 1989, p.11).

Na universidade, então, conheci por meio de leituras e referências obras de muitos artistas. Muitos deles passavam sem que me tocasse. Porém, outros eu guardava e sempre trazia comigo quando pensava em criar. E foram esses que levei para sala de aula. Professor Geraldo Loyola apresentou em uma aula de Laboratório o artista visual Arthur Bispo do Rosário e sua obra do manto e dos recortes de tecidos bordados. Bispo do Rosário foi um artista plástico conhecido como o artista louco e genial. Considerado gênio por alguns e louco por outros. Esse termo de artista-louco-gênio me remete a um trecho do poema de Fernando Pessoa, que diz “O poeta é um fingidor, finge tão completamente, que chega a fingir que é dor, a dor que deveras sente.” (PESSOA *apud* PENSADOR, 2005). Bispo do Rosário traz esse lugar da pessoa incomum, que não se considerava artista, sendo negro e louco. Ele era para a sociedade um sujeito anormal, que foi deixado por 50 anos em um manicômio.

Foi numa aula de Fundamentos do ensino da Arte que a professora Rosvita Kolb apresentou à turma a obra *Parede de Memória* da artista Rosana Paulino. Essa obra são onze fotografias do arquivo familiar da artista e que foram impressas em inúmeras almofadas de tecido de algodão. Originalmente em preto e branco, algumas imagens foram retocadas com tinta aquarela, conferindo novas cores aos familiares da artista. Essa obra está situada nesse lugar de provocação, ressignificação, crítica e proposição de narrativas outras da história dessas pessoas e que de alguma forma nos perpassa.

Imagem 16 - Esboços



Fonte: autoria própria, 2023.

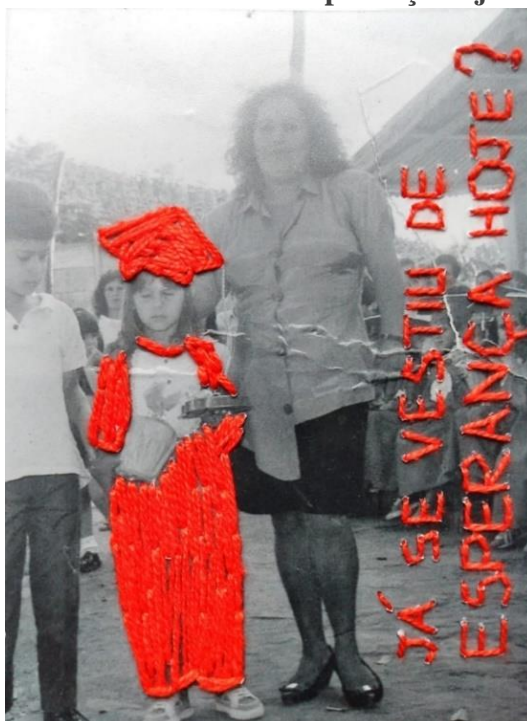
E foi a partir dessas duas aulas, com esses professores, que fui buscando pela minha poética, mesmo ainda em alguns momentos sem saber qual caminho seguir. A cada dia eu sou uma. Não existia uma única Simone anterior aos meus bordados, mas a cada dia eu inauguro, eu busco por gestos novos, por criar o que até então eu não tenha feito. Eu sou o caos. Minha poética é costurada por questões de memória e afeto, onde eu posso me apropriar da minha história e criar.

Para Delory-Momberger (2017):

Cada um é sua própria fonte e se supera ao mesmo tempo, movido pela sinergia do grupo. A criação compartilhada é uma zona de encontro entre o dentro e o fora, o dentro do mundo de si e o fora do mundo do outro, do mundo de si com o outro. (...) é o que está em jogo na criação compartilhada, o 'entre', um espaço de intranquilidade, em que para se defrontar com o outro, cada um tem que chacoalhar-se, sair de suas certezas, de suas reservas. (...) Trabalho biográfico dos mais essenciais em que a criação artística encontra sua amarração, toma esses movimentos juntos para fazer acontecer a obra comum, tornando-a inédita por sua composição, é claro, mas também por essa liga de singularidades, essa circulação heterobiográfica – na qual cada um se reconhece, se diferencia, aprende do outro entre participantes atravessados pela experiência comum da criatividade, da obra a fazer (DELORY-MOMBERGER, 2017, p.175-176).

Foi, então, estabelecendo uma conexão da minha experiência artística com trabalhos de artistas que me foram referência para meu ato criador, que cheguei na sala de aula e esse lugar mexeu comigo, o que me levou a esse estudo e busca de encontrar respostas à pergunta: Como as crianças usam o bordado como potência para criação em Arte no contexto da escola?

Imagem 17 - Já se vestiu de esperança hoje?



4 ARTE E ESCOLA

Arte é terra de todo mundo. Na maioria dos livros didáticos que tratam sobre arte sempre há aquela mesma explicação sobre arte, de que nossa vida está cercada por arte por todos os lados, nós somos afetados por ela, todos os dias, mesmo que pensemos que não conhecemos a arte, que achamos que não convivemos com objetos artísticos. Arte é, então, terra de todo mundo. Terra onde todos tem contato com a arte todo dia, toda hora, em tudo que faz. Terra onde “tudo que está ao nosso redor” é arte. Pelo menos é o que dizem os livros didáticos.

Para mim a arte sempre foi terra desconhecida. Sempre achei pouco somente colorir em um pedaço de papel com desenho pronto. Andar por seus domínios é ter a certeza de que essa terra é sim de todo mundo, mas que precisa ser fertilizada e vista com outros olhos para que seja vista da mesma maneira por todos. “Por que não observar como se dá essa criação desde a infância? Que paisagens internas e externas são tematizadas pela criança? Que sentido ela lhes dá? (PASSEGGI; NASCIMENTO; RODRIGUES, 2018, p.98). Arte é um olhar que se volta para si mesmo e, nesse movimento, nos leva a perceber a existência de caminhos desconhecidos que surgem e se reafirmam a cada passo.

Percebo hoje que com a arte e pela arte eu volto pelo meu caminho: às vezes navegando pelas águas que encontro, outras vezes pela costura e outras a pé mesmo, descalça. Minha poética é costurada pelas minhas memórias e pelo que ficou em mim. Mas não somente ela é costura, eu também sou. Sou ponto caos, ponto corrido, ponto cruzado, ponto atrás, ponto invisível. Às vezes sou forte, às vezes me desfaço, às vezes recomeço, às vezes me movimento, às vezes sou fim. E é nessa costura que falo desse lugar arte-escola. Antes de iniciar minha experiência enquanto docente em Arte, tive a experiência de estagiar em uma escola municipal onde pude vivenciar a experiência de levar o bordado pela primeira vez para uma sala de aula. Eu quis levar nessa experiência um pouco do que não tive na minha infância nas aulas de arte. E então, participando de um projeto que buscava trazer o tema família com a arte que iniciei essa experiência com o bordado na sala de aula.

Para situar, minha experiência em sala de aula se deu com o projeto Young IDEA¹ 2018, que é fruto da parceria entre a *International Children's Family Parliament/ Parlamento Internacional*

¹ Sobre o projeto: <https://www.youngidea.org/>.

da Família das Crianças², a Universidade de Música e Teatro de Rostock (HMT, Alemanha), através da Professora Marion Küster e a Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, através das professoras Dr^a Rosvita Kolb Bernardes, do Grupo de pesquisa do CPQ Casa Aberta Mesa Posta: Arte e Narrativas de Si e Dr^a Ana Cristina C. Pereira, do Grupo de pesquisa do CPQ Laboratório GestoLab.

A partir daí, fui para a sala de aula com a pergunta: Família, o que é isso? E os estudantes responderam por meio do desenho, pintura e costura em tecido.

No encontro que tivemos na Alemanha, tivemos a oportunidade de compartilhar nossas experiências em projetos de Arte e Educação e nossas pesquisas de caráter autobiográfico nas quais relatamos nossas experiências para estabelecer, de forma crítica, possibilidades para a abordagem da arte na prática docente. Esse projeto desencadeou com mais propostas: oficinas, relatos de experiência, vivência na prática com professores de arte e o parlamento em Togo, na África, coordenado pelo professor Dr. Gilbert Dotsé Yigbe, da University of Lomé, onde teve sua culminância.

Nessa escola os estudantes puderam experienciar a costura pela primeira vez, conforme iam trazendo suas histórias. E à medida que iam costurando, desenhando, eu ia me identificando com aquilo, com as escritas, desenhos, narrativas, mapas que foram sendo construídos.

Imagem 18 - Cartografia da família



Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

² Contou também com a participação dos integrantes Anna Claudia Rocha de Paiva Reis, Camila Cristina Silverio Pinto, Gabriela Alvarenga Cardoso Silva, Simone Torres de Lima Bernardino e Wendel Luiz dos Santos Martins, estudantes de Artes Visuais na época. Este projeto se configurou como um projeto de extensão denominado NOSSA! GENAU, ZUSAMMEN: CONSTRUINDO REDES DE COLABORAÇÃO ENTRE BRASIL E ALEMANHA.

Imagem 20 - Apresentação sobre projeto na Belas Artes/UFMG



Fonte: FAMILY – What's that?,2019.

Imagem 21 - Exposição das obras em Togo (África)



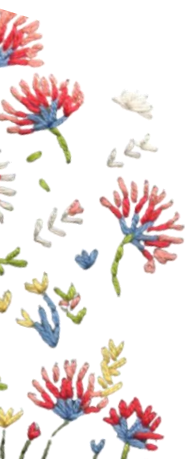
Fonte: FAMILY – What's that?,2019.

Até hoje não ousou dizer o que cada desenho significa. Na verdade, realmente não sei nem o que vejo, pois preciso ainda ser “pedagogizada” esteticamente. Decidi então não falar sobre o que via, mas o que imaginava, pois o que vejo não é visto por outra pessoa da mesma maneira. Esse tecido costurado pelos estudantes me levou a Bachelard (1988): “O aposento era grande? O sótão era cheio de coisas? O canto era quente? De onde vinha a luz? Como, também nesses espaços, o ser sentia o silêncio?” (BACHELARD, 1988, p.21). Iniciei escrevendo o que via e o que não via: quadrados, retângulos, manchas, linhas e cores. Na minha realidade visível via uma moradia, cor amarela, com onde frestas, que suponho ser janelas, uma porta e uma maçaneta; um piso na cor preta com manchas amarelas; tudo isso rodeado por um azul e com um sol bem acima. Bem em frente a essa moradia, que suponho ser um apartamento ou casa de dois andares, encontram-se três sujeitos, usando roupas nas cores vermelho, verde e azul; esses sujeitos sorridentes e cada um em um plano: um na calçada, o outro atrás encostado na parede e um bem na porta. O que não vi foi o interior da casa. Aquelas janelas azuis eram vazadas? Como eu conseguia ver o azul do céu? Havia escadas na casa? Morava lá mais alguém? Havia objetos?

Para Edith Derdyck (1989) desenhar é conhecer o mundo e se apropriar dele, à sua maneira. Assim como a linha pode ir e vir, o sujeito também pode. Para Macedo *et al.* (2013), “aceitar e respeitar as diferenças é um pressuposto para a escuta, sem a qual não há a possibilidade de diálogo, de trocas.” (MACEDO *et al.*, 2013, p.2). Em seus devaneios ele pode escolher cores, linhas, formas, texturas, criando uma narrativa própria, sua, que encanta. A intensidade desses desenhos me fez pensar em como esses sujeitos se colocaram presentes nas suas narrativas, se fazendo crescer a partir das suas experiências. Percebi ali que a vivência é um caminho para o ato criativo, pois amplia nossa consciência do mundo exterior e interior.

O ensino/aprendizagem de Arte abarca sujeitos, pensamentos, procedimentos, histórias. Ou seja, Arte tem conteúdo e o seu ensino/aprendizagem é que vai possibilitar avanços, como o refinamento da imaginação, a ampliação das fontes de significados pessoais e um aprofundamento do diálogo (EFLANDO *apud* MACEDO *et al.*, 2013, p.5).

Tive outra experiência com crianças. Dessa vez foi na disciplina de Estágio, sob orientação da professora Juliana Gouthier, que iniciei, ao mesmo tempo que os alunos de escola municipal, um olhar para o meu caminho. Essa experiência se deu no mesmo período em que estava com o projeto “Família: o que é isso?”. Pude, aí, olhar para meu caminho enquanto artista: Qual era meu caminho? O que eu iria levar dali para a docência? O que aprendi até ali?



“Meu caminho. Percebi que algo havia mudado. Não andei seis quilômetros para chegar à escola, não chupei mexerica e cana no caminho. Não precisei limpar os pés e calçar o chinelo. Não passei pela serra, não cheguei ao alto do morro e gritei. Cadê o eco?

O eco me dizia que eu estava no meio do caminho. Tantas pedras e barrancos. Cheguei aqui. Aqui eu quis gritar, mas os carros e pessoas me calaram. Também, não sei se eu podia. Não sei e não perguntei se eu podia. Ainda hoje não quero perguntar. Aprendi assim. Desaprendi assim. A poesia estava no caminho. Hoje, o caminho está em mim. Só sei que, mesmo eu sendo a mesma, a escola não é a mesma, mesmo aprendendo tudo de novo.

Para onde rolaram as pedras? Este foi o caminho que percorri. Cores, cheiros, textura, paisagens, sabores, companhias e demora.

Caminhos e lugares. Dentro da escola eu lembrava do muro lá fora. O mundo lá fora a cada minuto me leva de volta ao mundo aqui dentro. Parafrazeando Fernando Pessoa “a criança que fui chora na estrada, deixei-a ali quando vim ser quem sou; mas hoje, vendo que o que sou é nada, quero ir buscar quem fui onde ficou” (...).

Para Ingold (2015, p.24) “quando crescemos, aprendemos a deixar de lado essas tolices de criança”. Aquela estrada sem fim e aquele morro que não acabava nunca. Acabou. Durante meu período de estudo na graduação, fiz meu trajeto sentada, sob rodas, com os meus possíveis caminhos já planejados, a caminho da universidade. Não tinha mais os pastos. Pastos verdes. O cheiro também era verde. O verde que se podia ver, cheirar, tocar e experimentar. Verde que vinha com o vento. Aquele que nunca mais achei. “Tão roubando mexericaaaaa!!!”. Nessa fração de segundos, do grito mais esperado do dia, começava-se a corrida naquele labirinto. Latidos de cachorro, porteira batendo, barulhos de folhas, galhos e matos sendo roçados nas pernas, coração acelerado, risos – aquele de nervoso-, um formigueiro a frente, ai! pisei num espinho! Esperem por mim! Os olhos que ficaram exatamente no seu lugar até ali, foram para os pés logo após um do grupo dedurar! E agora, para onde vou?

Há muitas maneiras de caminhar, e nem todas nos levam para fora. Uma das que não nos leva (...) é o que chamamos fila do crocodilo. (...) Trata-se de um artifício usado por professores para levar a classe de um lugar a outro sem contratempos. As crianças devem caminhar aos pares, numa linha reta (...) Mas quando essas mesmas crianças vão da escola para casa e vice-versa, elas caminham de uma maneira bem diferente. Às vezes com pressa, às vezes

tranquilamente, saltitando e se arrastando alternadamente, a atenção da criança é *capturada* - ou, na visão do adulto que a acompanha, *distraída* – por qualquer coisinha: da dança de luzes de sombras ao voo dos pássaros e latido dos cães, do perfume das flores a poças d’água e folhas caídas, inúmeras pequenezas como caramujos e coquinhos, moedas perdidas e lixinhos reveladores. São essas coisas que fazem da rua um lugar tão interessante para o pequeno detetive que caminha com os olhos fixos no chão (INGOLD, 2015, p.23-24).

Saindo do verde que seguia sempre acompanhando, fui para o ofício árduo e diário: a escola. Lá também tem ventos...cheiros... e crianças! Ah, crianças! Nelas que o detetive ainda tem chances de devorar o crocodilo e a curiosidade, engolir a disciplina. Pelo menos é assim nas aulas de Arte. Não nas daqueles professores “disciplinados pela educação”. Mas de professores que derrubam qualquer barreira que impeça das crianças de voarem.

“Portanto, o poder da imaginação está não na representação mental, tampouco numa capacidade de construir imagens antes da sua realização material. Imaginar é um movimento de abertura e não de fechamento; produz não fins, mas começos” (INGOLD, 2015, p. 30). Como podemos escapar do dédalo? Acho que roubar mexerica é um bom começo.

Imagem 23 - Lagoa



Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Imagem 24 - Autorretrato



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Imagem 25 - Exposição Autorretratos



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Imagem 26 - Bordado prédios



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Imagem 27 - Exposição Bordados



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

4.1 #fiqueemcasa: o que vejo quando me vejo?

Cheguei em 2020 na sala de aula. Uma espera que durou muitos anos. No entanto, em pouco mais de um mês em sala de aula de forma presencial, o mundo foi acometido por um vírus invisível, o Covid-19, onde pessoas se viram condicionadas a permanecer em suas casas, para se prevenir desse sujeito cruel e silencioso. As escolas foram fechadas e fomos orientados a permanecer em casa onde nossa rotina e a da nossa família mudou. E eu, na condição de professora, tive que pensar em aulas de arte de forma remota, para estudantes que em sua maioria nem acesso à internet tinham. Por isso, foi preciso buscar me adaptar a essa nova maneira de ser professora – ou de tentar. E lá fui eu.

Sentava na mesma cadeira cinco vezes por semana. Sentava, ligava o computador, sempre de frente para o tempo inventado no calendário despencando em minha parede, e que é o oposto do que vejo da janela, um tempo sem ser marcado. 8h50. É tempo de começar a aula. De cá, muito cansaço, dúvidas, desejos. 9h00. Somente 7 estudantes presentes. Vamos esperar mais uns minutos para gente ver se mais alguém chega. De lá, poucas expectativas. Muitas câmeras fechadas, com nomes e códigos a serem decifrados. “Tem que fazer a chamada!”. É uma das orientações da escola para se ter “controle” dos alunos que estavam assistindo a aula. Assistir. Era exatamente essa a sensação que eu tinha, pois eu de cá, com minhas dúvidas, angústias do ser-estar-professora pela primeira vez – oficialmente – e de lá as crianças que eu tanto esperei em conhecer e (com)partilhar, dividir o pouco que sei e aprender com eles o que ainda não sabia. E assim se foi uma semana, um mês, um ano, dois anos.

Dois anos. E a cada dia o vírus Covid-19 se propagava ainda mais em todo o mundo. Vivenciar o “#fiqueemcasa” parecia ter sentidos distintos para cada criança, pois cada um sente, pensa, vê, imagina, deseja e sonha à sua maneira, que única e individual e isso eu ia percebendo por meio de atividades impressas que eram enviadas para o(a) alunos(a) fazer em casa, e devolver feita. Entre grades. Era essa a sensação que eu tinha. As grades podem estar em muitos lugares, até mesmo dentro de casa e nem sempre são físicas.

Como aprender e criar, mesmo estando em uma pandemia? Como passar pela experiência individual e social e criar a partir daí? Comecei meus encontros olhando pela tela para os olhos ou vozes que estavam do outro lado. Eles eram os protagonistas da minha aula. Mesmo tão silenciosos do outro lado. Para Barbosa (1998):

Aqueles que defendem a arte na escola meramente para liberar a emoção devem lembrar que podemos aprender muito pouco sobre nossas emoções se não formos capazes de refletir sobre elas. Na educação, o subjetivo, a vida interior e a vida emocional devem progredir, mas não ao acaso. Se a Arte não é tratada como um conhecimento, mas somente como um “grito da alma”, não estamos oferecendo uma educação nem no sentido cognitivo, nem no sentido emocional (BARBOSA, 1998, p.20).

Então, como criar uma experiência completa, que faça sentido, cheia de conhecimento? Barbosa continua:

Experiência, para Dewey, é a interação da criatura viva com as condições que a rodeiam. Aspectos e elementos do eu e do mundo qualificam a experiência com emoções e idéias. Contudo, a experiência grávida de conhecimento é experiência completa. Uma experiência incompleta nada significa. As experiências incompletas alienam e confundem o universo de significados vitais do ser humano (BARBOSA, 1998, p.21).

Em sala de aula é importante ouvir o aluno, seus interesses, desinteresses e desejos, oferecendo oportunidades para a manifestação artística. Mas quando a sala de aula ainda é a casa? Barbosa (1998) nos respondeu acima: a experiência em arte acontece exatamente quando essa criança interage com as condições que a rodeiam. Ao dialogar com sua história de vida e experiências estéticas vivenciadas, o sujeito re-vive sua história, que é única, ressignificando os acontecimentos já vividos, mas situado naquele momento presente. As imagens são uma potência para que essa memória da sua história e do que sente possa ser transformado em arte e novos conhecimentos sejam aprendidos. O que eu podia fazer do lado de cá era tentar manter um vínculo com esses estudantes e buscar entender e conhecer o que sabiam ou desejavam saber e fazer na “aula de Arte” que durava apenas 50 minutos, uma vez por semana ou quinzenalmente.

Comecei então, do lugar que me sentia mais confortável e o que eles podiam ter acesso: a fotografia. Iniciei uma aula, mostrando imagens das obras da fotógrafa Vivian Maier. Vivian foi uma fotógrafa, mulher, norte-americana que se especializou na chamada *street photography*. Trabalhou por 40 anos como babá, enquanto tirava fotos em seu tempo livre. Foi esse lugar que me aproximou das suas imagens, seu desejo em tirar fotos de lugares, paisagens, pessoas que passava por ela em momentos em que não deixava de lado sua “tarefa de ser mulher, mãe, esposa”. Vi Vivian como uma fotógrafa solitária. E assim me senti muitas vezes. E assim me conectei com ela. Muitas vezes fotografava a si mesma, ela aparecendo ou não na imagem. Muitas vezes o que ela via, as cenas que presenciavam falam mais por ela do que mostrar ela

mesma. Grande parte suas fotos nunca foram publicadas e vários de seus negativos nunca foram revelados, foi então que um colecionador encontrou suas fotos e publicou. A partir daí suas fotografias fizeram fama pelo mundo.

Imagem 28 - Esboços I



Fonte: autoria própria, 2023.

E lá iniciei a aula. Precisava trazer um assunto, pois as escolas ainda têm a rotina de exigir conteúdo a ser ensinado aos alunos, já que todo trimestre se tem a “Avaliação Trimestral”. Comecei, então, mostrando as obras de Vivian e deixei que cada um fosse se relacionando com ela de alguma forma. Falei um pouco sobre o “autorretrato” – aquele conteúdo que tinha que ter para a avaliação trimestral. “O autorretrato é um reflexo de nós mesmos, em que mostramos

como nos vemos. E existem muitas maneiras de fazer isso. Produzir um autorretrato pode ser uma oportunidade para pensar sobre quem somos, como nos vemos e nos reconhecemos. Vivian Maier fez inúmeros autorretratos. Ela parecia estar atenta aos reflexos de sua própria imagem enquanto caminhava pelas ruas.” E lá fui eu apresentando em slides imagens das obras da Vivian.

Como você se vê? O que você vê neste momento? O que está sentindo em relação a tudo isso que está acontecendo no mundo? Alguma fotografia da Vivian parece com algum lugar que conhece, que já viu ou que imaginou? Como sabemos, o autorretrato é um reflexo de nós mesmos, em que mostramos como nos vemos, mas também é um retrato das nossas sensações, das nossas percepções sobre o que nos acontece e dos nossos desejos.

Quais experiências resultaram em conhecimento acerca da arte na sua vida? O que foi aprendido em sala de aula através das imagens? Cada sujeito e situação se modifica no curso da experiência, o que significa que uma experiência estética não tem o mesmo sentido para todos. Pimentel (2017) nos diz que:

(...) a falta de vivência significativa em Arte pode levar à dificuldade da narrativa de si, uma vez que o sujeito fica alijado de experimentações que o ajudariam a se conhecer e se expressar e, portanto, de saber se apresentar e saber das imagens e emoções que ele próprio veicula de si (PIMENTEL, 2017, p.313).

Iniciei, então, um processo de busca por inserir arte na vida dos estudantes, mas de maneira que fizesse sentido para elas e que pudessem se conhecer e expressar, a partir daí. Próxima semana e mais uma aula. Inicio novamente com imagens de autorretrato de Vivian.

O que você vê nessas imagens? Onde imagina que Vivian estava? Quais lugares Vivian usou para fotografar o reflexo de sua imagem? E você, o que você vê quando se olha no espelho? E como você se vê quando se olha no espelho?

Imagem 29 - Série: Quem sou eu? Azul



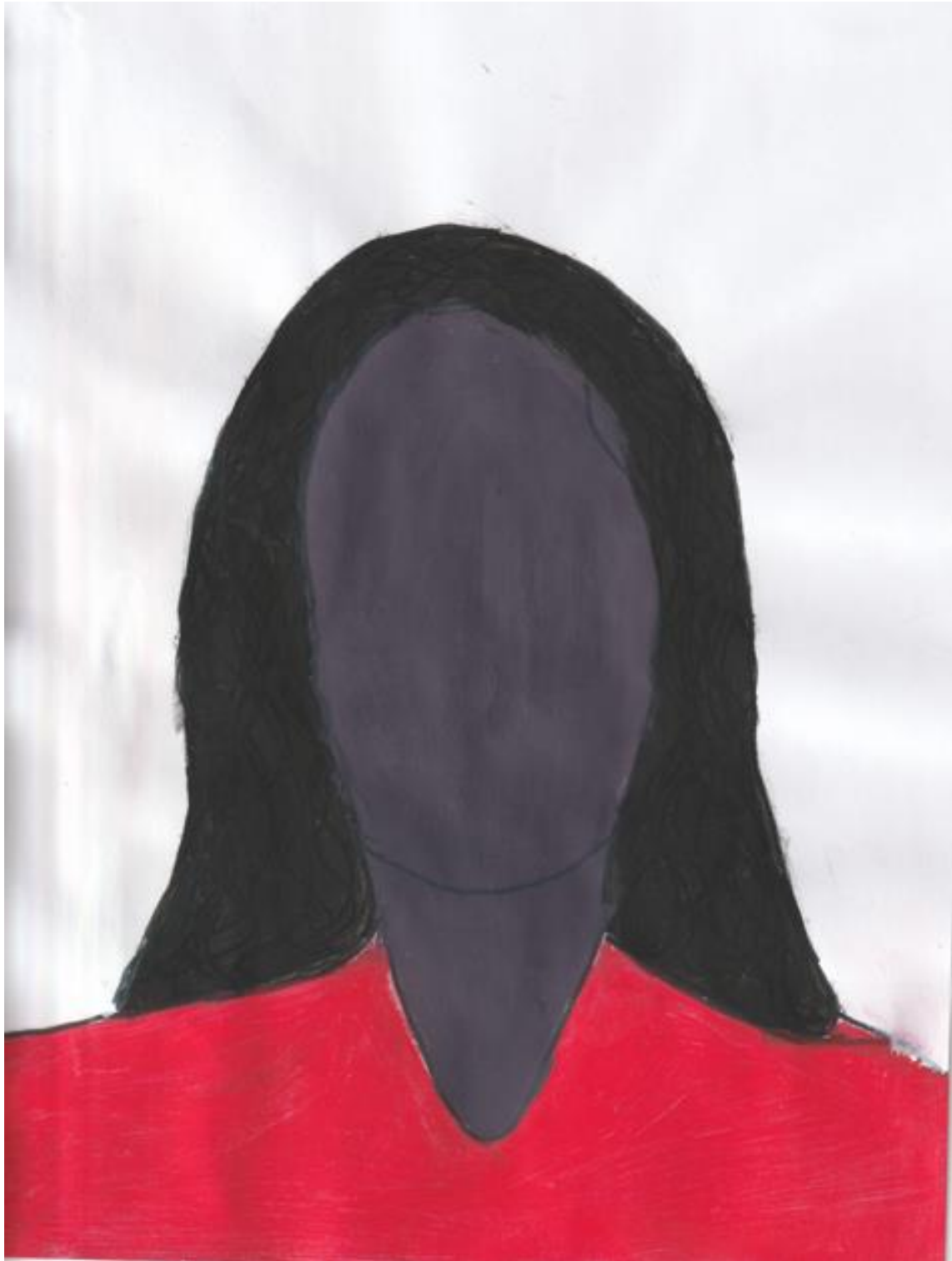
Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

Imagem 30 - Série: Quem sou eu? Roxo



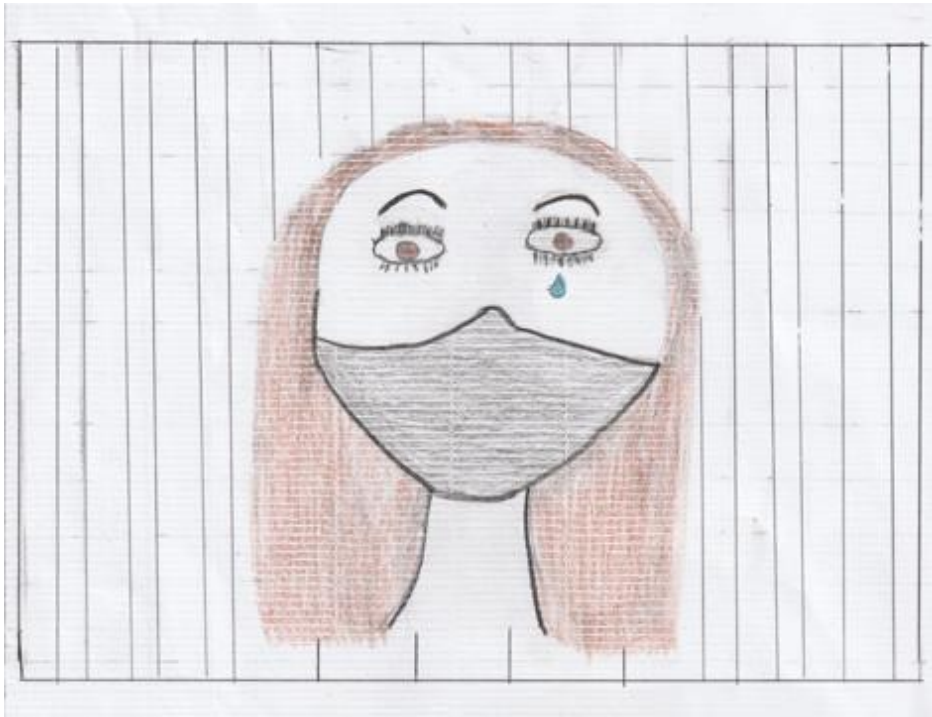
Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

Imagem 31 - Série Quem sou eu? Vermelho



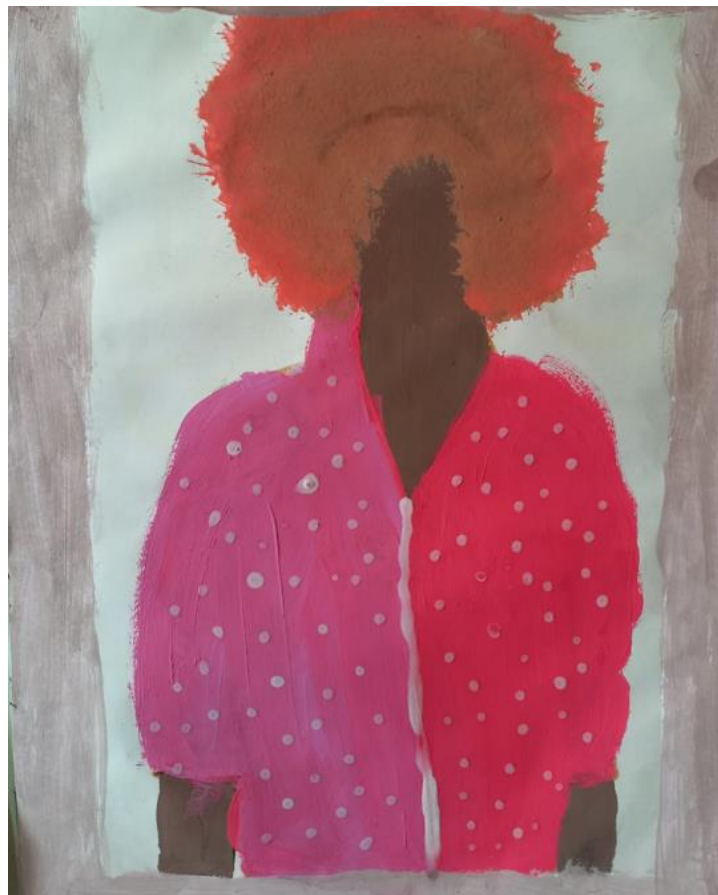
Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

Imagem 32 - Série Quem sou eu? Máscara



Fonte: Dados da autora, 2020.

Imagem 33 - Série: Quem sou eu? Rosa



Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

4.2 #fiqueemcasa: postais para o futuro

“Tornar possível a vida, respirar entre a poeira que se levanta das ruínas” (MOMOLI, 2023, n.p.). Em 2021, o formato das aulas foi exatamente igual do ano anterior. A escola, lugar de tantas experiências, ainda estava sendo trocada pela sala de aula remota. Nessa sala remota, tinha-se a sensação de que nada acontecia, pois os alunos ainda continuavam com suas câmeras e fones desligados. Nada estava acontecendo. É possível nada estar acontecendo na vida de uma criança em meio a uma pandemia? Mudo minha afirmação. Tudo estava acontecendo. Eu que não estava escutando. Se numa sala de aula as falas seriam muitas, paralelas e ali nada disso se ouvia, algo estava acontecendo sim.

É urgente ouvir as crianças. Para Barbieri (2021):

As crianças carregam em si a possibilidade de invenção de mundos. Assim como os artistas, elas trazem a potência de tornar o mundo outro, a partir de seus questionamentos e inquietações. Ao tomá-lo não como algo pronto, mas em constante construção e reinvenção, elas investigam e questionam o que vivem, indagando-se a respeito dos sentidos e dos porquês de cada acontecimento (BARBIERI, 2021, p.16).

Barbieri (2021) nos lembra que as investigações das crianças ocorrem durante o brincar, o fazer, o experimentar, o construir. O que estariam construindo as crianças e adolescentes em tempos de pandemia, mesmo privadas de recursos tecnológicos, materiais e um ensino e apoio mais eficaz e atencioso dos adultos que a rodeiam?

Falar como foi a experiência desses alunos é algo individual, mas posso falar aqui do meu lugar enquanto professora. Foram muitos desafios, dúvidas e angústias. Sobrecarga de trabalho, invasão de privacidade, onde eu dava aulas com meu filho chamando e chorando ao lado, meu telefone particular tornando-se público, onde pais e mães mandavam mensagens às dez, onze horas da noite, pouco conhecimento do ser-professora e fazer certo.

Tudo muito intenso. De um lado eu aprendendo ser professora, do outro estudantes, que vivem em bairros periféricos de sua cidade, com pouco acesso à internet ou sem aparelho celular para ter acesso a uma aula remota, privados em muitos aspectos. Fiz o que pude. Bem obrigatório isso. Na verdade, fiz o que soube para tentar levar uma aula de arte efetiva a essas crianças e adolescentes – mesmo distante. Barbieri (2021) diz que as crianças são impactadas pelas

experiências. Que experiência a arte pode proporcionar em meio a pandemia? Como cada criança e adolescente está se sentindo neste momento, em sua casa? O que está sentindo? o que deseja dizer que ainda não tenha dito? Que imagens elas querem deixar para o futuro?

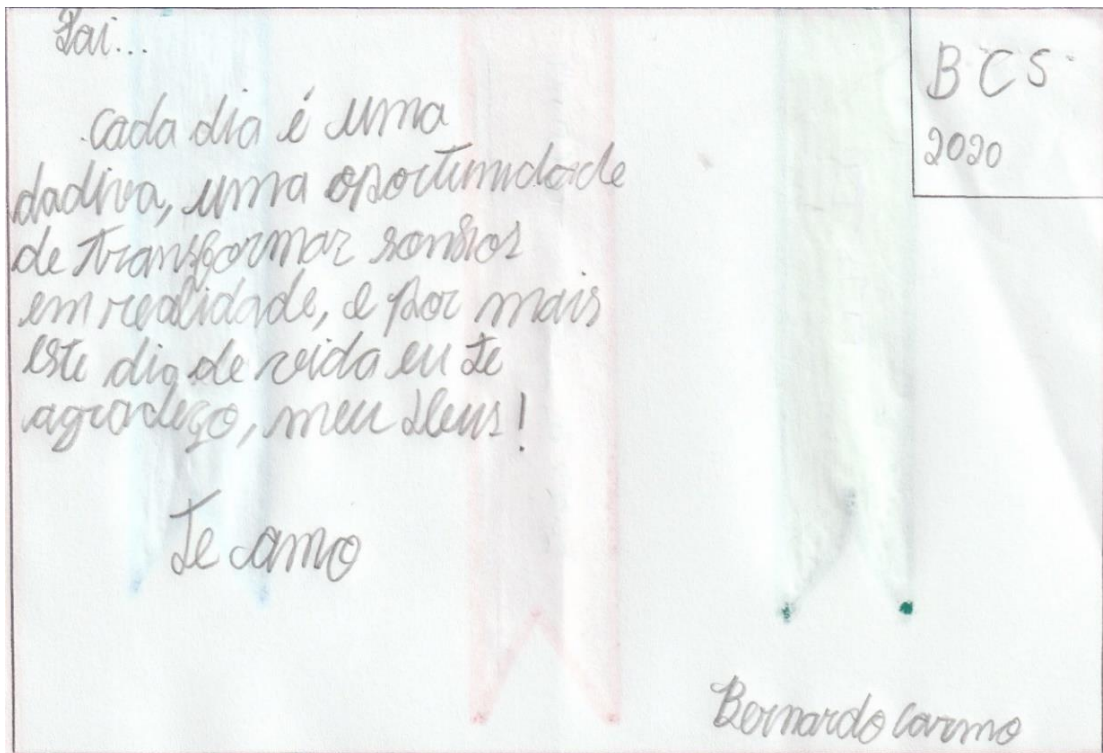
Para mim, para que uma aula de arte aconteça, eu preciso da presença dos alunos. Mas há outra coisa que também preciso: do que surge pelo caminho. Às vezes os temas, assuntos para as aulas vão surgindo com os comentários, com os silêncios, pelo caminho de ida para a escola, nos intervalos, nos corredores, nos entre-lugares. E foi assim que aconteceu. Foi então que entrei no site “arteversa” onde apresentam o projeto “Postais para o futuro³”, e deixam claro que “formar-se é criar e criar-se”, é deixar fios soltos para que outros continuem a tramá-los de outro modo. Que mensagem deixar para o futuro, diante de tempos tão difíceis? Como trazer o que sinto por meio da arte? Como deixar fios soltos para que essas crianças continuem a tramá-lo? Propus, então, que cada criança escrevesse cartas. “Qual de vocês já escreveu alguma carta?”. Ninguém.

A princípio essa proposta da escrita de uma carta era para elas mesmas, mas elas foram escrevendo para pessoas próximas que haviam perdido durante o período que estavam vivendo de pandemia, amigos da escola que não viam há meses. Então, fui recebendo várias cartas em mãos na escola e as levava para casa. Muitas alegrias, esperança, sonhos, mas também muito desejo de retorno das aulas presencial, muita tristeza, desespero, angústia e até mesmo não saber o que estava sentindo. É certo que a pandemia foi um desafio para todos, mas para essas crianças elas não sabiam o que esperar do amanhã. Fiquei me imaginando, com a idade entre os 11 a 16 anos passando pelo que passaram... isso me levou a pensar que não era somente a fragilidade da terra ou do meio ambiente que estavam em jogo, mas nossa fragilidade enquanto ser humano e quão somos pequenos neste mundo.

Se o futuro se faz hoje, que germens de
amanhã estamos criando neste exato momento?

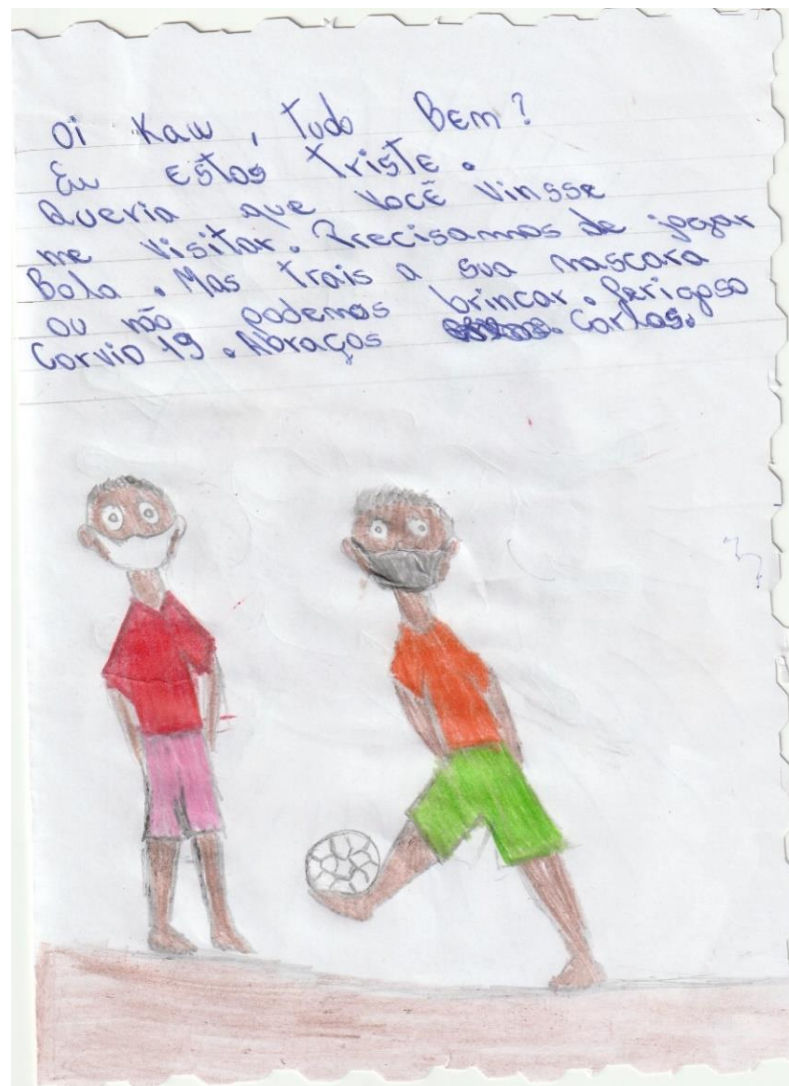
³ “Acadêm@s em formação e professores já atuantes, das mais diversas instituições de ensino (superior e de educação básica), sob orientação/supervisão do Prof. Dr. Cristian Poletti Mossi criaram postais baseados nas vivências decorrentes de suas inserções como estagiári@s em diversos contextos educacionais/escolares.” (POSTAIS PARA O FUTURO, 2020).

Imagem 34 - Obras Série: Postais para o futuro



Você poderia estar lendo este cartão muitos anos depois que eu o escrevi, hoje estamos passando por uma situação meio complicada, uma situação de doença mundial, que nunca imaginei passar e espero que o que você está vivendo seja um mundo incrível, onde as pessoas se amam e se curtam mais. Aproveite o hoje pois você não sabe do amanhã, e se você não estiver bem, calma Deus está no controle.

Isadora Luiza Martins
Lagoa Santa/MG 27/5/2020



Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

Ao dialogar com sua biografia de vida, o sujeito re-vive ao mesmo tempo em que compreende sua história, que é única, ressignificando os acontecimentos e experiências vividas, situando-se naquele momento presente. Sua biografia de vida existe se esse sujeito aprende a escrever a sua própria vida como autor e testemunha de sua história, conforme coloca Paulo Freire (1986). Como as imagens saem do universo do sujeito e como a ele, elas voltam? Essa ida e vinda do fazer artístico como é significativa, assim como coloca o autor, ao nos lembrar da necessidade de liberdade de expressão, onde o reconhecimento crítico leva o sujeito a uma busca pela transformação individual e coletiva, a partir da reflexão e ação no mundo a fim de transformá-lo de alguma maneira.

Ensinar exige aceitar o que o aluno sabe e lhe oferece, além de exigir respeito à autonomia desse sujeito, conforme nos lembra Freire (1996). O professor que despreza os princípios éticos para estar em sala, não se colocando em posição de escuta e acolhida aos seus alunos, para Freire (1996), esse professor é aquele que:

[...] desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mas precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que “ele se ponha em seu lugar” ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima [...] (FREIRE, 1996, p.66).

A narrativa de vida possibilita ressignificar a própria experiência no seu fazer cotidiano, nessa relação entre os sujeitos, nos acontecimentos que deixam marcas de experiências vividas e que devem ser contadas. Barbosa (1998) vem falar sobre o artista Arthur Bispo do Rosário e como sua narrativa de vida e desejo em materializar o que sentia é apresentada em seu mundo interior e exterior. A autora ainda coloca “[...] Seu inconsciente é uma espécie de ecossistema formal costurando a memória da experiência passada e meio circundante, desencadeando a cumplicidade entre a narrativa e a violência provocada pelo desejo [...]” (BARBOSA, 1998, p.106).

Assim, mesmo a experiência sendo “danosa” para o aluno, a sala de aula também se torna um lugar de importância para que as suas histórias e sentimentos não se percam e se mantenham conservados por meio da arte, a partir do momento em que ele reflete sobre essas emoções e as transforma em conhecimento. E como no momento não se tinha a sala de aula, a casa se torna esse lugar.

Ao perguntar “O que está sentindo? o que deseja dizer que ainda não tenha dito? Que imagens queremos deixar para o futuro?”, Roger me escreve uma pequena carta onde responde nessa ordem a essas três perguntas: “Nada. Meu desejo é que certa pessoa morra. Meus desenhos”. Fui em busca de entender e conhecer Roger e descobri que morava com mãe, que fazia uso recorrente de drogas, com um irmão bebê e o pai está preso, por tráfico de drogas, sendo que a mãe o maltrata dentro de casa fisicamente e psicologicamente. Conheci Roger pessoalmente no final do ano de 2021.

O que essa imagem e a história de Roger me provoca enquanto professora de arte?

Imagem 35 - Lua do Roger



Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

Para Belting (2006):

Porque nelas procuramos provas daquilo que queremos ver com os nossos próprios olhos. Quando isso não é possível, exigimos imagens, para podermos nos fazer uma idéia de algo. Com isso, chegamos rapidamente à imagem autêntica, algo que não é mais do que um conceito diferente para uma imagem que reproduz a realidade tal como ela é. As imagens são usadas como janelas para a realidade. Porém, como o nosso conceito de realidade muda constantemente, muda também a nossa expectativa diante das imagens. É provável que o fato de nós querermos ter fé nas imagens esteja relacionado com essa expectativa, mas as imagens têm que justificá-la (BELTING, 2006, p.28).

Passeggi (2010) coloca que é importante esse processo de narrar sobre a própria vida, pois essa prática propicia um processo de “pesquisa-ação-formação”, já que a escrita, além de comunicar o que já se sabe, forma processos de descoberta. “Formar-se é levar a sério a reversibilidade do trabalho de reflexão sobre si mesmo, realizado no processo de autobiografização” (PASSEGGI, 2010, p.126). Para a autora o sujeito ressignifica sua experiência no ato de narrar-se, a cada nova versão da história. Talvez essa pintura feita por Roger seja sua forma de se colocar no mundo, se apresentar e dar pistas de quem é. Talvez seja a janela para fora da sua realidade, conforme traz Belting (2006), para suas expectativas, seus desejos, sem precisar de nenhuma justificativa.

Imagem 36 - Série: Postais para o futuro, Cartas

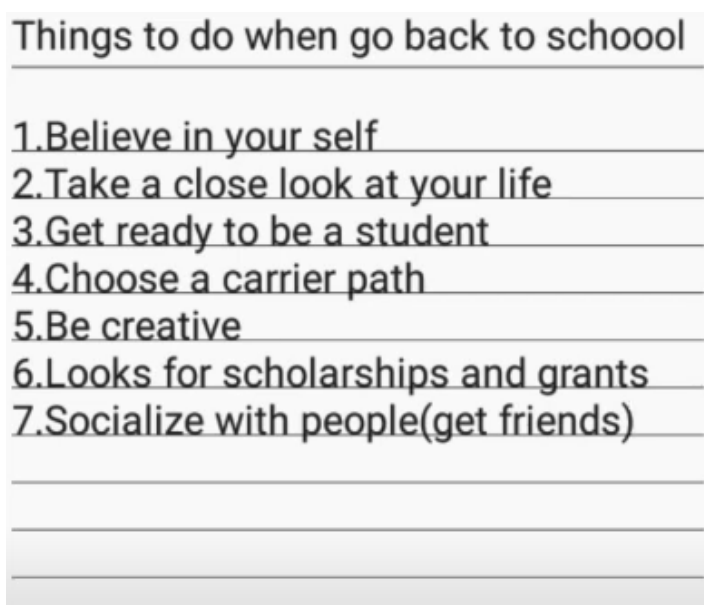


Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

4.2.1 Desdobramentos: De Lagoa Santa até Uganda

“O que essas experiências fizeram comigo? O que faço agora com o que isso me fez?” (PASSEGGI, 2011, p.151). O que fazer com tantas cartas, imagens de crianças, que agora estavam comigo? Recebi muitas cartas. Não cinco, nem seis, mas pelo menos 400 cartas. Como teria a mostra de arte na rede no final do ano, aproveitei todas essas cartas e propus uma troca de cartas desses estudantes com estudantes de outro país: Uganda. Para isso, entrei em contato com Mercy Mirembe⁴, professora Universitária na Makerere University da área de teatro, que conheci pelo projeto Young IDEA. Começamos uma parceria, onde as propostas de aula que eu estava realizando em Lagoa Santa ela também propunha com seus estudantes, adaptando ao formato que mais lhe era possível, dentro da sua área. Essa troca de experiências, conversas, aprendizados se deu por encontros via vídeo que se fizeram disponíveis para todos os professores da rede e crianças e pais/responsáveis. Toda essa experiência ficou registrada no *Instagram* da Mostra. Mercy criou um livro com algumas cartas, escritas, desenhos dos estudantes de Uganda.

Imagem 37 - Série: Mostra de Arte Togo, Narrativa



Fonte: MEBO, 2020.

⁴ O currículo de Mercy Mirembe está disponível em: <https://paf-mak-ac-ug.translate.google/node/35?_x_tr_sl=en&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt-BR&_x_tr_pto=sc>.

Imagem 38 - Série: Mostra de Arte Togo, Desenhos



Fonte: MEBO, 2020.

A proposta inicial de partida foi: “Retratos de crianças: como elas se veem nesta pandemia⁵”. Muitos desenhos e narrativas desses estudantes, onde falam sobre como estavam se sentindo em meio a uma pandemia que parecia não ter fim e o que desejavam fazer quando voltassem para a escola. Os desenhos e falas tocaram nesse lugar da saudade da escola, jogar bola na rua, brincar com os amigos e rever familiares. Além de imagens e narrativas orais, também poema feito pelos estudantes.

CORONA! CORONA! CORONA!

O vírus que começou na China

E se espalhou como o fogo selvagem para o mundo

Antigamente havia felicidade, alegria e sorrisos no rosto das pessoas

Mas agora tudo isso foi substituído por tristeza no mundo

Perguntas sem respostas

O que está acontecendo no mundo?

CORONA! CORONA! CORONA!

Onde costumávamos admirar o mundo

Com esperanças de vitória na mente de todos

⁵ Acesso aos vídeos em <https://www.instagram.com/p/CIX_WW1pNxz/>, sob orientação da professora Mercy Mirembe Ntangaare. e Kaweesa Dennis.

*Hoje isso não existe mais
 O que está acontecendo no mundo?
 CORONA! CORONA! CORONA!
 Você se tornou um problema no mundo
 As pessoas estão morrendo
 As pessoas não estão trabalhando por sua causa
 As pessoas estão morrendo de fome em suas casas
 A maioria dos alunos não está mais estudando
 O que está acontecendo no mundo?*

*CORONA! CORONA! CORONA!
 Você mudou a cultura
 Não abraçamos mais nossos amigos como antigamente
 Porque temos que observar o distanciamento social,
 lavar as mãos, higienizar-nos
 E usar máscaras faciais
 Mas você ainda é um problema para o mundo
 O que está acontecendo com o mundo*

*Escrito por
 AINEMBABAZI MACKLEAN
 FORMA TRÊS CLASSE.*

Foi uma troca de cartas remota, onde tivemos acesso através dos vídeos que os estudantes apresentavam seus desenhos e contavam suas histórias. Mercy e as crianças do outro lado do oceano. Quando conheci Mercy na cidade de Rostock, na Alemanha, através da minha ida para lá para o intercâmbio do projeto IDEA International Children's Family Parliament/ Parlamento Internacional da Família das Crianças, ouvi Mercy contando sua história. Mercy fala a língua inglesa e eu não a compreendo bem e, por isso, esse intercâmbio foi bem intenso para mim num período de 18 dias, mesmo não entendendo a língua de todos os participantes. Eu ouvi Mercy contar uma história sobre um peixe, que eu entendi do meu jeito, a partir da minha história e relação com córregos, rios, oceanos, lagoas. Saindo do Córrego do Bomfim, atravessando o oceano, cheguei até a narrativa oral de Mercy, sobre os peixes que, segundo ela, nunca falavam com ela. E naquele mesmo dia lhe escrevi:

*Querida, Mercy,
Não entendo por que o peixe não lhe responde. Talvez seja um peixe falador e quando lhe vê,
paralisa, não lhe saem as palavras. Fico imaginando o que ele lhe diria. Suponho que seja:*

*Mercy, estou aqui, navegando de rio em rio, de mão em mão, pelo mundo.
Vim da África para a Alemanha. Talvez eu volte para lá, talvez não. Antes que essa nova
separação aconteça, quero lhe dizer: fiquei muito feliz por ter me apresentado às pessoas.*

*Coisas pequenas e simples costumam passar despercebidas pelas pessoas.
O mundo está muito corrido, as pessoas mal se falam, se conhecem ou se amam.
Eu desejo nadar pelo mundo, levando o rio, as flores, as árvores e os melhores sentimentos.*

*Quero que volte para seu lar, da mesma maneira que aqui chegou:
doce, acolhedora e forte, em busca e trazendo saberes.*

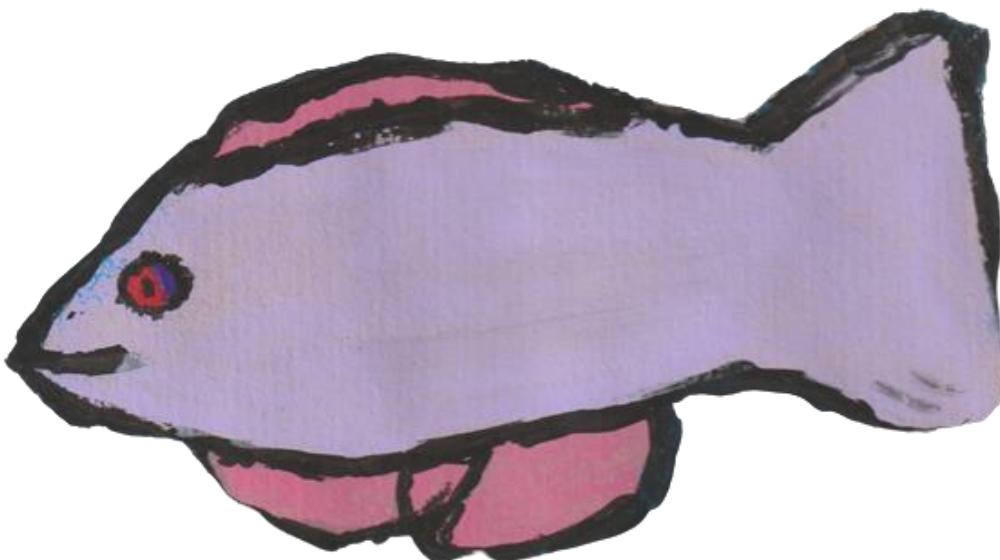
Volte para seu lar, junto com os seus que lhe amam, da mesma forma que amei.

Bons dias para você.

Com amor,

Peixe.

Imagem 39 - Série: Pintor que virou peixe



Gosto de cartas. Rios. Córregos. Peixes. Costura. E como que tudo isso me atravessa sempre. Vou costurando e quando resolvo olhar o avesso, ele sempre me traz mais. O peixe, aqui, foi o fio de sentido, a materialização de um pensamento e um desenho a partir das palavras, de um texto. Lembrando que na etimologia da palavra “texto”, que tem sua raiz na palavra latina “texere”, o significado de “tecer”. Segundo o dicionário, tecer significa “tramar, entrelaçar, fazer algo através da justaposição de fios”. Esse poema que o peixe escreveu para Mercy é um tecido de significados, onde as palavras são unidas, tramadas e têm-se a imagem.

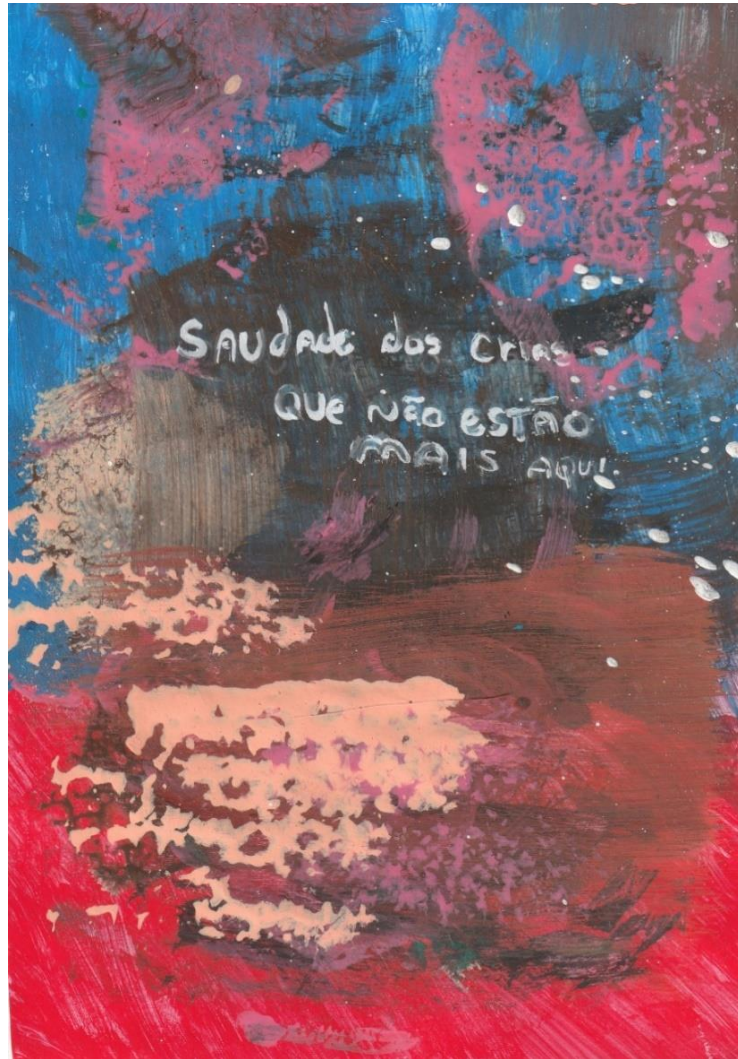
Com o retorno das aulas presenciais, ainda retomei esse lugar das cartas, da escrita, do desenho. Dessa vez, propondo uma pegada mais contemporânea, o que eu precisava alinhar com o “plano anual de aula” proposto pela rede. Conversei com os estudantes em sala um pouco sobre arte contemporânea, grafite e retomei o que havia perguntado em tempos de pandemia: “O que está sentindo hoje? O que deseja cantar, gritar para o mundo? O que está dentro de você e que conta sua história? Que mensagem gostaria de responder para você mesmo?” e assim, falaram de saudade, desejos, medo, vontade.

Imagem 40 - Série: Postais para o futuro, Mar



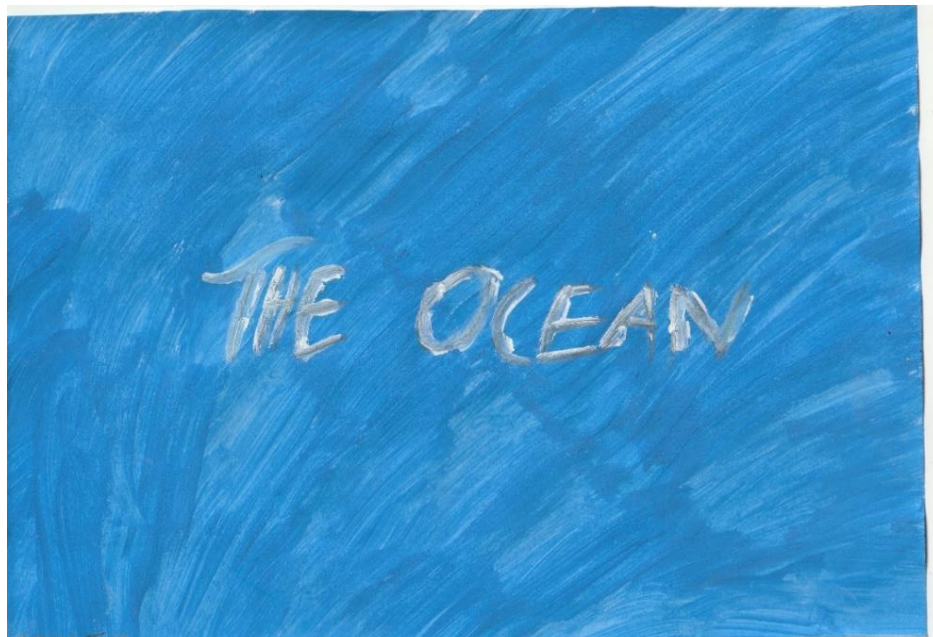
Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Imagem 41 - Série: Postais para o futuro, Saudade



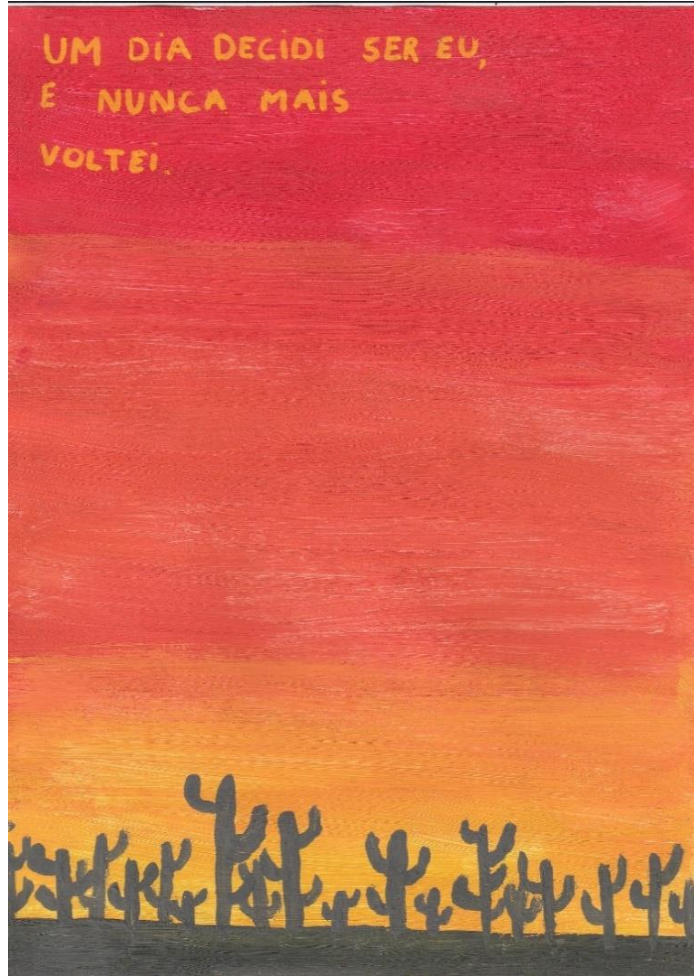
Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Imagem 42 - Série: Postais para o futuro, The ocean



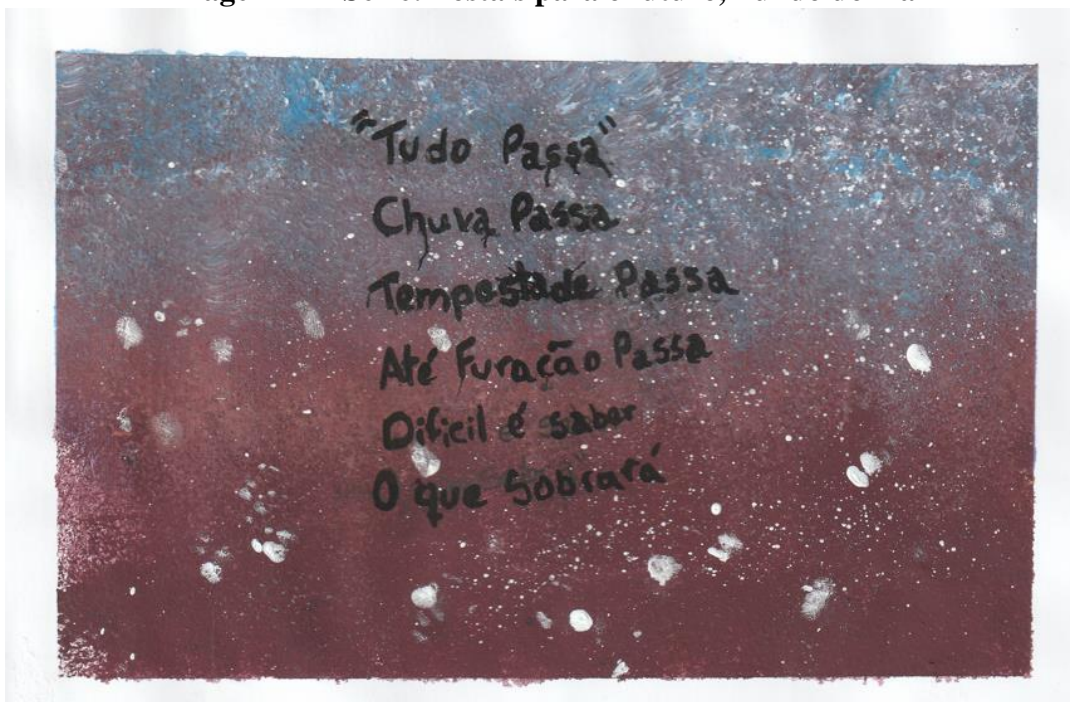
Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Imagem 43 - Série: Postais para o futuro, Sertão



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Imagem 44 - Série: Postais para o futuro, Fundo do mar



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Imagem 45 - Série: Postais para o futuro, Sou água



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Imagem 46 - Série: Postais para o futuro, Lua



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

4.3 Sobre o que nos move: O bordado no contexto escolar

Enfim chegou 2022. Agora, aulas presenciais. Ainda muitas incertezas sobre esse encontro, mas falando de acolher e estar junto, é somente pararmos para observar as crianças, que são mestres nisso, acolher. Mesmo presente, lá no fundo eu ainda tinha o mesmo questionamento: que experiência a arte pode proporcionar a esses estudantes pós pandemia? Agora, presente, junto desses estudantes, como propor e garantir um processo de criação, onde eu possa usar o bordado como caminho para minhas investigações? Como os estudantes usam o bordado como potência para construção de proposta de Arte no contexto da escola?

Durante meu caminho, busquei desenrolar linhas, furar imagens e dar nós na tentativa de bordar minha história. Todo esse processo de linha que vai e que volta numa costura foi o disparador de minhas memórias e que se tornou útil para potencializar e trazer fragmentos de histórias que compõem minha narrativa de vida através das minhas imagens. Tentei não apenas dizer sobre minha história, mas me deixar afetar pelas imagens e a partir delas criar.

A experiência tem como propriedade a completude, que é o envolvimento total do sujeito na ação. O sujeito é capturado pelo desafio e imerge completamente na ação de investigar as possíveis respostas a ele. Em Arte, a completude se dá na imersão que acontece na atividade artística, quer seja como elaborador ou como fruidor, uma vez que a experiência em arte acontece na criação artística e na fruição da produção artística. O sujeito envolve-se ativamente e criativamente, de forma a integralizar a obra de arte (PIMENTEL, 2015, p.92).

Assim como diz Pimentel (2015), é esse envolvimento total no sujeito na ação que faz com que a experiência tenha significado e a ação artística possa acontecer. Ao refletir sobre meu aprendizado e criação, concluí o quanto é importante o olhar subjetivo de cada um para si e como as imagens operam para construção de sentidos, revelando características e maneiras de ver. Todas as minhas imagens criadas com a fotografia e depois “re-criadas” pelo bordado convergem para a importância do olhar de quem vê para construir sentido em cada uma dessas imagens.

Então, agora, como eu iria envolver os alunos no fazer com o bordado? À medida que eu falava sobre o bordado, apresentava as referências estéticas e minhas produções, mais eu me distanciava da resposta da pergunta desta pesquisa. Na verdade, eu me distanciava das respostas que me pedia confirmação da pergunta inicial da minha pesquisa, que me pedia fatos e relatos do uso efetivo do bordado por esses estudantes em sala de aula. Eu percebi que me distanciava

do encontro da resposta para essa primeira pergunta e, também, do envolvimento total dos estudantes na ação, mas me aproximava de outros lugares. Ao apresentar obras dos artistas Arthur Bispo do Rosário, Rosana Paulino e Rodrigo Mogiz era comum escutar falas como: “bordar é para mulher! eu não vou fazer isso aí não! Coisa de vó! Não pode pintar ao invés de costurar?” Mas outras interessadas: “como que esse artista fez isso? Isso é costura? Que doido!”.

Ao trazer artistas que usam o bordado em seu processo, mais especificamente ao mostrar as obras do Rodrigo Mogiz, que é um artista de Belo Horizonte, voou uma pergunta, daquelas grandes, completas e cheias: “professora, tem artista em Lagoa Santa?”. Fiquei impactada com essa pergunta. Eu costumo andar pela cidade onde moro, ir pelo meu trajeto para a escola e colher pelo caminho indícios, sugestões que a vida oferece para eu propor aulas que faça sentido para os estudantes, mas no fundo – não preciso mergulhar muito fundo -, eu também busco o que faça sentido para mim. Busco pelo que me toca, me encanta e tento levar esse meu encantamento para a sala de aula. E trago Paulo Freire (1996) nessa costura: “Me movo como educador porque, primeiro, me movo como gente” (FREIRE, 1996, p.49).

Não posso ser professor se não percebo cada vez melhor que, por não poder ser neutra, minha prática exige de mim uma definição. Uma tomada de posição. Decisão. Ruptura. Exige de mim que escolha entre isto e aquilo. Não posso ser professor a favor de quem quer que seja e a favor de não importa o quê. (...) Sou professor a favor da esperança que me anima apesar de tudo. Sou professor contra o desengano que me consome e imobiliza. Sou professor a favor da boniteza de minha própria prática, boniteza que dela some se não cuida do saber que devo ensinar, se não brigo por este saber, se não luto pelas condições materiais necessárias sem as quais meu corpo, descuidado, corre o risco de se amofinar e de já não ser o testemunho que deve ser de lutador pertinaz, que cansa mas não desiste. Boniteza que se esvai de minha prática se, cheio de mim mesmo, arrogante e desdenhoso dos alunos, não canso e me admirar (FREIRE, 1996, p.53).

“Professora, tem artista em Lagoa Santa?”.

Volto eu para casa com minha pergunta de pesquisa, agora mais latente e incômoda, depois da pergunta do aluno “professora, tem artista em Lagoa Santa?”:

Como propor e garantir um processo de criação, onde eu possa usar o bordado como caminho para minhas investigações? Como os estudantes usam o bordado como potência para construção de proposta de arte no contexto da escola?

Barros citado por Leite (2014) diz que “aprendia melhor no ver, no ouvir, no pegar, no provar e no cheirar”. O que Larrosa (2002) vem para concordar:

Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida (LARROSA, 2002, p.21).

O saber da experiência não se separa do próprio indivíduo. Larrosa (2002) disse que a primeira nota que devemos ter sobre esse saber da experiência é a sua qualidade existencial, ou seja, sua relação com a existência daquele sujeito e sua vida. Como os estudantes usam o bordado como potência para construção de proposta de Arte no contexto da escola? “Elas não usam e não tem que usar!” Essa é minha resposta, que encontrei no meio do caminho ou no início dele para meu problema de investigação. Os estudantes não têm que começar pelo bordado. Eles não têm que tentar encontrar e criar indo pelo mesmo caminho que eu fui, através do bordado. Eles usam o que tem. Cada um deve encontrar sua forma de narrar sobre si e sua vida. Experiência só é válida se fizer sentido. Foi o que aconteceu comigo. Só foi válido para mim, pois fez sentido para mim. A pergunta se “Tem artista em Lagoa Santa?” faz sentido para eles. O Córrego do Bomfim faz sentido para mim, Lagoa Santa faz sentido para eles.

Depois dessa experiência, a minha pesquisa voltou-se para o ensino/aprendizagem em arte, onde, o processo de pesquisa se deu no encontro da artista-professora-pesquisadora com as crianças-alunos dessa escola.

Como eu disse, eu ando pelo meu caminho colhendo indícios, sugestões que a vida oferece para eu propor aulas que faça sentido para os estudantes e ao mesmo tempo, de alguma forma que também faça sentido para mim. Foi num encontro de área proposto pela Rede Municipal de Ensino de Lagoa Santa que conheci o escritor e artista Paulo Cardinali, quem me presenteou com a metáfora do “pintor que virou peixe”, que se desdobrou na sala de aula e na minha vida.

4.4 Tem artista em Lagoa Santa: Peter Andreas Brandt

Das águas de Trondheim, onde nelas se refletia os cosmos do céu, com suas moradas encobertas do branco da neve e das cores, um homem se aventurou de navio e viajou pelos

mares, sendo levado até a terra das brasas, terra de sonhos, moradas, tesouros, valores e calor. Aqui, ele se adentrou em Lagoa Santa, a cidade das águas que curam, das grutas, campos e paisagens.

Tudo isso ficou registrado pelo olhar poético, simples, extraordinário e despropositado de um artista visual. Imagens que operam hoje como lugar de memória, registros do que esteve vivo. Imagens que encantam, paralisam e escorrem. Imagens que mergulham aos poucos e lentamente no nosso cotidiano. São registros de pessoas, lugares, paisagens, coisas, seres e peixes, que estiveram presentes e hoje se faz presente. Imagens esperadas de momentos inesperados. Que podem trazer histórias, nostalgias, descobertas ou simplesmente ser o descanso para os olhos de alguém.

Peter Andreas Brandt. Não Piter, mas Peter. Na sua agonizante e feliz jornada inúmeras imagens são hoje a visão de lugares e seres que estiveram vivos e também visão de si mesmo, nas quais ele havia se encontrado sem se dar conta disso, onde o inesquecível se aflorou em seus gestos e olhares, lhe conferindo autoridade da sua existência.

Dás águas Brandt veio, navegando e proseando com a natureza e animais. Para as águas, ele retornou, o lugar de onde nunca saiu. Uma das formidáveis piranhas local do Rio das Velhas recebe hoje sua homenagem: Serrasalmus Brandtii. Peter Andreas Brandt: o pintor que virou peixe.

Imagem 47 - Série: O pintor que virou peixe, Rebeca



Imagem 48 - Série: O pintor que virou peixe, Brandt

Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

Paulo Cardinali (2021) é pesquisador de Lagoa Santa e escreveu o livro “Peter Brandt: o pintor que virou peixe”. Cardinali (2022) traz sobre sua pesquisa sobre Brandt, pintor e desenhista norueguês que viveu em Lagoa Santa.

Cardinali (2021), inicia, então sua pesquisa sobre a vida de Brandt, pois para ele o artista não teve o reconhecimento que merecia por suas obras e história. E por esse caminho Cardinali (2021) vai trazendo Brandt, falando do lugar em que saiu, navegando no barco *Galatea* e de como chegou em Lagoa Santa. Hoje, uma espécie de piranha branca, presente na bacia do Rio São Francisco, recebe o nome *Serrasalmus brandti* em homenagem ao artista visual Peter Andreas Brandt. Por isso, mesmo após seu falecimento, Brandt é considerado “o pintor que virou peixe”.

Retomando a pergunta que voa pelos ares até hoje: “Tem artista em Lagoa Santa?”, a resposta é sim! Tem e teve! Por isso, os estudantes trouxeram essa pergunta e me levaram até Brandt e sua metáfora do peixe. As águas do córrego do Córrego do Bomfim me trouxeram até as águas da lagoa de Lagoa Santa. Gosto dessa metáfora. Gosto da ideia de um pintor que virou peixe.

Quem foi Brandt? Qual sua história? De onde viemos? Quais são nossas histórias? Como a cidade nos acolhe? Como a nossa casa nos acolhe? Como a escola nos acolhe? Como eu me acolho dentro do espaço, do lugar onde vivo? Quais são nossos lugares de afeto? Afinal, quem somos nós? Os estudantes iniciaram, então, um passeio junto com Brandt pelos lugares vividos e imaginados pelo artista e por elas. E assim, jogaram ao mar ou na lagoa tudo que sentiam, o que dentro não cabia, suas memórias, desejos, afetos.

Lugares imaginados e navegados. Crianças e adolescentes utilizaram-se da alegoria dos peixes navegando e naufragando para falar de seus sentimentos, desejos, angústias e sonhos. Os sonhos naufragados são sonhos não realizados, indicando que, por certo tempo, houve uma dedicação a eles. Mas antes que esse insucesso fosse visto, joga-se ao mar tudo que o que dentro não cabe. Joga-se ao mar peixes que levam consigo o que tem de mais profundo e para os lugares mais profundos do oceano. E assim prevendo, antecipando, decidem eles mesmos naufragá-los.

De onde vem? Para onde vai? Abrindo as velas e nossos sonhos... Quem sabe ele é tão grande quanto o espaço. Ou tão grande quanto eu mesmo. Por onde teria navegado Brandt? O que teria sentido nestas horas, nesses navios, por essas águas? Navios que navegam, mas também galopam, voam. Que doce harmonia traz a arte ao nos deixar estar presente de Brandt, em todas as vezes e lugares que quiser.

E as crianças? Ah, Castro... Atenção, crianças brincando com as cores, os sons, os movimentos. Crianças abrindo velas e sonhos dentro da escola. Crianças abrindo janelas!

Imagem 49 - Menino Brandt



Imagem 50 - Série: Lugares navegados, Barco



Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

Imagem 51 - Série: Lugares navegados, Peixe



Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

Imagem 52 - Série: Lugares navegados, Paisagem Lagoa Santa



Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

Imagem 53: Série: O pintor que virou peixe, Fundo do mar



Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

Imagem 54 - Série O pintor que virou peixe, Colorido



Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

Imagem 55 - Série O pintor que virou peixe, Pescador



Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

Imagem 56 - Série: O pintor que virou peixe, Calça amarela



Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

Por que escutar as crianças?

A criança ingressa na cultura, primordialmente, pelas histórias que lhe são contadas, ou seja, pelo processo de heterobiografização, quando se representa, mentalmente, nas histórias que lhes são contadas. Mas, se representa também ao contar a sua própria história, autobiografização, e ao contar a história de alguém, biografização (DELORY-MOMBERGER *apud* PASSEGGI *et al.*, 2018, p.98).

Para Passeggi; Nascimento; Rodrigues (2018), o universo que a criança conhece está diretamente relacionado às estruturas socioculturais do contexto em que age e interagem com o outro e com o mundo. A escola tem um papel social na vida dessa criança. Dentro ou fora da escola ela aprende e passa por experiências e a partir daí cria sentido sobre si e sobre o mundo onde vive. Na escola e, mais especificamente, na aula de arte, não é sobre apenas essa criança saber das coisas, saber quem foi Brandt, mas vivenciar a experiência, aprender criando, fazendo e ser afetada por tudo isso.

Os estudantes iniciaram, então, um processo de criação a partir da metáfora do “pintor que virou peixe”. Iniciou uma busca em conectar o mundo interior com o exterior, por meio da imaginação e do fazer artístico. Para Silva (2022), imagem é lugar de encontro, ela tem poder, ela nos faz buscar por nós mesmos em algum lugar delas ou no “entre” delas; é lugar de invenção. “Se imagem é lugar de invenção, é espaço também para cultivar nossa subjetividade” (SILVA, 2022, p.55).

Nesse ano, assim como em todos desde que entrei na rede, tem-se a Mostra de Arte da rede de ensino da cidade de Lagoa Santa. Muita produção plástica feita pelos estudantes e para os estudantes. E foi num encontro com outros professores de Arte que conheci Paulo Cardinali, quem me ofertou a metáfora do pintor que virou peixe. Paulo escreveu o livro “Peter Andreas Brandt: o pintor que virou peixe” e nesse livro ele traz narrativas de outras pessoas sobre passagens na história em que de alguma forma se chega no pintor. Assim que Paulo falou desse pintor - que até então eu não conhecia – eu fiquei pensando nessa relação da água que mais uma vez estava presente na minha vida. Foi nesse movimento que Paulo foi até as escolas e viu de perto o que os estudantes estavam criando, além de sempre me dar apoio quanto à história do pintor. Me aproximei de Paulo e nós iniciamos um projeto de arte, junto com os estudantes para responder a seguinte pergunta “Tem artista em Lagoa Santa?”.

O projeto não durou somente alguns meses, ou só num ano, mas ainda hoje essa narrativa e memória de um pintor da cidade, que viveu ali por 30 anos, sem falar a língua nativa, mas, mesmo assim, se comunicava pelas suas pinturas, foi parceiro de grandes descobertas de nomes importantes, ela é construída por cada criança e adolescente que escuta essa história. Que escuta, traz para si e que com ela constrói narrativas outras. Esse projeto desdobrou-se e as imagens das obras dos alunos foram divulgadas nas redes sociais da cidade e no jornal.

Para Barbieri (2021):

Como partilhamos o que vivemos? Como inventamos, planejamos os registros e analisamos os processos vividos? Que categorias vamos criando? O professor é um grande inventor: de narrativas, de projetos, de processos e de percursos. Ele inventa com os alunos, a escola e as famílias. Ao organizarmos nossos registros, podemos nos deter na essência daqueles movimentos, atentos ao que é significativo (BARBIERI, 2021, p.93).

Para a autora, quando retomamos o vivido com as crianças, assumimos o lugar da partilha das experiências. Não narrar sobre, mas com. Não narrar sobre Brandt, mas levar as crianças a saber quem foi esse artista e quais ações dele tem impacto na vida delas.

Imagem 57 - III Mostra de Arte



Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

Imagem 58 - Jornal III Mostra de Arte



Fonte: Prefeitura de Lagoa Santa, 2021.

Para Barbieri (2021), “para que a narrativa aconteça, a escuta é necessária em todos os momentos. Essa escuta não é apenas das palavras, mas se manifesta de maneira expandida, nos corpos que se comunicam” (BARBIERI, 2021, p.80). Propor uma narrativa da metáfora do peixe, fazendo ligação com a vida das crianças e adolescentes, é abrir espaço para receber a diversidade de caminhos investigativos e diferentes histórias, inventadas ou reais. Para a autora, o desenho não se restringe ao universo bidimensional, mas na medida em que construímos no espaço com outros materiais que tragam a linha, que tenham sua intenção na construção. E foi com essa proposta que os alunos iniciaram o processo de desenhar sobre o pintor que virou peixe.

Derdyck (2015) diz que “quanto mais de perto olhamos para um tecido, mais percebemos as suas complexas tramas” (DERDYCK, 2015, p.125). Quanto mais olhamos para nossa história, mais nos conhecemos e conhecemos o meio em que vivemos, as pessoas que nos relacionamos. Conhecer a história de Brandt desenhada pelas mãos dos estudantes traz uma memória do gesto deles no fazer. Conhecer a história de Brandt através das pinturas é conhecer e escutar as crianças que se manifestam e comunicam de maneira expandida.

5 BORDADO: UM POUCO SOBRE NÓS

As artes têxteis (...) estimulam mais que o sentido da visão: possuem cor, materialidade tátil e volume; exploram não apenas o aspecto visual, mas também o tato, e às vezes também a audição que pode ser obtida pelo “roçar” das fibras; estão imbuídas de narratividade, sejam ilustrando histórias ou contando-as em forma de imagens; evocam figuras de linguagem que associam o tecer ao escrever (VIEIRA, 2020, p.184).

Historicamente, o bordado é um fazer que se desenvolveu enquanto técnica dentro de um contexto muito específico, como um fazer feminino doméstico e que por gerações apenas as mulheres tinham essa habilidade de costurar, sempre dentro do lar, de maneira invisível econômica e socialmente. Sempre resignada como “arte menor” ou “arte aplicada”. Falar de bordado é, como está no imaginário das pessoas, falar também desse entrelaçamento da costura com a história de mulheres. Para Sousa (2019) “O bordado é uma técnica de ornamentar tecidos, através do uso da agulha, com linhas variadas, pedrarias, paetês, contas diversas a fim de criar texturas e relevos em uma ilimitada possibilidade de experimentação” (SOUSA, 2019, p.26).

Nos séculos XVIII, XIX e XX, quando bordar ainda fazia parte da educação feminina, se exaltava a excelência técnica de um bordado através do seu avesso. Desta época se popularizou uma frase até hoje enunciada: “é pelo avesso que se conhece uma boa bordadeira” ou “é pelo o avesso que se conhece uma bordadeira de verdade”. Se ela fosse realmente boa em sua técnica, a celebrada moça prendada, os nós seriam imperceptíveis e o avesso seria um espelho do desenho bordado na frente. Uma frase que traz em si um convite para explorar o oculto do tecido, o desconhecido, em uma trajetória de linhas que busca desvendar a identidade daquela bordadeira. O avesso que se oculta no lado velado é a condição necessária para que tudo possa existir, é o lado sem o qual tudo que é visível não existiria. Embora não se observe, ele estará sempre ali para dar a potência do bordado apreciado pela frente, sustentando cada ponto para que estes não desmanchem. O avesso e a frente são parte da essência de todo o trabalho realizado com agulhas e linhas (SOUSA, 2019, p.25).

A origem do bordado se confunde com a própria história do homem. Ele existiu desde que alguém teve a necessidade de ornar alguma coisa. Em entrevista para o programa Diverso, na Rede Minas, no ano de 2008, Maria do Carmo Guimarães fundadora e diretora do Maria Arte e Ofício, escola manual de bordado, em Belo Horizonte, fala sobre a história do bordado. Para Guimarães (2021), “dizem que ele já era usado na costura das vestes nos tempos das cavernas. Desde que alguém teve a vontade de ornar algo, de bordar algo. Começo não se pode determinar sua origem, pois ele apareceu em épocas diferentes, por civilizações diferentes”. Para Guimarães (2021) sua chegada no Brasil veio com os navegadores. Mais precisamente em

Minas Gerais ele chega através das irmãs representantes das igrejas, vindas da França, e que vieram reformar os colégios. Para Guimarães *apud* Versiani (2021), “Onde há rede há renda.”

O Bordado esteve sempre presente na história do Brasil e foi trazido pelas mãos dos primeiros navegantes que, usando agulha e linha, costuravam suas roupas e remendavam as velas das naus que chegavam ao novo continente. No processo da colonização novos bordadores/as chegavam à terra *brasilis* e propagavam esse fazer manual. Nos conventos, nas casas de acolhimento, nos lares e nas escolas o Bordado foi sempre uma atividade propiciada às mulheres. Escravas domésticas aprendiam com as senhoras da Casa Grande esse labor e quando libertas bordavam suas roupas, seus estandartes e ganhavam o seu próprio sustento atendendo às demandas da Igreja, da nobreza e das classes mais abastadas que, com frequência, requisitavam seus serviços. (GUIMARÃES *apud* VERSIANI, 2021, n.p.).

No entanto, o que era identificado como aprisionamento da mulher vai, aos poucos, abandonando esse lugar. A máquina começou então a fazer aquilo que a mulher fazia. O que era opressão – “primeiro eu ensino o ponto e depois você repete” torna-se forma de expressão a partir do momento que a pessoa passa a se identificar no bordado.

A arte contemporânea traz, então, o bordado como possibilidade de ferramenta de criação. Artistas refletem, expõem, criticam, criam usando apenas agulha e linha. Ferramenta tão simples há anos, mas que hoje está tomando lugar na arte. Modos e sujeitos que aos poucos estão se tornando visíveis, se tornaram avesso no contexto deste fazer. Linha, agulha e suporte. Três elementos são suficientes para desenhar. O bordar tem essa capacidade de estimular mais de um sentido e promove não só um olhar mais atento, mas o toque e o sentir com as mãos, estimulando nosso sentido háptico.

Todo fazedor de arte está numa busca de uma forma de dizer, uma poética sua que, enquanto ele busca e a obra se faz, ele inventa sua maneira de fazer e criar. Bordo em fotografias. Esse tornar visível quem sou ou o que experienciei por meio da arte é o que desejo e busco trazer em sala de aula enquanto professora de arte para estudantes da rede pública de educação. E é essa busca por um “olhar íntimo e cuidadoso, um olhar próximo, atento aos pequenos detalhes, aos pequenos eventos que emergem na superfície da imagem” que preciso (FILHO, 2012, p.77).

Ao trazer uma explicação sobre o que é a imagem háptica, Filho (2012) diz:

(...) um tipo de imagem que induz um espaço e um modo de percepção mais tátil do que visual, uma imagem que demanda uma percepção próxima, funcionando pelo toque. Na visualidade háptica, afirmam os filósofos

franceses, os olhos funcionam, eles mesmos, como órgãos de toque, como uma forma de contato (FILHO, 2012, p.78).

Esse outro modo de estar no mundo e relacionar-se com a imagem me faz refletir sobre esse lugar de as imagens poder nos remeter a essa percepção das texturas, fissuras dos objetos representados visualmente, ou seja, o que se expressa quando se fotografa, a força das imagens que residem na proximidade. Quando tenho uma imagem que é a fotografia e então uso a linha para compor, ornar e esses materiais usados causam uma sensação de proximidade, estou trazendo uma imagem háptica? Ou para nos aproximarmos dessas imagens, para nos aproximar do seu “corpo” a própria imagem que tem que trazer essa sensação e não os materiais usados nela? Uma imagem carregada de aproximação, de intimidade para uma pessoa apenas, ela entra nesse lugar? E para os estudantes, talvez esse lugar possa ser incompleto... contudo elas sempre renunciam à distância e se aproximam com sua singularidade? Talvez elas possam nos ensinar um pouco sobre o olhar íntimo e tátil...

Filho cita Riegl (2012) ao dizer: “com o aumento do espaço e da tridimensionalidade, a figura no trabalho de arte também é cada vez mais desmaterializada” (RIEGL *apud* FILHO, 2012, p.81). Minha angústia com minha escrita inicial do projeto é “Como e o que me faz garantir um processo de criação com os alunos em sala de aula, utilizando o bordado?”. Talvez esse olhar íntimo e tátil, fortemente envolvido na experiência, o convite para renunciar à distância e aproximar do corpo da imagem é o melhor caminho ou quem sabe pode ser o caminho primeiro.

Eu disse acima que todo fazedor de arte está numa busca de uma forma de dizer, uma poética sua. Filho (2012) diz “Há sempre algo que não se vê ou que não se vê completamente. Há sempre alguma coisa que permanece fora da imagem, que se mantém invisível, misteriosa, ainda por vir” (FILHO, 2012, p.87). Esse algo por vir talvez possa ser a janela da realidade que autor diz, onde os nossos olhos possam ver através dela como órgão de toque, como contato com a imagem. Esse algo por vir, talvez possa ser os desenhos e pinturas do Roger, aquele aluno que lá atrás foi suscito em sua carta. Há sempre algo que o espectador não vê. Algo que parece invisível até que se olhe com atenção, com pausa, com respiro.

Por anos, em décadas e séculos passados, essa prática de bordar era realizada por mulheres anônimas na intimidade de suas casas. Bordar. Trabalho feito por mulheres e consumido por mulheres. Será que esse papel já não mudou? Homens e mulheres não podem bordar, tendo esse

fazer a mesma importância? Logo após a pergunta, já me veio a resposta com obras dos artistas contemporâneos: Arthur Bispo do Rosário e Rodrigo Mogiz, bordados que de alguma forma subvertem, gritam novas formas, mas, mesmo assim, dão continuidade ao ato de bordar. E os da artista mulher, Rosana Paulino.

5.1 Arthur Bispo do Rosário, Rodrigo Mogiz, Rosana Paulino e Edith Derdyk

Eu construí com uns pedaços de pano. (...) Eu vi isso antes. (...) Manda que eu faça a mesma forma do lugar em que passei, e assim eu fui fazendo, fui bordando. (...) Nessa imaginação minha, nessas guias que eu escuto, a voz, manda que eu faça a parte de cima, nos lugares determinados. (...) Arthur Bispo do Rosário⁶

“Qual a distração uma pessoa pode ter depois de doido?” Arthur Bispo do Rosário era negro, filho de ex-escravos, sofria de esquizofrenia e bordou a obra *Manto da Apresentação*, uma manta, confeccionada pelas mãos do artista e que ele transformou em uma peça de vestuário. Nesse manto, o artista borda manualmente elementos simbólicos que representam registros de sua memória e vivências. Esta obra é repleta de bordados, cordas e franjas, com desenhos que têm a função de catalogar o mundo em miniatura para apresentá-lo a Deus no dia do Juízo Final, entendido como uma condensação da existência do artista. E em seu verso, estão bordados nomes de pessoas, em sua maioria mulheres conhecidas e que foram escolhidas por ele para subir aos céus no dia do Juízo Final, conforme ele se preparava. Para o artista a realização do seu trabalho não era o aspecto estético nem artístico, ele vivia em constante estado de recriação das suas obras, em um processo de inacabamento.

Em linhas passadas tratados estabelecidos. Dentro dos castelos, Rainhas poderiam ser reis. Reis poderiam ser rainhas. Diverso era todo faz de conta. Era QUEER nosso Reinado. Rodrigo Mogiz⁷

Rodrigo Mogiz é artista mineiro, contemporâneo e na série *Aqueles (In)visíveis* traz novo olhar sobre a visibilidade LGBTQIA+ a partir de fotos antigas, dos séculos 19 e 20 e faz intervenções com versos e bordados de linhas coloridas. Mogiz se apropria dessas fotos e faz interferências, interpretando os casais anônimos e criando novas histórias para essas pessoas.

⁶ Citador por Museu Bispo do Rosário, 2020.

⁷ Citado por Casa Fiat de Cultura, 2021.

Os mesmos pontos do bordado tradicional que ensinou gerações a desenhar/bordar imagens com finalidades decorativas expande hoje esse vocabulário para usos diversos e ganha espaço em um cenário artístico que influencia e é influenciado pela demanda social. E o que isso diz sobre nós? (PEREIRA; TRINCHÃO, 2019, p.7).

Mogiz e Bispo do Rosário vem contradizer tudo que aprendemos sobre existir uma “natureza feminina” que justifique o bordado ter sido por tantos anos realizado apenas por mulheres. A marginalização dos trabalhos com agulha é uma consequência direta da divisão hierárquica entre homens e mulheres que a história nos conta todos os dias. Entro rapidamente nesse lugar, para apenas deixar uma pergunta: até quando vamos ensinar para nossos estudantes que bordar é algo somente do universo feminino ou longe da realidade da escola? “ah, mas eu não ensino isso na sala de aula!” Mas o que é efetivamente feito por você?

Sempre pensei em arte como um sistema que devesse ser sincero. (...) aquele que cria deve sempre estar atento para as coisas que lhe tocam profundamente, procurando nunca fugir ao desafio de lidar com estes assuntos, independente de quais sejam suas escolhas, pois é este laborar que irá ajudar a compor sua poética, sua individualidade. Rosana Paulino (2011)

Rosana Paulino é artista, mulher e pesquisadora. Em suas obras ela traz suas memórias da infância, quando brincava com o barro no fundo de casa, fotos de família e de desconhecidos aos elementos ordinários da vida doméstica e das religiões de matrizes africanas. Na obra “Parede da memória”, que foi construída ao longo dos anos de 1994 até 2005, a artista estampa imagens de pessoas negras em pequenas almofadas e costura as bordas de forma rústica, utilizando o ponto caseado, em 1.300 peças. Mas, o que vemos quando olhamos para a parede de memória? Vejo imagens de pessoas que não conheço, mas que me remetem a um lugar distante, um passado que não estive presente, mas que ecoa muito forte dentro de mim. Para Rosana, “a escolha do meio através do qual nos expressamos irá colaborar com o sentido do trabalho” (PAULINO, 2011, p.21).

As experiências e conhecimentos afins ao campo das artes contribuem para dar às representações simbólicas valores individuais na vida de cada sujeito. Durante as experiências cotidianas desses sujeitos, é possível aprender arte à medida que não fique apenas em “teorias” sobre arte, mas às ideias que esses sujeitos adquirem e constroem em seus encontros com a arte e como eles usam ferramentas como a linha, papel, tecido para trazer essa experiência para o “campo visível”.

O bordar traz consigo ecos de outras vidas, linhas que vão costurando diferentes histórias e saberes acumulados que são transmitidos de geração para geração. O bordar como arte, como possibilidade de ferramenta para criação, para a experimentação, o aprendizado, para contar e recontar histórias.

Nós. Palavra que para mim tem três significados, que vai desde o entrelaçamento físico de um ou dois fios, linhas, depois, desse entrelaçamento no sentido metafórico, de pessoas e histórias e por fim no que se refere ao pronome pessoal, sujeitos, pessoas únicas.

Foi, então, buscando pensar nesses três sentidos, dessa palavra de apenas três letras, que propus aos estudantes em sala o uso do bordado nas aulas de arte.

5.2 Ateliê de arte e criação compartilhada

A criação é o instrumento mais poderoso do mundo, ela nos conecta com nosso mundo, nossa cidade, nossa casa e com nós mesmos. A escola e o mundo lá dentro. Como sonhar? Revisitando a memória? Refazendo des(caminhos)? Acendendo faróis? Talvez seja bem mais fácil que isso: se perder escola a fora, ir mais devagar nas esquinas, cantar uma música, misturar tintas, sentar-se junto, matar aula na sala de arte, prestar atenção nos cheiros. “Professora, estou sentindo cheiro de matemática!” Foi o que disse Hugo assim que entrou no ateliê de arte, numa quinta-feira, pela manhã.

Cheiro de matemática... quais espaços da escola te remetem a lugares de afeto? Quais espaços da escola tem cheiro? Como colher memórias e dar existência a elas através de cheiros, texturas, sabores? Além dos lugares, as pessoas também têm cheiros? Qual o cheiro da memória?

A criança é um ser em contínuo movimento. Este estado de eterna transformação física, perceptiva, psíquica, emocional e cognitiva promove na criança um espírito curioso, atento, experimental. Seu olhar aventureiro espreita o mundo a ser conquistado. Vive em estado de encantamento diante dos objetos, das pessoas e das situações que a rodeiam. A descoberta vem mesclada com o desejo de posse, como se proclamasse: “o que é meu é eu” (DERDYK, 2003, p.10).

A citação acima de Derdyk (2003) vem para confirmar “academicamente” o que Hugo disse e sentiu. Hugo vivenciou aquele momento ao descobrir que o cheiro daquele lugar era o mesmo que ficou na sua memória das aulas de matemática. A criança está presente em tudo que faz. E quando há um espaço que permite que ela traga suas emoções, essa sua vivência não é simplesmente passar por ali, mas um alicerce, um lugar que vai ampliar sua capacidade expressiva.

O que acontece quando esse espaço reservado apenas aos artistas se torna um lugar de compartilhamento entre amadores, movidos por uma energia criadora, muitas vezes ainda insuspeitada, que se descobre no ato comum? que estatuto tem, então, a obra produzida? de que selo é marcada nesta mistura de singularidade, de habilidade, de desejos? como ocorre a sinergia? com que limites se defronta? quais os efeitos biográficos a criação compartilhada tem sobre seus atores? (DELORY-MOMBERGER, 2017, p.173).

O ateliê de arte construído na escola desde o ano de 2020, torna-se, então, um espaço onde estudantes tem a oportunidade de se envolverem com materialidades diversas, além de ser esse espaço que tem o tempo como aliado, onde pode-se fugir da correria de ter que “finalizar” uma produção em 50 minutos de aula, pois em seguida tem outra aula e é preciso deixar o “espaço limpo”. O ateliê tem esse lugar de ser um “espaço-tempo”, onde na aula seguinte os estudantes chegam, dão continuidade ao seu processo de criação, e na semana seguinte, e na outra, e na outra... sem interrupções, sem precisar ficar perguntando “professora, o que vamos fazer hoje?”. Elas têm autonomia nesse processo.

Para Ostetto e Kolb Bernardes (2019, p.167), os encontros com a arte propiciam ativação das memórias. Conforme colocam as autoras ao trazer narrativas decorrentes de encontros-ateliês:

Escavar a memória e seguir em busca das experiências consideradas mais significativas para o desenvolvimento das sensibilidades foram as propostas-convites enunciados, a partir das quais os participantes entregaram-se à rememoração e à reflexão sobre tempos, espaços, movimentos, relações, encontros, desencontros, experiências formadoras, nomeadamente implicadas em uma dimensão estética (OSTETTO; KOLB-BERNARDES, 2019, p.167).

Quais espaços te remetem a lugares de afeto?
Além dos lugares, as pessoas também têm cheiros?
Qual o cheiro da memória?

A partir dessas perguntas geradoras e propulsoras e das obras dos artistas anteriormente citados, os estudantes iniciaram, então, um processo de criação. Neste momento, a proposta inicial seria utilizando apenas tecido, agulha e linha.

Imagem 59 - Bordando em sala de aula



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

5.3 Costura da memória: gostei de costurar, acredita?

Parede da Memória, O manto da representação e Aqueles In(visíveis): o que essas três obras têm comum? Como levá-las para a sala de aula? Começando uma discussão sobre essas obras, sobre os artistas e sobre a relação que cada um podia fazer com sua vida e aprender. Foi o que consegui pensar.

O que vemos quando olhamos para essas obras?

O que você consegue apreender através dos olhos?

E as cores? O que você observa em relação ao uso das cores nos três trabalhos?

Existe alguma cor predominante que chamou a atenção?

E em relação ao material utilizado, o que você consegue reconhecer?

Se você pudesse tocar a obra, como você acha que seria a sensação tátil em cada uma? Seria seco, duro ou macio?

E o cheiro? Você acha que essas obras têm algum cheiro? Cheiro de quê?

Por que você acha que as obras têm esses nomes?

E assim iniciamos uma costura. Uma costura da minha história com as histórias desses estudantes. Agulhas e linhas perfuram papéis, às vezes meus dedos e muito frequente minha alma. Com o bordado, trago minha dor, necessidade, minha vida e história. Sem perceber trago o que sonho. Será que esses estudantes sentem o mesmo que eu quando estão costurando? Será que tudo isso vai ficar na memória delas? Novamente levei a proposta do bordado em tecido e dessa vez perguntei: com o que você sonha?

Professora eu não sei costurar. Nunca fiz isso.

Aprendi.

Professora, me dá um pedaço de pano e linha para eu costurar em casa?

Vou costurar para minha mãe.

Ela está em Portugal.

Vou escrever mãe e um coração.

Gostei de costurar, você acredita?

G.J.L.

Ostetto e Kolb-Bernades (2015) destacam que o indivíduo é o intérprete dele mesmo, reportando-se ao que foram, são e o que desejam ser. Para as autoras, é “por meio do exercício da memória, a história é revisitada pelo olhar que mira o passado nas marcas do presente, oferecendo elementos para a compreensão do percurso e, dessa forma, para o desenho de novas tramas” (OSTETTO; KOL-BERNARDES, 2015, p.165).

Nunca podemos recuperar totalmente o que foi esquecido. E talvez seja bom assim. O choque do resgate do passado seria tão destrutivo que, no exato momento, forçosamente deixaríamos de compreender nossa saudade. Mas é por isso que a compreendemos, e tanto melhor, quanto mais profundamente jaz em nós o esquecido [...] (BENJAMIN, 1987, p.104-105).

“Gostei de costurar, você acredita?” acho que essa descoberta desse adolescente é também minha. Uma descoberta que fiz, mas que não havia trazido de uma forma tão simples e direta.

Ele sempre muito rude com os colegas, mas atencioso comigo e com os outros professores. Essa proposta da costura e de reflexão sobre o ato de costurar, permitiu esse lugar do movimento, mas também das relações, conforme diz Ostetto e Kolb-Bernardes (2019):

Escavar a memória e seguir em busca das experiências consideradas mais significativas para o desenvolvimento das sensibilidades foram as propostas-convites enunciados, a partir das quais os participantes entregaram-se à rememoração e à reflexão sobre tempos, espaços, movimentos, relações, encontros, desencontros, experiências formadoras, nomeadamente implicadas em uma dimensão estética. (OSTETTO; KOLB-BERNARDES, 2019, p.167)

E esse encontro não foi somente dos estudantes, mas também meu e das maneiras e lugares que o bordado me encontra.

Sem sair do lugar, o córrego me acompanha. O córrego me acompanha, mesmo estando eu parada. Saindo do lugar, ele também me acompanha. E isso acontece com as linhas. Tenho companhia a todo momento. Com o bordado encontrei saída e me desloquei, parti para o voo, desenhando asas com minhas linhas.

Com a agulha atravesso papel, instantes, morros, caminhos, lugares. Agulha leva a linha, que desenha, que me traz o desejo, com cores, texturas e ramas que se fazem. A linha me leva. Agulha traz a linha e vejo o que até ali não via. A linha que me leva também me traz. Me traz as memórias da infância, a escola, a caminho da escola, as casas e o terreiro. Me traz a experiência de estar adulto e buscar pelo que vivi.

Bordo com a repetição e ao mesmo tempo a criação. O movimento é igual ao anterior, mas diferente do que se segue. Antes e depois. Costurando tenho o tempo vivido, paralisado e vivo, minha memória, histórias, caminhos percorridos. Bordo e espero. Espero por algo que não sei o que é. Espero por pessoas que estiveram. Numa espera de algo que talvez não chegue. Ao mesmo tempo, o tempo se vai, sem nenhum atormento em ter que me esperar.

Espero pelos caminhos que andei, por quem não mais vejo, por andar por onde não mais passei, por sentar onde não mais posso, por sentir cheiros que não mais perfumam. Espero pelas delícias da minha memória. Espero pelo que não acontece e o que acontece que não me era esperado. Espero.

Fotografias bordadas. Papel costurado. As linhas no mundo são muitas. Pessoas e lugares vivos. Sentidos e sentimentos vividos e imaginados. O que percorri aconteceria, mesmo se por mim não tivesse percorrido. Os lugares que estive ainda estão lá. Ao bordar uma imagem, estou lá, quantas vezes eu quiser, e das vezes que eu não quiser. O que era antes vira o que é depois quando desenho com as linhas. Lugar que existe.

Nesses meus movimentos com as linhas trago Edith Derdick (2010), que diz: “[...] Sou prisioneira, mas somente costurando nasce uma possibilidade de tocar, com a ponta da agulha, o senso da liberdade” (DERDYCK, 2010, n.p). Derdyck (2010) completa: “A linha do horizonte a quem pertence: ao céu, ao mar, à terra? Onde se encontra a linha de encontro entre as coisas do mundo? A linha é fruto abstrato deste encontro concreto” (DERDYCK, 2010, n.p). Foi do córrego que cheguei à lagoa. Águas que sempre me trazem de volta. E que me levaram a sala de aula e me fizeram ser artista/professora/pesquisadora.

Imagem 60 - Obras Série: Que lugar sou eu? Detalhes tecidos bordados





Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Imagem 61 - Parede de Memória, Detalhe exposição



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Imagem 62 - Parede de Memória, Patuás



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

5.4 Diário de memórias

Independente das histórias, características, motivações e intenções de cada autor, o diário configura-se, inicialmente, num registro. Registro de ‘descobertas’ e vivências. Registro de trajetórias e segredos. Espaço para desabafar angústias e contar alegrias. Descrever situações, narrar episódios e escrever sobre si. Relatar processos e perceber acontecimentos importantes, significativos, na materialidade do escrito, do desenho, da fotografia (PECOITS, 2009, p.31).

Foi então, num desses nós nas minhas costuras que levei até a sala de aula a proposta da criação de um “Diário de memórias e miudezas”⁸. Um espaço, lugar, materialidade onde pudessem dizer sobre si, tendo a linha como fio de conexão e ponto de partida para o processo criativo, considerando as histórias, as experiências e as singularidades inscritas nos percursos de vida de cada criança e adolescente. Ostetto e Folque (2021) perguntam: “Como o mundo – a cultura, a arte, a natureza – afeta nossas maneiras de perceber e de significar, inteligível e sensivelmente, o vivido?” (OSTETTO; FOLQUE, 2021, p.3).

Imagem 63 - Obras Série: Quem sou eu? Diário de memórias



⁸ Termo criado e utilizado pelas professoras Luciana Esmeralda Ostetto e Maria Assunção Folque: Na escuta de estudantes-professoras: entre memórias e miudezas, retratos de formação estética.

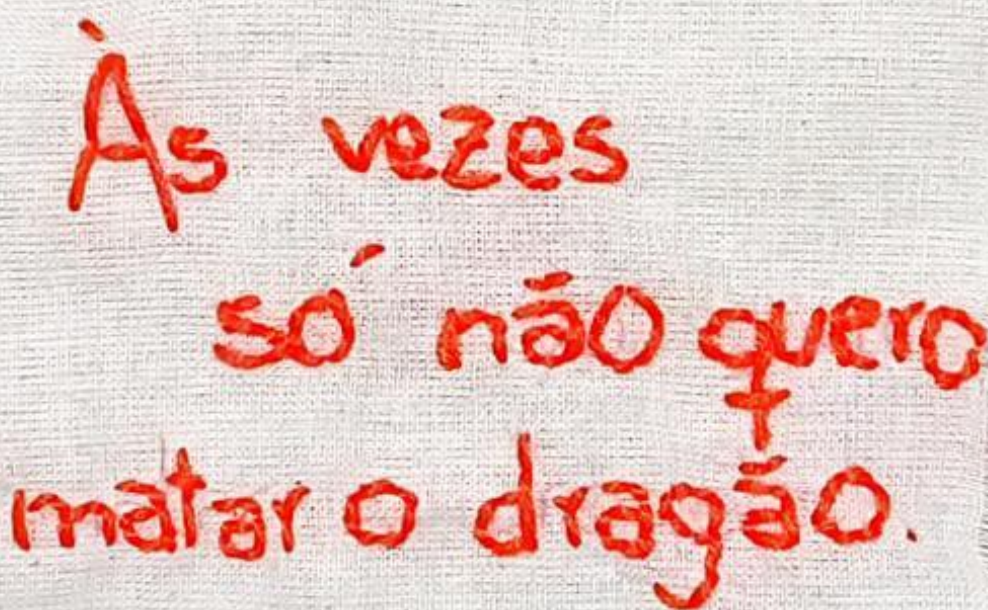




Esse diário de memórias como fonte de pesquisa de alguma forma transformou minha prática, pois à medida em que eu questionava o ser professora e propunha o uso da costura em sala, mais eu chegava no lugar da generosidade da troca e da aceitação das expectativas que depositamos em nós mesmos e nem sempre é alcançada ou é até ultrapassada. O não saber pode também levar à aprendizagem. Como diz Belidson (s.d.):

O artógrafo, o praticante da artografia, integra estes múltiplos e flexíveis papéis nas suas vidas profissionais. Não está interessado em identidade, só em papéis temporais. Vive num mundo de intervalos tempo/espaço, em espaços liminares, terceiros espaços, entre-lugares. Busca vários espaços, desde aqueles que nem são isso nem aquilo, àqueles que são isso e aquilo ao mesmo tempo. Busca diálogo, mediação e conversação (BELIDSON, s.d., p.7).

Imagem 64 - Série: Diário de memórias, Só não quero matar o dragão



Às vezes
só não quero
matar o dragão.

Às vezes só não quero matar o dragão. Tem dias que chego dentro da escola e fico ali olhando as coisas acontecerem. Tem dias que dá certo uma aula, tem dias que não. Tem dias que não consigo falar de tantas outras vozes dos estudantes. E tem dias que é só silêncio delas. Porém, de alguma forma com vozes ou silêncios é que se dá nossos encontros. A a/r/tografia não é apenas sobre si mesmo como artista/pesquisador/professor, mas é sobre um processo contínuo do fazer, do ser, do estar engajado em investigações que podem ser compartilhadas.

Estar engajado na prática de a/r/tografia significa investigar o mundo por meio de um processo contínuo de fazer arte em qualquer forma de arte e escrita não separadas ou ilustrativas uma da outra, mas interconectadas e tecidas uma com a outra para criar significados aprimorados. Os trabalhos a/r/tográficos são frequentemente operados por meio dos conceitos metodológicos de contiguidade, investigação viva, brechas, metáfora/metonímia, reverberações e excessos que são adotados e apresentados/performados quando circunstâncias de investigação estética relacional são vislumbradas como entendimentos incorporados e partilhas entre arte e texto, e entre as identidades amplamente concebidas de artista/pesquisador/professor (...) (IRWIN *apud* MARTINS, 2022. p.19).

Das vezes que não quero matar o dragão, não mato. Eu o levo para a sala de aula e compartilho com os estudantes. Deixo que decidam se o matam ou se “pintam e bordam” nele. Essa metáfora do dragão me veio num dia dentro da sala de aula quando eu não estava dando mais conta de tentar explicar aos alunos a proposta de aula do dia, conforme planejamento escolar exigido. Me bateu um desespero em não conseguir a atenção deles. Mas, olhando com mais calma, percebi que eles, assim como eu, sempre estão com a atenção voltada para algum lugar, alguma coisa. Eu que não estava conseguindo entender para onde olhavam, para onde seus corpos e mentes pulsavam. A arte não está separada da vida, mas costuradas num mesmo tecido. Eu não dou aula sozinha. Da mesma forma que não crio sozinha.

(...) Esse corte histórico entre artistas e não artistas, cuja gênese poderíamos retrair na história da arte ocidental e que o século XIX consagrou, põe o artista em um lugar à parte, reserva-lhe o dom da criatividade, disposição julgada inata que não se adquire, que se revela, se trabalha e se transpõe na obra (DELORY-MOMBERGER, 2017, p.174).

Como a infância ainda é potente em mim. Tudo que os estudantes vivenciam inflama em mim de alguma forma. A ausência da arte ou a presença gritante dela nos pequenos espaços. Qual narrativa produzimos conhecimento na escola? O que é o ser artista/professora/pesquisadora para mim? Talvez uma forma de amar o mundo através do conhecimento, da arte, dando

oportunidades para que os estudantes percebam as experiências estéticas que vivenciam e que nem sempre dão conta.

Foi numa aula que apresentei a artista negra contemporânea brasileira Sônia Gomes, conhecida por suas esculturas em técnica mista produzidas, principalmente, a partir de tecidos, fios e outros materiais têxteis além de objetos encontrados, colecionados ou doados. Mostrei algumas obras da artista e os estudantes ficaram encantados com a possibilidade de criar com folhas, tecidos, linhas. A intenção era trazer o tecido e a linha costurados, buscando a junção, torção, amarração, a criação orgânica de formas através da sua manipulação, criando existências, dando atenção ao volume, equilíbrio, cores das obras criadas. Os estudantes estão acostumados em pensar sempre em arte como algo sempre “figurativo”, que se entenda no mundo real. Contudo, a ideia foi atentar o olhar deles às formas específicas criadas, a diferença de cada trabalho, a complexidade das amarrações de cada peça.

Primeiro fazer, depois pensar.

Amarrar, torcer, costurar e dar vida a materiais tão comuns e vistos como insignificantes num ensino de arte. Os retalhos e pedaços de madeira usados recebem uma nova permanência, uma nova vida.



a imaginação é o impulso generativo de uma vida que é perpetuamente impelida pela esperança, promessa e expectativa da sua continuação. Nessa vida, como afirma o filósofo Gilles Deleuze (2001, p. 31), não há reais, apenas virtuais – as coisas encontram-se a caminho de serem atualizadas, ou dadas. Essa vida não pode ser encontrada num registro de realizações, e tampouco pode ser reconstruída como um curriculum vitae, através do arrolamento de certos marcos fixados ao longo de uma rota já percorrida. Ela passa pelos marcos como um rio entre as margens, se afastando deles à medida que vai fluindo (INGOLD, 2015, p.30).

Imagem 65 - Série: Bichos, O vazio da minha mente

Imagem 66 - Série: Bichos, Patricinha



Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Imagem 67 - Série: Bichos, O escândalo da pistola



Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Imagem 68 - Série: Bichos, Samara



Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Imagem 69 - Série: Bichos, Tocha Gato



Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

“Aumentar a compreensão do sujeito em relação às atividades humanas por intermédio dos meios artísticos” (NEITZEL; STEIL; FRANCES, 2022, p.6). Trabalhar não só os movimentos do artista, do pesquisador, do professor, mas como ele(s) se relaciona(m) com o outro e o meio onde se dá sua prática.

Para Irwin (2013), a *a/r/tografia* aproxima-se de uma pesquisa-ação por ser considerada uma prática viva e se justifica por ser “[...] um encontro constituído através de compreensões, experiências e representações artísticas e textuais” (IRWIN, 2013, p.28). O processo torna-se tão importante quanto o resultado – as vezes mais. Para a autora a pesquisa viva “[...] se trata de estar atento à vida ao longo do tempo, relacionando o que pode não parecer estar relacionado, sabendo que sempre haverá ligações a serem exploradas” (IRWIN, 2013, p.29).

Esse lugar de não apenas coletar dados, mas permitir o exercício da experiência através do fazer, da criação. Para Alves (2015),

(...) *a/r/tografia* se liga à pesquisa-ação, uma forma de pesquisa na educação muito utilizada nas últimas décadas, uma investigação impregnada da prática que permite, inclusive, intervenções, assim o investigar se relaciona diretamente às artes e à educação, uma pesquisa viva onde a produção de conhecimento pode se dar por meio de práticas de educadores e de artistas (ALVES, 2015, p.14-15).

A prática da *a/r/tografia* compreende as produções artísticas como forma de entendimento do problema, considerando os processos de arte e de escrita de modo entrelaçado, como se fossem uma trama de um tecido, onde os significados e a experiência vão surgindo de maneira individual ou coletiva. Para Larrosa (2002), experiência caminha nesse lugar da atenção, da escuta, da abertura, da troca, da sensibilidade. Segundo o autor:

Se a experiência é o que nos acontece e se o saber da experiência tem a ver com a elaboração do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece, trata-se de um saber finito, ligado à existência de um indivíduo ou de uma comunidade humana particular; ou, de um modo ainda mais explícito, trata-se de um saber que revela ao homem concreto e singular, entendido individual ou coletivamente, o sentido ou o sem-sentido de sua própria existência, de sua própria finitude. Por isso, o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência (LARROSA, 2002, p.27).

Se a experiência é toda essa disponibilidade, essa forma humana singular de estar no mundo, mesmo que o sujeito pense que está aprendendo com a experiência do outro, não está. A menos que essa experiência seja revivida e, a partir disso, tornada própria. É exatamente o que acontece quando o aluno G.J.L diz “Professora eu não sei costurar. Nunca fiz isso. Aprendi. Professora, me dá um pedaço de pano e linha para eu costurar em casa? (...) Gostei de costurar, você acredita?”. Essa experiência é só dele. Mas, de alguma forma eu aprendi com ela e tornei ela minha, pois eu comecei a costurar sem imaginar até onde iria com a agulha e linha e já me encontrei nesse lugar parecido.

A imagem artística tem uma espécie de corporalidade e gera narrativas que se interlaçam com o restante texto da investigação. As inter-relações da imagem artística com o texto, e vice-versa, ensinam, portanto, algo de diferente, permitindo que nos questionemos mais profundamente a respeito das nossas práticas enquanto artistas e professores e também enquanto investigadores, posto que muitos dos insights gerados por estas investigações processuais, levam-nos também a pensar a investigação enquanto dispositivo que temos ao nosso dispor para conhecermos meta-cognitivamente determinados aspectos de uma dada realidade exterior, (sobretudo os estéticos e os sensíveis, entre outros) enquanto também nos conhecemos a nós mesmos e nos construímos subjetivamente (IRWIN *apud* CHARRÉU, 2019, p.97).

Para NEITZEL; STEIL; FRANCES (2022), “na perspectiva a/r/tográfica o pesquisador coloca-se também como sujeito da experiência, visto que precisa estar aberto e sensível aos movimentos da pesquisa, representando sua compreensão pela via artística e vivendo seu trabalho por meio de suas práticas pedagógicas.” (p.11). Os a/r/tógrafos “[...] enquanto integram teoria, prática e criação através de suas experiências estéticas, ‘produzem sentido’ no lugar de fatos e dados” (OLIVEIRA *apud* NEITZEL; STEIL; FRANCES, 2022, p.12).

Imagem 70: Professora I



Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

6 CONSIDERAÇÕES APRENDIDAS

Antes de iniciar as considerações finais, quero trazer o que chamo de considerações aprendidas, que não precisam ser finais, mas que de alguma forma conclui meu pensamento e minha pesquisa. Falei aqui por várias vezes em sala de sala. Mas o que é a sala de aula? No primeiro momento, vem à nossa cabeça: uma sala onde se tem aula, um espaço fechado, dentro de uma escola, onde há mesas, cadeiras, quadro branco, o alfabeto pendurado bem em cima do quadro branco, com alunos sentados, seus cadernos e livros abertos e um professor ou professora, de costas para a turma, escrevendo no quadro e os alunos copiando. Mas, não fiquemos no primeiro momento, não fiquemos somente com os recortes de e.v.a., com o “seja bem-vindo” nas portas e com estudantes concentrados em suas mesas, aprendendo tudo que lhe é ensinado no dia, pelo(a) professor(a), que é a autoridade maior ali. Agora, abandonemos a ideia de escola como instituição fechada, com sua funcionalidade ordenada, regulamentadora, com estudantes todos iguais e abramos nossos olhos e ouvidos para o que realmente está à nossa frente.

Adentremos agora numa sala de aula em uma escola dentro da rede pública de ensino, numa comunidade carente de recursos financeiros, mas rica em cultura e histórias. Os estudantes dentro dessa sala de aula são cada uma, uma. Todas vivem com suas famílias: família com pai e mãe, com mãe e vó, com pai e irmãos, com mãe e irmãos, outras somente com avó, outras com a tia e outras onde essa criança é o pai e mãe de seus irmãos. Uma realidade que muitas vezes não paramos para observar, mas que está escancarada na nossa frente. Ali, em suas casas, muitos vivem cotidianamente a dureza dos dias, pandemias outras além de doenças físicas vistas com nossos olhos apressados, doenças silenciosas.

Dificuldades, desafios, cansaço, depressão, exclusão, solidão, perda, doenças que por muitas vezes não são visíveis, mas que são estão ali, todos os dias, na sala de aula, são sentidas, mas são cobertas pelos conteúdos e planejamentos do(a) professor(a). Isso é uma sala de aula. Essa foi a sala de aula que eu trouxe nessa pesquisa.

Numa sala de aula, eles não “deixam pra trás” o que estão sentindo e vivendo para ir estudar. Ao contrário, é para lá, para a escola, que correm em busca de afeto, amizade, diversão, aceitação, mas quase nunca em busca de estudar. A sala de aula pode ser também um espaço de escuta, acolhida e de expressão. Assim, ao adentrarmos numa sala de aula hoje não temos corpos domesticados e fechados, contidos para aprender o que somente é dito pelo(a)

professor(a). Temos crianças, com suas vozes, presenças, sabedorias, histórias e formas de aprender. E isso elas vão nos apresentar, cada uma à sua maneira, com pequenas e grandes ações num curto tempo de 50 minutos de aula. “Professora, posso ir ao banheiro? Professora, depois dele sou eu. Eu também. Não vamos sair da sala hoje? Vamos para as mesinhas lá fora? Quer ajuda, professora? Oh gente, deixa elas explicar que a gente sai da sala depois. Não quero pintar. Não sei fazer. Pode ser em grupo? Quem é no próximo horário? Quanto tempo falta para bater o sinal?”. Nesse intervalo pequeno de cada aula, vejo corpos pulsando, em movimento, de vozes gritando, de ansiedades por uma aula que atraia seu olhar, que encante, que cada um se prenda, sem que precise ficar sentado e em silêncio para isso acontecer.

(...) Este é o sentido do verbo latim *educare*: criar, cultivar, inculcar um padrão de conduta aprovado juntamente com o conhecimento que o sustenta. Há, contudo, uma variante etimológica que relaciona o termo a *educere*, ou seja, *ex* (fora) + *ducere* (levar). Nesse sentido, educar é levar os noviços para o mundo lá *fora*, ao invés de – como é convencional hoje – inculcar o conhecimento *dentro* das suas mentes. Significa, literalmente, convidar o aprendiz para dar uma volta lá fora. Que tipo de educação é essa, que se dá durante o caminhar? E o que faz da caminhada uma prática tão eficaz para a educação, concebida nesse segundo sentido? (INGOLD, 2015, p.23).

E na aula de Arte? Como tornar visível o que sentem, pensam, desejam, pela própria produção? Como estar junto, criar junto na sala de aula ou fora dela? Saindo da sala de aula e indo para a sala dos professores, se sabe direitinho quem é cada aluno(a), sua vida privada e de brinde uma avaliação do seu comportamento. Bom, é isso pelo menos que muitos professores, a sua maioria, deixam claro no seu grupo, entre uma xícara de café e um lanche. Professores e seus “achismos”. Professores trazem sempre suas observações de como os estudantes são em sala de aula, classificando cada uma: “Esse é preguiçoso. Aquele não faz nada em casa e nem em sala. Ele vem para escola para passear. Muda ela de carteira que para de conversar. Dá uma suspensão que aprende. Ele não para sentado, tem que dar suspensão. Chama a direção. Manda chamar os pais dele aqui. Eu não dou ‘colher de chá’ para aluno enrolado. Não estou aqui para alfabetizar.” Simas (2019) pergunta: “(...) Como educar? Como pensar o corpo de meninas e meninos a partir da escola, em geral um ambiente disciplinador e amansador dos corpos pulsantes?” (SIMAS, 2019, p. 42). Não sei a resposta, Simas. Estou em busca. Eu pergunto: Mas e os professores? Como educar os professores no espaço da sala de aula? Como ensiná-los a lidar, respeitar, ensinar e aprender com o outro nesse lugar? Para Simas (2019), a educação precisa deixar de se esconder em seus “aparatos teóricos, leituras clássicas e ideologias redentoras” (SIMAS, 2019, p.42).

Precisamos de corpos fechados ao projeto domesticador do domínio colonial, que não sejam nem adequados nem contidos para o consumo e para a morte em vida. Precisamos de outras vozes, políticas porque poéticas, musicadas; da sabedoria dos mestres das academias, mas também das ruas e de suas artimanhas de produtores de encantarias no precário. A escola colonial, tão presente, busca educar corpos para o desencanto e para os currais do mercado de trabalho, normatizados pelo medo de driblar/gingar/pecar (SIMAS, 2019, p.42).

A sala de aula pode ser o lugar da escuta e trocas quando professores, diretores e todo “corpo” da escola entenderem que cada um aprende de forma diferente e em tempo diferente. O professor não tem que tomar o poder para si pelo fato de que aquele conteúdo é “somente ele quem sabe”. Numa sala de aula, e trazendo aqui uma aula de arte, esse saber não deve ser restrito ao professor, esse movimentar-se não deve ser repreendido, a fala não deve ser calada. Para Delory-Momberger (2020), é necessário “(...) permanecer consciente da contradição que essas posições respectivas chamam e deixar vir, circular em um quiçá por vezes difícil “compartilhamento do sensível” (DELORY-MOMBERGER, 2020, p.179).

Mas e o mundo lá fora? Mais uma vez Simas (2019) vem nos lembrar: “A educação está também fora dos muros escolares. Se a escola não reconhecer isso, pior para ela e para quem ela educa. Aí mora o problema.” (SIMAS, 2019, p.42). Então, se já estamos todos os dias dentro de uma sala, que tal sairmos lá fora?

Qual a posição do(a) professor(a) nisso tudo? O(a) professor(a) precisa, então:

Criar um espaço-juntos, onde cada um vai poder pousar, com sua existência, sua história, suas experiências, suas dúvidas, suas vontades, seus projetos. Trata-se de construirmos juntos um espaço comum, numa inter-relação na qual cada um possa ver-se, escutar-se, encontrar-se (...) (DELORY-MOMBERGER, 2020, p.182).

A escrita de uma dissertação só existe quando nos deixamos afetar. O ser professora só existe quando se há escuta e partilha. O processo de criar só existe quando vem de dentro para fora. Numa pesquisa de cunho artográfico as investigações só acontecem devido às práticas que são a própria vida do pesquisador que vai sendo construída, entrelaçada à medida que se faz. Numa pesquisa de cunho autobiográfico o exercício da (re)memoração é desencadeador de um processo de produção e consciência de si e do mundo. A prática nos permite recriar, através do ato artístico, as dimensões do humano, do que é por nós conhecido ou desconhecido, acolhendo as incertezas e incompletudes do viver. Cada sujeito e situação se modifica no curso da

experiência, o que significa que uma experiência estética não tem o mesmo sentido para todos. Quanto mais experiências com a arte, com as experimentações, o sujeito se conhece, se expressa e entende como a arte pode ajudar com suas emoções, facilitando narrar e trazer sua própria vida por meio do fazer artístico. Escrever a própria história de vida é, seja através de palavras, desenhos, pinturas, costura, permite a construção de uma representação de si e reflexão do seu lugar no mundo.

Qualquer que seja o lugar, uma sala de aula, um ateliê de arte, deve ser um espaço que propicie encontro, trocas, o fazer junto, fazer sozinho, o estar junto, a experimentação, o erro, o acerto, o aprendizado com o erro e com o acerto. Para isso, preciso dar autoria a esses estudantes. Produzir, seja em sala ou fora dela, explorar espaços, andar pela cidade, parar, sentar e conhecer o outro. Para Delory-Momberger (2020), o professor faz parte do grupo e como tal ele participa desse “fazer-juntos”, não tomando esse lugar que faz parte do imaginário de muitos ainda, do professor como autoridade que detêm a informação e ela é o seu poder ali, perante os estudantes, mas como alguém que é mais um do grupo, que compartilha e troca suas experiências e conhecimentos que provoca a reflexão, mas que não fica alheia a ela e às emoções de cada criança, naquele momento. Para Delory-Momberger (2020) a criação deve ser compartilhada e é construída a partir dessa colocação dos corpos e vozes, horizontalmente, “(...) trazer a experimentação da criatividade coletivamente para provocar um deslocamento identitário, transformando esse *poder de fazer* em *poder de agir*” (DELORY-MOMBERGER, 2020, p.176).

Por meio do bordado dentro do contexto escolar fui em busca de responder algumas questões que se fizeram latentes em mim desde aluna até ser professora de Arte. A pergunta latente em mim que se deu a escrita dessa pesquisa é: Como os estudantes usam o bordado como potência para criação em Arte no contexto da escola?

Foi levando o uso do bordado para a sala de aula, em uma escola pública, que trago minhas experiências do “ser artográfico”, que se descobre à medida que faz, costurando com referências de artistas que bordam da contemporaneidade, em busca de responder à minha pergunta da pesquisa. Para Pimentel (2015), a experiência tem como completude o envolvimento total do sujeito na ação, onde o saber da experiência não se separa do próprio indivíduo. Larrosa (2002) disse que a primeira nota que devemos ter sobre esse saber da experiência é a sua qualidade existencial, ou seja, sua relação com a existência daquele sujeito e sua vida. Então, como os

estudantes usam o bordado como potência para construção de proposta de Arte no contexto da escola? “Eles não usam e não tem que usar!” Essa é minha resposta, que encontrei no meio do caminho ou no início dele para meu problema de investigação. Os estudantes não começaram e não tem que que começar pelo bordado, assim como eu também não comecei, mesmo que eu tenha encontrado o bordado com minhas experiências.

Eu comecei nas tentativas de pintura, escultura, fotografia até que cheguei ao bordado. Elas não têm que tentar encontrar e criar indo pelo exatamente mesmo caminho que eu fui, através do bordado. Elas usaram o que tinham, o que queriam, o que fez sentido de forma individual. Experiência só é válida se fizer sentido. Foi o que aconteceu comigo. Só foi válido para mim, pois fez sentido para mim. Essa marca da falta de um fazer artístico que fizesse sentido para mim na minha infância ressoou nas minhas decisões enquanto professora de Arte.

Depois desse caminho, foi então que minha pesquisa se voltou para o ensino/aprendizagem em arte, partindo do uso do bordado, indo de encontro com as experiências e vivências de alunos. Como e o que faz a gente garantir um processo de criação com os alunos em sala de aula? Como é possível organizar numa escola pública que a arte seja um elemento fundamental na formação desses estudantes? Fui costurando partindo das minhas experiências e das referências imagéticas que tive, das minhas experiências com arte e de como cheguei dentro da sala de aula. Reafirmo que esse processo de pesquisa foi um encontro da artista-professora-pesquisadora com os artistas-crianças-alunos dessa escola.

Gostaria ainda de destacar que as reflexões sobre o contexto do bordado, tem a intenção de trazer a história para mais perto de nós que por tantos anos sempre foi ligado ao pertencimento do doméstico. Contudo, com a arte contemporânea artistas estão colocando o bordado em outro lugar, de maior visibilidade. Penso que o bordado pode ser visto também como objeto de subversão para confrontar o passado e para dizer quem borda não são só as mulheres, mas homens, pessoas pretas, pessoas brancas, gays, loucos, mulheres prendadas e não prendadas, crianças, professoras, artistas, pesquisadoras.

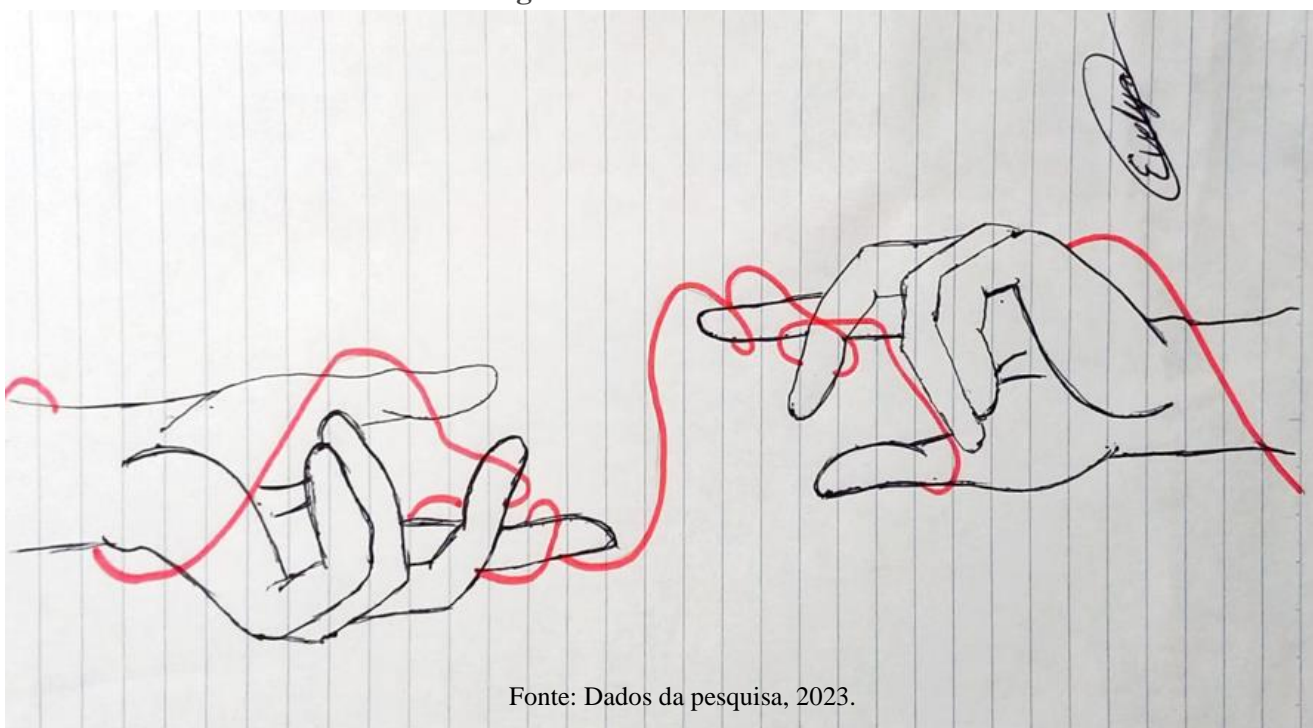
Ao levar o bordado para a sala de aula busquei oferecer esta oportunidade para estudantes que estão acostumados em apenas colorir desenhos prontos e já apontam como sendo arte. A prática de ornamentar com linhas e fios re(existe) como suporte da memória e das vidas de bordadeiras e dos artistas que bordam. As tramas aqui costuradas são provas de que quando o sujeito é

capturado pelo desafio e imerge completamente na ação de investigar, fazer, pensar artisticamente e proporcionar trocas sensíveis do *eu* com o mundo, tem-se a experiência em arte, que busco trazer através dessa pesquisa em formato de diário, com narrativas e imagens, sendo ele minha obra final. O sujeito no seu processo criativo envolve na obra que está sendo criada de forma que ele e a obra são inseparáveis. O meu lugar enquanto professora-artista-pesquisadora me coloca no lugar de não apenas coletar dados, mas permitir o exercício da experiência através do fazer, da criação, tornando visível práticas invisíveis dentro dos muros da escola, para os estudantes e para mim.

Dos registros da pesquisa o que ficou e ficou fertilizado em mim é o ser professor inteiro. O bordado é uma arte das bordas, que circunscreve nossa história através do movimento da linha com a agulha nos juntando em algum ponto nas nossas fronteiras, nossos limites, nossas arestas.

Dos registros, da investigação para responder a minha pergunta inicial, vejo o bordado como uma potência possível de ser trabalhada no ensino de arte. Mas mais do que isto esta pesquisa me revelou a escuta atenta que temos que ter como professoras para acolher o que os estudantes nos trazem com suas perguntas, questionamentos e reflexões. Saber se Lagoa Santa tem artistas, não foi a minha pergunta inicial, mas que veio provocada pelo caminho que fui desenvolvendo com a arte com esses estudantes. Se até então eu tinha uma pergunta, hoje tenho duas! Ficou fertilizado com esta reflexão o que é o ser professora de arte por inteira e que escrever com agulhas linhas e fios pelas bordas do Córrego do Bomfim, é escrever com coragem para (re)começar para seguir na docência, na arte, na vida.

Imagem 71 - Linhas



REFERÊNCIAS

ALVES, Daniela de Sá. **A/R/TOGRAFIA UMA METODOLOGIA DE PESQUISA EDUCACIONAL BASEADA EM ARTE A BUSCA PELA FORMAÇÃO DO ARTISTA-PESQUISADOR-PROFESSOR**. Especialização em Ensino de Artes Visuais. Escola de Belas Artes da UFMG. 2015.

ALVES, Daniela de Sá. **Experiência, criação e contemporaneidade**: partilhas sobre ensinar e aprender arte. Revista Apotheke. 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.5965/24471267722021209>>. Acesso em: 03 jun. 2023.

BACHELARD, Gaston. A casa. Do porão ao sótão. O sentido da cabana. In: DANESE, Antonio de Pádua; ABILIO, Rosemary Costhek. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p.23-54.

BARBIERI, Stela. **Territórios da invenção**: ateliê em movimento. 1. ed. – São Paulo: Jujuba, 2021.

BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos Utópicos**. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

BELTING, Hans. **A imagem autêntica**. p.28-31. 2006. Disponível em: <<https://www.passeidireto.com/arquivo/46642567/hans-belting-a-imagem-autentica>>. Acesso em: 05 ago. 2023.

BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única**: Obras escolhidas. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho; José Carlos Martins Barbosa. 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. Disponível em: <https://monoskop.org/images/2/22/Benjamin_Walter_Obras_escolhidas_2.pdf> Acesso em: 15 mai. 2018.

CARDINALI, Paulo. **O pintor que virou peixe**. Belo Horizonte: Starling, 2021.

CARDINALI, Paulo. **Peter Brandt Arte e Ciência em Lagoa Santa no Séc. XIX**. Youtube, 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5IhYihbB9W0>>. Acesso em: 18 nov. 2022.

CASA FIAT DE CULTURA. **Vídeo do Artista: Aqueles (In)visíveis por Rodrigo Mogiz**. Youtube, 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=BCfxP7dRbRs>>. Acesso em: 18 jan. 2023.

CASA FIAT DE CULTURA. **“Aqueles (In)visíveis” terá visitas virtuais nas plataformas da Casa Fiat de Cultura**. 2021. Disponível em: <<https://clickmuseus.com.br/aqueles-invisiveis-visitas-virtuais/>>. Acesso em: 07 jun. 2022.

CHARRÉU, Leonardo Verde. **A cartografia e a artografia como métodos vivos de investigação em arte e em educação artística**. Diacrítica, v. 33, n. 1, 2019, p. 87-103. Disponível em: <<https://www.semanticscholar.org/paper/A-cartografia-e-a-artografia-como-m%C3%A9todos-vivos-de-Charr%C3%A9u/c97e84a322c8c27e7437a3b0ac0b6b93ada7d20b>>. Acesso em: 18 jan. 2023.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **A pesquisa biográfica ou a construção compartilhada de um saber do singular**. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica, Salvador, v. 01, n. 1, 2016. Disponível em: <<https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/2526>>. Acesso em: 25 jul. 2022.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **A criação compartilhada**: uma biografização coletiva. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene; SOUZA, Elizeu Clementino de. **Pesquisa Narrativa: interfaces entre histórias de vida, arte e educação**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2017.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Abordagens Metodológicas na pesquisa biográfica**. Revista Brasileira de Educação, v. 17, n. 51, p. 523-536, 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/5JPSdp5W75LB3cZW9C3Bk9c/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 25 jul. 2022.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **A criação compartilhada**: uma biografização coletiva. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene; SOUZA, Elizeu Clementino de. (Org.). **Pesquisa narrativa: interfaces entre história de vida, arte e educação**. Editora UFSM, 2020, Cap. VII, p.173-186.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **A pesquisa biográfica ou a construção compartilhada de um saber do singular**. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica, Salvador, v. 1, n. 1, p. 133-147, 2016. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/326964666_A_PESQUISA_BIOGRAFICA_OU_A_CONSTRUCAO_COMPARTILHADA_DE_UM_SABER_DO_SINGULAR>. Acesso em: 25 jul. 2022.

DERDYK, Edith. **Linha de costura**. 2ª edição. Belo Horizonte: Editora C/ Arte, 2010.

DERDYK, Edith. **Formas de Pensar o Desenho**: Desenvolvimento do Grafismo Infantil. 3ª edição. São Paulo: Scipicione, 1989.

DERDYK, Edith. **Pensamento e Ação no Magistério. Formas de Pensar o Desenho**. Desenvolvimento do Grafismo Infantil. Editora Scipione. 3ª Edição. 2003.

DIAS, Belidson. **Preliminares: A/r/tografia como Metodologia e Pedagogia em Artes**. S.d.

DIEDERICHSEN, Maria Cristina. **PESQUISA BASEADA EM ARTE: CRIAÇÕES POÉTICAS DESDOBRANDO MUNDOS**. Palíndromo, v. 11, n.25, p.64-84, set- dez. 2019.

EVARISTO, Conceição. **Escrevivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Organização Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes; ilustrações Goya Lopes. -1. ed. - Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FAMILY – What’s that? [Brazil]. 2019. Disponível em: <<https://www.youngidea.org/online-exhibition>>. Acesso em: 25 jul. 2022.

FILHO, Osmar Gonçalves dos Reis. Reconfigurações do olhar: o háptico na cultura visual contemporânea. **VISUALIDADES**, Goiânia, v.10 n.2, p.75-89, 2012. Disponível em: <

<https://revistas.ufg.br/VISUAL/article/download/26551/15145/111331>>. Acesso em: 25 jul. 2022.

FREIRE, Paulo. Carta de Paulo Freire aos professores. **Estudos Avançados**, v.15, n.42, 2001. <https://doi.org/10.1590/S0103-40142001000200013>

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra.1986.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25ª edição, São Paulo: Paz e Terra, Coleção Leitura, 1996.

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. (Org.). **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

INGOLD, Tim. O dédalo e o labirinto: caminhar, imaginar e educar a atenção. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 21, n. 44, p. 21-36, 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832015000200002>>. Acesso em: 20 jul. 2022.

IRWIN, Rita; DIAS, Belidson (Org). **Pesquisa educacional baseada em arte: A/r/tografia**. Ed. UFSM. Santa Maria, 2013.

LARROSA, Jorge. **Escritos sobre a experiência: Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. 1. ed.; 2. Reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. Universidade de Barcelona, Espanha. Jan/Fev/Mar/Abr, 2002.

LEITE, Carlos Willian. **Os 10 melhores poemas de Manoel de Barros**. Poesia, 2014. Disponível em: <<https://www.revistabula.com/2680-os-10-melhores-poemas-de-manoel-de-barros/>>. Acesso em: 01 out. 2023.

MACEDO, Juliana Gouthier; PIMENTEL, Lúcia Gouvea; DESAI, Dipti. **COLONIZADOS, MAS NÃO PARA SEMPRE... A PROBLEMATIZAÇÃO COMO CONDIÇÃO PARA UM ENSINO DE ARTE CRÍTICO E SEM HIERARQUIAS ESTÉTICAS E ARTÍSTICAS**. Encontro Nacional Anpap, Belém, Pará 15 a 20 Out. 2013.

MAIER, Vivian. **Espelho**. 2023. Disponível em: <<https://www.vivianmaier.com/>>. Acesso em: 18 jul. 2020.

MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias. Rita Irwin: a a/r/tografia e a potência de encontros educativos como práticas artísticas. **Trama Interdisciplinar**, São Paulo, v. 13, n. 2, 2022. Disponível em: <<https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tint/article/download/15338/11621/68388#:~:text=Estar%20engajado%20na%20pr%C3%A1tica%20de,para%20criar%20signi%2D%20ficados%20aprimorados.>>. Acesso em: 13 fev. 2023.

MEBO THEATRE DOCUMENTARIES. **How do you see yourself in this period of Covid 19**. Youtube, 2020. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=ZudIDleY3AM> >. Acesso em: 18 abr. 2021.

MOMOLI, Daniel Bruno. **Pensar a escola além dela mesma: arte contemporânea e educação – Parte 1**. Disponível em: < <https://www.ufrgs.br/arteversa/pensar-a-escola-alem-dela-mesma-arte-contemporanea-e-educacao-parte-1/> >. Acesso em: 07 jun. 2023.

MUSEU BISPO DO ROSARIO. **O Prisioneiro da Passagem - Hugo Denizart**. Youtube, 2020. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=8MzFTaOvsCQ&t=1s> >. Acesso em: 01 out. 2023.

NEITZEL, Adair de Aguiar; ISLEIDE, STEIL; FRANCES, Letícia. **PESQUISA EDUCACIONAL BASEADA EM ARTE: A/R/TOGRAFIA ARTS BASED EDUCATIONAL RESEARCH: A/R/TOGRAPHY**. Revista da Fundarte, Dezembro, número 52. 2022.

OLIVEIRA, Orlando José Ribeiro de; OLIVEIRA, Marília Flores Seixas de. Fases da história da fotografia e a questão da aura, segundo Walter Benjamin. **Discursos fotográficos**, Londrina, v. 10, n.16, p.163-190, 2014. Disponível em: < <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/viewFile/14227/14593> >. Acesso em: 27 jun. 2017.

OSTETTO, Luciana Esmeralda; FOLQUE, Maria Assunção. **Na escuta de estudantes-professoras: entre memórias e miudezas, retratos de formação estética**. 2021

OSTETTO, Luciana Esmeralda; KOLB-BERNARDES, Rosvita. Modos de falar de si: a dimensão estética nas narrativas autobiográficas. **Pro-Posições**, v.26, n.1 (76), 2015. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/pp/v26n1/0103-7307-pp-26-01-0161.pdf> >. Acesso em: 22 out. 2017.

OSTETTO, Luciana Esmeralda; KOLB-BERNARDES, Rosvita. **Infâncias em diários de formação estética: narrativas de estudantes de pedagogia e de arte**. Revista @ambienteeducação. São Paulo, Universidade Cidade São Paulo, v.12, n.2, p.164-180 maio/ago, 2019.

PASSEGGI, Maria da Conceição; NASCIMENTO, Gilcilene; RODRIGUES, Senadaht. Narrativas de crianças sobre a escola: desafios das análises. **Revista Lusófona de Educação**, núm. 40, 2018. Disponível em: < <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=34958005007> >. Acesso em: 29 out. 2022.

PASSEGGI, Maria da Conceição. A experiência em formação. **Educação**, Porto Alegre, v.34, n.2, p.147-156, 2011. Disponível em: < <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/download/8697/6351> >. Acesso em: 07 ago. 2023.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrar é humano: autobiografar é um processo civilizatório. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; SILVA, Vivian Batista da (Org.). **Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p.103-127.

PASSEGGI, Maria da Conceição; NASCIMENTO, Gilcilene; RODRIGUES, Senadaht. Narrativas de crianças sobre a escola: desafios das análises. **Revista Lusófona de Educação**, Portugal, n. 40, 2018. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=34958005007>>. Acesso em: 07 ago. 2023.

PAULA, Eduardo de. **Os olhares de Brandt**. 01 fev. 2013. Disponível em: <<https://sumidoiro.wordpress.com/2013/02/01/peter-brandt-lund-claussen-lagoa-santa-trondhjein-finmarkens-amtstidende-skilling-magazin-fazenda-samambaia-sumidouro-eugen-warming-rousseau-naif-arthur-rimbaud-cabare-verde-el-greco-pintura-primitiva/>>. Acesso em: 07 ago. 2023.

PAULINO, Rosana. **Imagens de sombras**. 2011. 99 f. Tese, Doutorado em Artes Visuais - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27159/tde-05072011-125442/publico/tese.pdf>>. Acesso em: 18 jan. 2023.

PECOITS, Sariane da Silva. **Querido diário?** Um estudo sobre registros e formação de professores. Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2009.

PEREIRA, Carolina Nascimento; TRINCHÃO, Gláucia Maria Costa. As imagens bordadas na arte do século XXI. In: XIV Seminário de Desenho, Cultura e Interatividade, 14, 2019, p.1-12, Feira de Santa; SANTOS, Pedro Augusto Vieira et al. (Org.). **Anais do Seminário do Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade**. Disponível em: <<https://periodicos.uefs.br/index.php/AnaisPPGDCI/article/view/5029/pdf>>. Acesso em: 18 jan. 2023.

PENSADOR. **O poeta é um fingidor**. 2005. Disponível em: <https://www.pensador.com/o_poeta_e_um_fingidor/>. Acesso: 03 jul. 2022.

PIMENTEL, Lúcia Gouvêa. **Processos artísticos como metodologia de pesquisa**. Ouvirouver, Uberlândia, v.11, n1, p.88-98, jan/junho 2015.

PIMENTEL, Lúcia Gouvêa. **Abordagem Triangular e as narrativas de si:** autobiografia e aprendizagem em Arte. Revista GEARTE, Porto Alegre, v.4, n.2, p.307-316, maio/ago. 2017.

POSTAIS PARA O FUTURO. 2020. Disponível em: <<https://postaisparaofuturo.wordpress.com/page/4/>>. Acesso: 03 jul. 2022.

SILVA, Gabriela Alvarenga Cardoso. **INTERSEÇÕES: CARTOGRAFIAS POSSÍVEIS DE UMA MULHER ARTISTA PROFESSORA:** conversas decoloniais. Programa de Pós-graduação em Artes, Universidade Federal de Minas Gerais. 2022.

SIMAS, Luiz Antonio. **O corpo encantado das ruas**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2019.

SOUKI, Adel. **“Adel Souki: Série Professores Artistas” UFMG 2013**. Youtube, 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mWmYCNsh_ss>. Acesso em: 07 dez. 2018.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **Abordagem experiencial**: pesquisa educacional, formação e história de vida. In: Salto Para o Futuro: Histórias de vida e formação de professores, boletim 1 mar. 2007, p. 14-22.

SOUSA, Juliana Padilha. **TRAMAS INVISÍVEIS**: Bordado e a Memória do Feminino no Processo Criativo. Belém, Pará, Programa de Pós Graduação em Artes, Universidade Federal do Pará. 2019.

VERSIANI, Ney. **MEMORIAL DO BORDADO**: recontando histórias. 2021. Disponível em: <<https://www.versitextil.com/post/memorial-do-bordado-recontando-hist%C3%B3rias>>. Acesso em: 07 jun. 2022.

VIEIRA, Erika Viviane Costa. Bordados em Marília e Dirceu: linhas de amor e de referência intermediática. **Revista do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da UnB**, Brasília, v. 19, n. 1, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/revistavis/article/view/32585>>. Acesso em: 14 nov. 2022.

